SÃO PAULO E OS PIONEIROS:
Novos Encontros

Coordenação
Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno





PALACETE ELIAS CHAVES
Foto: Guilherme Gaensly, [1902?]
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Brasil




AGUA BRANCA
RAILWAY
Barra Funda
Campos Elyzeos
Villa Pompeia
Perdizes
STA CECILIA
V. Buarque
Hygienopolis
Pacaembú
Reservatorio do Araçá
CONSOLAÇÃO
BELLA VISTA
Villa Cerqueira Cesar
Villa America
Jardim America
Jardim Europa
Jardim Paulista
VILLA MAR

SÃO PAULO E OS PIONEIROS:

Novos Encontros

Coordenação
Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno

publicações BBM

Copyright © 2020 by Jacques Marcovitch - Maria Cristina Oliveira Bruno

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBMUSP)

S239
São Paulo e os pioneiros: novos encontros / coordenadores: Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno. - 1.ed. - São Paulo: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2020.
112 p. ; 20 x 25 cm

ISBN: 978-65-87963-07-9

1. História de São Paulo. 2.Demografia e economia de São Paulo. 3.Museologia 4.Iconografia. I. Marcovitch, Jacques. II. Bruno, Maria Cristina Oliveira.

CDD 338.981

Bibliotecária: Jeanne B. Lopez, CRB-8/7268

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Pró-reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado
Pró-reitora adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN
Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron
Vice-diretor Alexandre Moreli

PUBLICAÇÕES BBM
Editor Plinio Martins Filho
Editores assistentes Millena Santana
Claudia Alejandra Sarmiento Moreno

Direitos reservados à

Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin
Rua da Biblioteca, 21 | CEP 05508-065

Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: bbm@usp.br | Tel.: (11) 2648-0320
Printed in Brazil 2020
Foi feito o depósito legal

As Publicações BBM estão à disposição dos detentores de direitos de uso de imagem que não responderam às solicitações enviadas ou não foram localizados.

Concepção e Pesquisa

Implementação

Apoio

Patrocínio

Realização

APRESENTAÇÃO

por Jacques Marcovitch
e Maria Cristina Oliveira Bruno

Este livro marca uma etapa na itinerância nacional da exposição *Pioneiros & Empreendedores*. A mostra aconteceu no Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo, no final de 2019, fruto de exitosa parceria entre os seus organizadores e o Sebrae. Na cerimônia de abertura, os pioneiros, por meio da obra que construíram e de seu legado imaterial, foram-nos apresentados por seus descendentes: Luiz Fernando Furlan (*Attilio Fontana*), Betty e David Feffer (*Leon Feffer*), Frederico Lundgren (*os Lundgren*), Basílio Jafet *(Nami Jafet*) e Ilana Benchimol Minev (*Samuel Benchimol*).

A publicação que agora chega aos leitores integra um projeto editorial iniciado em 2012, com o livro *Os caminhos do processo de musealização*, e continuado em 2016, com a obra *O Brasil reencontra os pioneiros – Textos e contextos regionais*, ambos atrelados às exposições organizadas pela Expomus e realizadas no Rio de Janeiro, em Manaus, Fortaleza e no Recife.

O volume *São Paulo e os pioneiros* traz em sua primeira parte ensaios de Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein, Alexandre Macchione Saes e Jacques Marcovitch, tendo por foco a cena econômica, demográfica e política em que se iniciou e prosperou o pioneirismo empreendedor no estado de São Paulo. Complementam-se, esses conteúdos, na interpretação do mesmo fenômeno e seus nexos com elementos decisivos de nossa memória social, como a Independência, o abolicionismo e os ideais republicanos.

A segunda parte da publicação reúne textos que informam sobre os caminhos percorridos para o processo de musealização apresentado em São Paulo. O texto de Maria Cristina Oliveira Bruno desvela as características dessa exposição no que tange ao processo museológico-curatorial colaborativo, com ênfase para a sua apresentação no Palácio dos Campos Elíseos, um singular exemplo de um lugar da memória referente ao pioneirismo empreendedor paulista. Outros dois textos, na sequência, informam sobre as distintas dimensões de pesquisa que subsidiaram este projeto. Por um lado, Fernanda Carvalho explicita a importância da pesquisa iconográfica neste contexto e, por outro, Viviane Longo detalha aspectos da pesquisa voltada para o refinamento do discurso museológico. O texto de Marina Toledo relata as ações educativas realizadas ao longo do período em que a exposição ficou aberta ao público.

Nos meses que antecederam a abertura e ao longo do período em que este projeto esteve aberto a visitação, diversos encontros, seminários e cursos foram realizados, com a participação de distintos segmentos de profissionais vinculados à temática do pioneirismo e à produção deste evento museológico.

A realização da exposição no Palácio dos Campos Elíseos, atraindo cerca de 7 mil visitantes e harmonizando-se com as finalidades do Sebrae, chegou a despertar o interesse daquela entidade pela instalação permanente, no histórico local, de um "Museu do Empreendedorismo", a partir do projeto expositivo e de sua base teórica.

Os entendimentos foram suspensos em decorrência da devolução do espaço ao governo do estado. Cabe registrar, no entanto, o enfático interesse manifestado pela Superintendência do Sebrae como um bem-vindo e animador reconhecimento ao projeto e a seus desdobramentos. Outro estímulo a ser registrado foi o apoio à exposição pelo Liceu de Artes e Ofícios, coincidentemente fundado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, um dos pioneiros homenageados. Comoveu-nos o depoimento de um dos alunos do Curso de Educação Profissional Técnica em Multimídia, que se encarregou da criação de uma campanha publicitária para a exposição. Escreveu o jovem que essa experiência trouxe resultados concretos em sua iniciação profissional. Promover o encontro de uma pessoa com o seu ofício, talvez de vida inteira, representa muito para um projeto que trata da missão social do empreendedorismo.

Por último, registremos um fato que sensibilizou fortemente a equipe do projeto: a publicação de editorial no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 27 de outubro de 2019, destacando a relevância da exposição. O título e o subtítulo já antecipavam o conteúdo de aplauso irrestrito: "*A saga do desenvolvimento. O verdadeiro empreendedor é empregador, não predador do trabalho alheio, porque sabe apreciá-lo e paga o seu preço*". A mostra, sublinhava o texto, era uma verdadeira "imersão balsâmica" e captava o empreendedorismo e suas virtudes com exemplos inspiradores para a construção de uma nova era.

Conselho de Administração
Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Membros
Fernando C. Mesquita, Fernão Lara Mesquita, Francisco Mesquita Neto, Gerulo Luiz de Alencar e Júlio César Mesquita

Opinião
Editor Responsável: Antonio Carlos Pereira

Diretor de Jornalismo: João Fábio Caminoto

Diretor Presidente: Francisco Mesquita Neto
Diretora Jurídica: Mariana Uemura Sumpaio
Diretor de Tecnologia: Nelson Garneri
Diretor Financeiro: Marcos Bueno

estadão.com.br
A versão na Internet de O Estado de S. Paulo

Notas & Informações

Surtos autoritários



O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello chamou recentemente a atenção para o "momento extremamente delicado" que o País atravessa. O decano do STF denunciou os "surtos autoritários" e os "inconformismos incompatíveis com os fundamentos legitimadores do Estado de Direito". Apontou também as "manifestações de grave intolerância que dividem a sociedade civil", estimuladas pela "atuação sinistra de delinquentes que vivem na atmosfera sombria do submundo digital". Esses delinquentes seriam parte de um "estranho e perigoso projeto de poder".

Uma vez implementado, disse o ministro Celso de Mello, tal projeto de poder "certamente comprometerá a integridade dos princípios que informam e sobre os quais se estrutura esta República democrática e laica, concebida sob o signo inspirador e luminoso da liberdade, da solidariedade, do pluralismo político, do convívio harmonioso entre as pessoas, da livre e ampla circulação de ideias e opiniões, do veto ao discurso do ódio, do repúdio a qualquer tratamento preconceituoso e discriminatório, do respeito indeclinável pelas diferenças e da observância aos direitos fundamentais de todos os que integram, sem qualquer distinção, a coletividade nacional".

Não foram palavras ao vento. O surto autoritário a que aludiu o ministro de fato está em pleno curso. Em nome de uma guerra imaginária contra o "comunismo", mobilizam-se as energias do Estado e da sociedade para combater impiedosamente um inimigo que, como uma insidiosa bactéria, estaria infiltrado no corpo nacional. Essa mobilização se dá tanto na superfície, por meio de ações e declarações dos atuais ocupantes do governo, como no subterrâneo das redes sociais, onde habitam os delinquentes a que aludiu o ministro Celso de Mello.

Numa luta dessa natureza, é claro que a democracia é um obstáculo, pois esse regime pressupõe o respeito à opinião alheia e a aceitação dos limites impostos pela lei. Todo aquele que critica o atual governo ou se dispõe a lhe fazer oposição política tem sido tratado como "comunista" – isto é, como inimigo – pelas milícias digitais bolsonaristas, estimuladas explicitamente por integrantes do primeiro escalão da administração federal e da família do presidente Jair Bolsonaro, quando não pelo próprio Bolsonaro.

Os protestos no Chile e no Equador contra governos vistos por Bolsonaro como aliados na tal luta contra o "comunismo" serviram de pretexto para que o presidente invocasse a possibilidade de mobilizar as Forças Armadas a fim de conter, no Brasil, eventuais atos "terroristas" – que é como Bolsonaro qualificou as manifestações no Chile.

Ora, numa democracia, nenhum projeto de poder é legítimo se nele opositores são tratados como "terroristas", se contra estes se ameaça usar força militar, se a imprensa livre é considerada inimiga e se sádicos digitais são incitados a destruir reputações alheias e a disseminar mentiras para confundir a opinião pública em favor da ideologia do presidente e de seu entorno.

Não se sabe qual será o próximo passo da escalada, mas o alerta do ministro Celso de Mello está longe de ser um exagero; deve, ao contrário, ser levado a sério por todos aqueles que, malgrado sua eventual decepção com a política, ainda acreditam que a democracia é o melhor regime.

Sabe-se que ainda há inconformados com a redemocratização do Brasil. Para estes, o País foi entregue de mão beijada aos "comunistas" derrotados nos porões da ditadura militar, razão pela qual não demonstram o menor respeito pelo regime democrático. Antes limitados às margens da política, esses radicais se julgam agora com poder para desafiar a ordem que, em sua concepção, foi criada para dar boa vida a esquerdistas. A tentação autoritária, portanto, está no ar.

Sendo assim, é crucial, mais do que nunca, que as instituições não se dobrem à truculência dos que se mostram incapazes de se subordinar à ordem democrática. Antes que a serpente da tirania choque seu ovo, cabe aos homens e mulheres responsáveis deste país seguir o exemplo de Celso de Mello e colocar-se de prontidão contra os liberticidas que ousem atentar contra a República.

A saga do desenvolvimento

A saga do desenvolvimento

Não é fácil empreender num mundo em que as tecnologias aniquilam profissões com a mesma velocidade que criam outras – tanto mais num país abalado pela recessão e pela corrupção. Para quem está começando, a exposição *Pioneiros & Empreendedores*, promovida pelo Sebrae no Palácio dos Campos Elísios em São Paulo, é uma imersão balsâmica.

A palavra "empreender" está carregada do mesmo sentido etimológico que "compreender", "aprender", "surpreender", do latim *prehendere* (*prae-* "antes" e *hendere* "pegar"), fruto da raiz protoindo-europeia *hend-* – dos tempos em que a empresa humana nascia da agricultura e do pastoreio –, cujas duas conotações, "tomar pela força" e "erguer pela força", sinalizam a distinção entre o bom e o mau empreendedor.

O verdadeiro empreendedor é empregador, não predador do trabalho alheio, porque sabe apreciá-lo e paga o seu preço. A ânsia de ganho, a ganância de enriquecer com as riquezas dos outros, que é o espírito do mau empreendedor, é transmutada pelo bom empreendedor na ambição de enriquecer enriquecendo seus próximos. Toda profissão tem seus empreendedores. O hábitat natural do empreendedor é a iniciativa privada, mas ele inspira os empreendedores no serviço público, assim como os empreendedores da cidadania no terceiro setor.

Ele não se enquadra nos tipos intuídos por Sergio Buarque de Holanda nas raízes do Brasil, os aventureiros e os trabalhadores, porque é ambos. Ele conquista territórios desconhecidos, cultiva terras virgens, empregando multidões.

É um erro reduzi-lo a "dono do capital". Se o empreendedor, com seu apreço pela livre-iniciativa e pela propriedade particular, encarna o pensamento liberal, se ele se apreende com o projeto socialista de reduzir todos a operários do Estado, nem por isso se prende ao capitalismo. "A verdade", como diz o curador Jacques Marcovitch na trilogia que dá o nome à exposição, "é que os empreendedores ultrapassam a condição de meros patrões. Seus negócios geram, além de lucros, empregos; e além de empregos, novas ideias, novos conceitos de negócio, novas formas de gestão e novos produtos e serviços."

A exposição o prova. Lá está o primeiro e maior empreendedor nacional, Visconde de Mauá, contador, economista, administrador, legislador e diplomata, criador da primeira estrada de ferro, do primeiro grande banco e da indústria no Brasil; Jorge Street, "empresário socialista", "poeta da indústria"; Roberto Simonsen, símbolo do empresário esclarecido; Luiz de Queiroz, precursor do agronegócio, que, como Guilherme Guinle, fomentou a pesquisa de ponta; pioneiros, como Ramos de Azevedo (construção civil) ou Leon Feffer (celulose); os que vieram de longe – e do nada –, como o libanês Nami Jafet, precursor da indústria têxtil, ou Francisco Matarazzo, "cuja trajetória vertiginosa veio demonstrar que graças à indústria todos poderiam ser artífices do próprio sucesso"; dinastias, como as iniciadas com Valentim Diniz (Pão de Açúcar), José Ermirio de Moraes (Votorantim), Johannes Gerdau, Roberto Marinho e, claro, Julio Mesquita, que entrou na redação da *Província de São Paulo* para dar à luz, junto com a República, este **O Estado de S. Paulo**, cujos legatários protagonizaram momentos decisivos não só da política, como da cultura, a começar pela criação da Universidade de São Paulo.

Lá está ainda a vanguarda de uma revolução silenciosa, as mulheres pioneiras, empreendedoras da esperança, seja a de doentes mentais (Nise da Silveira), deficientes físicos (Dorina Nowill), ou pobres (Irmã Dulce).

"O que aconteceu é tão importante quanto o que está acontecendo e o que vai acontecer", diz Marcovitch. "A história se conta em três tempos indissociáveis. Não se poderá compreendê-la sem meditar sobre as experiências anteriores, enfrentar os reptos da atualidade e pensar ousadamente o futuro." Recordar a história desses heróis é o melhor meio para o jovem empreendedor começar a viver a história que vislumbra no horizonte, aquela que deve transformar em realidade.

As mudanças no Future-se

Três meses depois de ter lançado o Future-se, um programa de reformulação do ensino superior público que foi muito criticado pela maioria dos reitores das universidades federais, o Ministério da Educação (MEC) tomou uma iniciativa saudável. Em vez de apresentar os detalhes do programa, como havia sido prometido, alterou várias diretrizes que havia anunciado, reconhecendo desse modo a procedência das críticas dos reitores.

Desde que o Future-se foi submetido a consulta pública, após seu lançamento, 40 mil pessoas cadastraram-se para fazer críticas e propor mudanças. As principais críticas versavam sobre o esvaziamento da autonomia universitária em matéria administrativa, a interferência de órgãos estranhos às universidades públicas na vida acadêmica e a ameaça das fontes de financiamento. Quase todos esses pontos foram classificados como inconstitucionais por muitos reitores. Em resposta, o MEC nomeou uma comissão de juristas para remover os obstáculos legais.

Mais enxuta do que a anterior, a nova redação do Future-se enfatiza a "obediência à autonomia universitária" como uma de suas diretrizes fundamentais. Também suprime algumas ideias originais, como as menções às ideias de governança e gestão. A versão original autorizava apenas as organizações sociais (OSs) já reconhecidas pelo MEC a gerir as universidades e abria caminho para que Sociedades de Propósito Específico (SPE) e startups pudessem fazer o mesmo. Já a nova versão classifica as fundações de apoio das universidades públicas – por elas criadas para servirem de ponte entre a academia e a iniciativa privada – como alternativa às OSs.

Outro ponto alterado trata dos tipos de contratos de gestão de atividades administrativas e de ensino que poderão ser firmados pelas universidades federais. A proposta inicial previa um plano de ação, diretrizes de governança e gestão de políticas de pessoal. Pela nova versão, o contrato que o governo assinará com as universidades federais estabelecerá metas a serem atingidas. E, para avaliar se elas foram atingidas, o MEC terá de criar uma lista de indicadores de desempenho. Além disso, o órgão retirou em outro ponto que era considerado intocável por seus dirigentes. A ideia era obrigar as universidades públicas a reduzir gastos com pessoal. A nova versão não menciona esse tipo de despesa.

Com relação às fontes adicionais de financiamento, a versão divulgada em julho autorizava as universidades federais a comercializar produtos, criar fundos patrimoniais, locar imóveis e cobrar pelo atendimento médico de pacientes com plano privado de saúde. A nova versão do Future-se suprimiu essa cobrança e tratou de modo mais detalhado a criação e a gestão dos fundos patrimoniais.

Por fim, o MEC reduziu o número de leis que terão de ser alteradas para a implementação do Future-se. Pela nova versão, o órgão decidiu não mudar quatro leis que estavam na versão original e incluiu outras duas. Entre as que desistiu de alterar, as mais importantes são as leis que estruturam o Plano de Carreiras e Cargos para Magistério Público e definem regras sobre regime especial de tributação. Entre as duas leis que incluiu, a mais importante é a que estabelece o Plano de Carreira dos Servidores Técnicos das universidades federais. A ideia é aumentar a lista de atribuições, permitindo que os servidores técnicos coordenem projetos de ensino e pesquisa, desde que a atuação seja restrita a atividades administrativas.

Depois de divulgar a nova versão do Future-se, o MEC anunciou que a submeterá a nova consulta pública a partir de 28 de outubro. Desde o início do atual governo, essa foi a primeira vez que o órgão agiu com bom senso e disposição ao diálogo, deixando de lado o envisamento ideológico e a agressividade com que seus dirigentes vinham tratando as universidades federais. Ainda é cedo para saber se esse será o comportamento do MEC de hoje em diante ou se foi apenas uma estratégia para tentar obter apoio para um projeto mal recebido pela academia.

Fragmento da página, "Notas & Informações", de *O Estado de S.Paulo*, 27 out. 2019.

cia, nem o Direito. A única coisa que mudou foi a prisão do Lula. A Suprema Corte do País, ao mudar de entendimento sem nada que justifique tal atitude, está apenas atendendo a um chamado da cadeia.

PETER CAZALE
pcazale@uol.com.br
São Paulo

Spoiler

Não é preciso ser vidente para saber que o próximo passo do STF vai ser a declaração de inconstitucionalidade da Lei da Ficha Limpa, dada a absoluta presunção de inocência até o trânsito em julgado de decisão condenatória. Lula antecipadamente agradece.

O presidente do STF, ministro Dias Toffoli, que será o último a votar, deu a entender que poderá mudar de posição sobre a validade da prisão após a segunda instância. Até o momento, o placar está em 4 votos a 3 a favor do cumprimento antecipado da pena e a previsão é que a votação termine empatada. Como o julgamento só será retomado no dia 6 ou 7 de novembro, restanos apenas "rezar" para que o ministro Dias Toffoli decida que a prisão após a segunda instância é o mais certo para o Brasil. Caso vote em contrário, o País estará desalinhado com o entendimento das maiores democracias do mundo.

EDGARD GOBBI
edgardgobbi@gmail.com
Campinas

"O Brasil é o país das maravilhas para quem tem tendência a surrupiar o dinheiro alheio"

VIRGÍLIO MELHADO PASSONI / JANDAIA DO SUL (PR), SOBRE CORRUPÇÃO E IMPUNIDADE
mmpasson@gmail.com

"A verdadeira questão analisada pelo STF é se pode ou não haver prisão após a Lava Jato"

MARCELO GOMES JORGE FERES / RIO DE JANEIRO, IDEM
marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com

"Evo Morales, quarto mandato. É o sonho dourado de Lula e do PT"

SILVIO LEIS / SÃO PAULO, SOBRE OS DELÍRIOS DE PODER PERPÉTUO DO PRESIDIÁRIO E SEU PARTIDO
silvioleis@hotmail.com

VOCÊ NO ESTADÃO.COM.BR

TEMA DO DIA — COMENTÁRIOS NO PORTAL E NO FACEBOOK

Papa quer órgão para Amazônia no Vaticano

Francisco disse que floresta sofre 'todo tipo de injustiça' e elogia ativismo da sueca Greta Thunberg

5.392

● "Não sou católica, mas esse papa é admirável. Exemplo de como deveriam se portar líderes religiosos."
MARCELLA MARQUES

● "É impressionante o interesse só na Amazônia. Deveria criar um órgão no Vaticano para Mariana e Brumadinho também."
PENHA PEDREIRA

● "Estão caminhando a passos largos para uma internacionalização da Amazônia!"
DIONE STAMATO

O ESTADO DE S. PAULO

Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55 - CEP 02598-900 São Paulo - SP
Tel.: (11) 3856-2122

Redação: 6º andar
Fax: (11) 3856-2940
E-mail: forum@estadao.com

O **Estado** reserva-se o direito de selecionar e resumir as cartas. Correspondência sem identificação (nome, RG, endereço e telefone) será desconsiderada.

Central de atendimento ao assinante Capital e Regiões Metropolitanas: 4003-5333 Demais localidades: 0800-014-77-20 https://meu.estadao.com.br/fale/cancelar
Central de atendimento ao leitor: Fale com a redação: 3856-2122 falecom.estado@estadao.com Classificados por telefone: 3855-2001
Vendas de assinaturas: Capital: 3850-9000 Demais localidades: 0800-014-9000
Vendas Corporativas: 3856-2917
Central de atendimento às agências de publicidade: 3856-2131 - ca@estadao.com
Preços venda avulsa: SP: R$ 5,00 (segunda a sábado) e R$ 7,00 (domingo). **RJ, MG, PR, SC e DF:** R$ 5,90 (segunda a sábado) e R$ 8,00 (domingo). **ES, RS, GO, MT e MS:** R$ 7,50 (segunda a sábado) e R$ 9,50 (domingo). **BA, SE, PE, TO e AL:** R$ 8,50 (segunda a sábado) e R$ 10,50 (domingo). **AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC e RO:** R$ 9,00 (segunda a sábado) e R$ 11,00 (domingo)
Preços assinaturas: De segunda a domingo – SP e Grande São Paulo – R$ 134,90/mês. Demais localidades e condições sob consulta.

Carga tributária federal: 3,65%.

PUBLICAÇÃO DA S.A. O ESTADO DE S. PAULO

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE
O PIONEIRISMO PAULISTA ENTRE O PASSADO E OS DESAFIOS DO FUTURO

DEMOGRAFIA E ECONOMIA PAULISTA: 1850-1950 13

PIONEIROS E EMPREENDEDORES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL: COMO CELEBRAR 2022? 20

PIONEIROS PAULISTAS E PIONEIRAS BRASILEIRAS EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO 28

DESCENDENTES, DEPOIMENTOS E DOCUMENTOS 46

SEGUNDA PARTE
O REENCONTRO DOS PIONEIROS EM SÃO PAULO: NOVOS OLHARES MUSEOLÓGICOS

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS: PIONEIROS & EMPREENDEDORES EM SÃO PAULO 49

A PESQUISA ICONOGRÁFICA SOBRE O PIONEIRISMO PAULISTA 71

A PESQUISA PARA OS DISCURSOS MUSEOLÓGICOS 85

DIÁLOGOS ENTRE OS JOVENS, PIONEIRAS E PIONEIROS 96

PRIMEIRA PARTE

O PIONEIRISMO PAULISTA ENTRE O PASSADO E OS DESAFIOS DO FUTURO

DEMOGRAFIA E ECONOMIA PAULISTA: 1850-1950

por Francisco Vidal Luna
e Herbert S. Klein

A região paulista pertencia a uma área que, no século XIII, era totalmente marginalizada dos fluxos econômicos da Colônia, concentrados no Nordeste açucareiro até o início do século. A área passou a ganhar relevância com a exploração de ouro e diamantes em Minas Gerais e, posteriormente, em parte de Goiás e Mato Grosso. O deslocamento do eixo econômico para Minas Gerais e para o Rio de Janeiro gerou estímulos para a expansão da embrionária economia de subsistência existente na capitania de São Paulo, pois os eixos de abastecimento passavam por ali. O principal deles ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro, encaminhando ouro para o porto e abastecendo a região com mercadorias da produção local ou importadas. Ademais, existia um intenso fluxo de mulas, criadas no extremo sul da Colônia, e enviadas através de São Paulo para o amplo mercado influenciado pela economia do ouro. Sorocaba, localizada nessa rota do Sul, tornou-se o principal centro de comercialização e distribuição desses animais, em atendimento à crescente demanda por animais de tiro. Ao longo das principais rotas de abastecimento, que cruzavam essa ampla região, formaram-se núcleos de suporte às tropas de mulas, origem de muitas vilas e cidades de São Paulo e do sul do Brasil.

O estímulo às atividades econômicas direcionadas ao mercado representou um importante surto populacional e econômico para a capitania. Tal fato pode ser atestado pela substituição da força de trabalho indígena pela introdução do trabalho escravo de origem africana em São Paulo, quase inexistente ao se iniciar o século XVIII. Em 1765, já eram 23 mil desses trabalhadores, enquanto a população paulista era de 83 mil pessoas. A população distribuía-se por 18 vilas e pela cidade de São Paulo. Esta tinha 20 mil habitantes; Sorocaba, a maior das vilas, possuía 8 mil habitantes.

A partir dos anos 1780, a extração de ouro e diamantes entrou em processo de rápida decadência, mas logo ganharam relevância dois novos produtos, os primeiros exportáveis. No final do século XVIII desenvolveu-se uma importante atividade açucareira na capitania, no chamado quadrilátero do açúcar (Mogi Guaçu, Jundiaí, Porto Feliz e Piracicaba). Embora de pequena dimensão, se comparada ao Nordeste e à região do Rio de Janeiro, representou o primeiro surto de atividade de grande envergadura na capitania e o primeiro produto tipicamente exportável. Ali se consolidou um núcleo de riqueza e infraestrutura econômica, que teria importância quando o café penetrou na região. O açúcar era enviado para o porto de Santos e dali embarcado para o Rio de Janeiro, por onde era exportado. O açúcar paulista era considerado de baixa qualidade, pois se deteriorava no encaminhamento dos centros produtivos para o porto de Santos, realizado por caminhos de péssima qualidade e sem infraestrutura adequada (PETRONE, 1968).

No início do século XIX, consolidava-se a produção cafeeira. Produzido inicialmente no Rio de Janeiro, o café penetrou em São Paulo pelo Vale do Paraíba e pelo litoral norte. Assim como ocorria com o açúcar, a exportação do café paulista era realizada através do Rio de Janeiro, que se tornou o principal produtor de café em meados do século XIX. Em São Paulo, destacavam-se algumas cidades do Vale do Paraíba, particularmente Bananal e Areias (LUNA E KLEIN, 2006).

Nada do futuro extraordinário de São Paulo era perceptível em 1850. Transformada em província após a independência do Brasil, contava com apenas 500 mil habitantes (Minas, Bahia e Pernambuco tinham cada uma delas mais de 1 milhão), e sua capital, São Paulo, possuía menos de 25 mil residentes (contra 166 mil do Rio de Janeiro e entre 60 e 70 mil em Recife, Mariana e Salvador). A província tinha poucas estradas, nenhuma ferrovia, e seu principal porto, Santos, dedicava-se principalmente ao comércio costeiro e muito pouco ao comércio internacional. Com um vasto território esparsamente povoado, a província ocupava posição marginal no Brasil, com pouca importância no contexto nacional e internacional. A imensa maioria de sua população era rural, e a ocupação econômica efetiva limitava-se a uma faixa de não mais de 200 quilômetros a partir da costa. De fato, a maior parte de seu território era controlada por numerosas tribos indígenas que não haviam sido integradas ao Império Brasileiro. Os mapas da época dividiam a província em duas partes – uma delas era classificada como "ocupada por índios bravios" (LUNA E KLEIN, 2006).

Tudo isso mudou no século seguinte. A razão básica dessa mudança extraordinária foi a expansão da cafeicultura no território paulista, transformando São Paulo na principal região cafeeira do Brasil e do mundo. Foi a partir da década de 1850 que a cafeicultura finalmente se tornou uma atividade econômica significativa na província. Fazendas de café surgiram nas áreas costeiras de São Paulo e na parte paulista do Vale do Paraíba, a partir do Rio de Janeiro, ainda então a principal província cafeeira (DELFIM NETTO, 1981).

A expansão da fronteira agrícola enfrentava dois desafios: a questão da mão de obra e o sistema de transportes. Este era uma limitação crucial para a expansão da cafeicultura no Oeste Paulista, pois os caminhos para o porto de Santos continuavam precários e a longa distância tornava muito caro o escoamento da produção por tropas de mulas pelo porto do Rio de Janeiro. Havia a necessidade de criar um sistema de transportes eficiente para acesso ao porto de Santos. O Rio de Janeiro, com a Estrada de Ferro D. Pedro II, foi pioneiro na implantação de ferrovias no Brasil. Em São Paulo, a solução veio em 1867, com a inauguração da São Paulo Railway Company, com 139 quilômetros que ligavam Jundiaí ao porto de Santos, atravessando a cidade de São Paulo e criando um sistema eficaz de transposição da Serra do Mar. Crucial para o acesso ao porto de Santos, essa ferrovia foi criada com capital inglês e contou com a garantia de 7% de retorno sobre o capital investido, 5% assumido pelo governo central e 2% pela província de São Paulo. A partir de então, houve rápida expansão de ferrovias na província, em empreendimentos liderados pela elite paulista. O resultado foi a criação de uma complexa malha ferroviária, que acabaria servindo a todas as regiões da província e a todas as atividades, embora estruturadas para atender aos interesses da cafeicultura (SAES, 1981; MATOS, 1974; SUMMERHILL, 2018).

Aberta a fronteira agrícola pela expansão das ferrovias, a outra limitação seria a escassez de mão de obra, a partir da paralisação do tráfico internacional de escravos em 1850. A transferência de cativos de outras atividades e de outras regiões permitiu a continuidade da expansão da produção, tanto pelo Vale do Paraíba paulista como por uma lenta penetração no chamado "Oeste Paulista". A alta produtividade das novas fazendas deu aos cafeicultores da província condições para importarem trabalhadores escravizados de outras regiões. Paralelamente às iniciativas individuais para introduzir o trabalho assalariado livre, o governo e a elite paulista também buscavam uma solução mais ampla. Em 1871, o parlamento provincial aprovou uma lei que autorizava a emissão de apólices para ajudar a financiar os agricultores que quisessem trazer trabalhadores imigrantes livres. No mesmo ano, um grupo de empreendedores paulistas fundou a Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração, com o objetivo de

trazer imigrantes para trabalhar nos cafezais. Em 1881, um novo e importante avanço no esforço para promover a imigração foi a criação da Hospedaria dos Imigrantes, para acolher e alocar trabalhadores estrangeiros. Além disso, os imigrantes teriam pagas suas passagens de trem de Santos à capital, juntamente com a diferença no custo entre a passagem da Europa para o Brasil e a da Europa para os Estados Unidos.[1] Mas pouco resultado foi obtido com tais medidas (HOLLOWAY, 1984; MONBEIG, 1984).

Nos anos 1880, o regime escravista começou a desmoronar e o problema da mão de obra nos cafezais tornou-se agudo. Em 1884, pressionado pelos cafeicultores, o governo da província de São Paulo assumiu integralmente os custos das passagens dos imigrantes europeus que viessem trabalhar na agricultura paulista. Com essa lei, a província estabeleceu a base para uma imigração em massa de europeus para São Paulo.

O obstáculo final a essa migração era a escravidão, que foi abolida em 1888. Entre 1827 e 1884, haviam entrado apenas 37 mil imigrantes estrangeiros; nos dez anos seguintes à lei de 1884, chegaram 509 mil imigrantes europeus. Dos 2,3 milhões de imigrantes que entraram em São Paulo entre 1887 e 1928, metade teve as suas passagens subsidiadas pelo Estado. Embora outros estados brasileiros também recebessem imigrantes nesse período, a maioria veio para São Paulo. Assim, apesar da abolição da escravidão em 1888, a produção de café foi pouco afetada, graças à substituição dos escravizados por imigrantes.

A abundância de mão de obra livre assalariada e a ampla rede ferroviária implantada no estado ensejaram a consolidação do Oeste Paulista e outras regiões pioneiras do estado como as novas áreas hegemônicas da agricultura brasileira, pois dispunham de terras virgens, de boa qualidade, e clima adequado ao cultivo do café. Embora o Vale do Paraíba ainda produzisse café em uma escala significativa até o fim da escravidão, caminhou rapidamente para a decadência. O uso prolongado e intensivo da região, sem cuidados especiais de preservação, havia deteriorado os solos, que se tornavam pouco produtivos. Ademais, os cafeicultores do Vale do Paraíba alocavam grande parte dos seus capitais em escravos, que se tornaram imediatamente livres. A maioria não teve condições de competir, mantendo sua produção em cafezais velhos e pouco produtivos, que não seriam renovados (DELFIM NETTO, 1981).

Assim, apesar da limitada capacidade fiscal durante o Império, a província de São Paulo conseguiu sustentar o desenvolvimento da infraestrutura necessária para viabilizar a expansão da cafeicultura e dar a partida no processo de substituir a mão de obra escrava pelo trabalho de imigrantes europeus. Ainda dentro da estrutura imperial, São Paulo criara as condições que permitiram ao subsequente governo estadual, nas primeiras décadas do século XX, liderar o processo econômico do país. Embora tenha contado com recursos do Império, limitados e incertos, a província dependia essencialmente de recursos locais, públicos ou privados (LUNA E KLEIN, 2019). Ao final do Império, a província contava com uma população de 1,4 milhão de habitantes (Minas Gerais, com 3,2 milhões) e a cidade de São Paulo possuía apenas 65 mil habitantes, contra mais de 500 mil no Rio de Janeiro.

O regime republicano recém-estabelecido reverteu a centralização do Império e optou por um regime extremamente descentralizado. A primeira constituição republicana criou o mais completo sistema federativo já existente no Brasil e concedeu autonomia substancial aos estados. São Paulo, como líder da economia cafeeira, defendeu ardorosamente a descentralização, pois assim poderia agir

1. O imigrante pagava sua passagem. Era mais barato ir para os Estados Unidos do que vir para o Brasil. Para que o Brasil fosse um destino competitivo quanto ao custo da passagem, o governo se propôs a pagar a diferença de valor, o que, no entanto, não trouxe o retorno esperado, uma vez que a atratividade dos Estados Unidos naquele momento era maior do que a atratividade para o Brasil.

com autonomia e criar um governo estadual poderoso, capaz de defender os vários interesses econômicos paulistas nas esferas regional e nacional. Esse é um momento crucial da história do estado.

Com a transformação do Estado Unitário em Federação, coube a cada novo estado criar uma organização burocrática independente, envolvendo uma estrutura tributária autônoma, um sistema judiciário próprio, uma força policial independente e forte, bem como um complexo sistema de instituições nas áreas de educação, saúde e até de pesquisa científica básica. Os anos iniciais da República Velha assistiram a um grande esforço para organizar essa estrutura. Esse é um período fascinante da história do estado de São Paulo, pois rapidamente cria-se uma organização de "Estado" semelhante a uma nação (LUNA E KLEIN, 2019).

A questão fiscal foi crucial. Aos estados foi transferido o direito de tributar suas exportações. O café seria a base fiscal essencial a explicar a capacidade financeira paulista, tanto na arrecadação própria, como na capacidade de obter empréstimos internos e externos. Somente com uma base fiscal sólida seria possível apoiar a produção por meio de recursos vultosos no financiamento da imigração e do suporte permanente ao sistema ferroviário e ao mesmo tempo desenvolver ações nas áreas de segurança pública, justiça, saneamento, saúde e educação.

A saúde pública recebeu muita atenção da elite paulista. Os problemas nesse sentido aumentaram com o grande afluxo de imigrantes, que se instalaram em áreas infestadas e insalubres, sem a infraestrutura necessária e o preparo que lhes assegurassem condições de vida satisfatórias. A manutenção de uma força de trabalho sadia na cafeicultura requeria lidar de maneira rápida e eficaz com as várias epidemias que tradicionalmente afetavam o estado, tornando premente a adoção de uma política de saúde capaz de erradicar a proliferação de doenças epidêmicas. Assim, uma das prioridades nos primeiros anos da República foi o controle de epidemias, em especial a de febre amarela, que ameaçavam tanto as populações urbanas como os trabalhadores das fazendas de café. Como São Paulo dependia da força de trabalho de imigrantes, as regiões produtoras deveriam ser convenientemente saneadas, para atrair colonos e mantê-los saudáveis. Avanços sanitários praticados na Europa e na América do Norte foram adotados, provocando assim um interesse tão profundo que impeliu São Paulo a criar instituições e práticas de saúde pública antes dos demais estados da República, e até de muitos países da América Latina.

Além de implantar o Serviço Sanitário de São Paulo e aprovar o código sanitário, muitas instituições foram criadas no período. Entre elas podemos citar o Instituto Vacinogênico, o Instituto Serumtherápico, que depois se tornou o Instituto Butantan, e o Instituto Bacteriológico de São Paulo e o Instituto Bromatológico, que compõem atualmente o Instituto Adolfo Lutz. Em 1913 foi criada a Faculdade de Medicina.

Também foram realizados avanços importantes na área educacional, setor que pouco avançara no Império. A educação pública seria gratuita e dividida em ensino primário, secundário e superior. O ensino primário foi declarado compulsório para ambos os sexos até os 12 anos de idade, começando aos 7 anos. A legislação determinou que não fossem nomeados professores sem concurso, com exceção dos formados pelas escolas normais. No período Vargas, por pressão das lideranças empresariais paulistas, seria criado o sistema de aprendizado industrial, um dos mais exitosos programas de formação profissional do mundo.

As atividades produtivas relacionadas ao conhecimento científico também receberam atenção. As caraterísticas fundamentais e o tipo de desenvolvimento da economia do estado durante a

Primeira República explicam a prioridade dada à agricultura. Em 1886 havia sido criada a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, entidade incumbida de fornecer mapas temáticos do território. Nesse mesmo ano, o Império havia fundado uma central de agronomia na província de São Paulo, o Instituto Agronômico de Campinas, entidade pioneira na época, e durante muitas décadas a mais importante do Brasil. Em 1892, o governo do estado inaugurou uma escola de agricultura e uma faculdade de engenharia. Em 1901, as primeiras turmas ingressaram na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, que viria a se tornar a principal escola de agronomia do país. O Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal, fundado em 1927, tornou-se também um importante centro científico para a agricultura. Sua criação foi motivada pelo surgimento de uma praga do café em 1924, que evidenciou a necessidade de se estabelecer um centro de pesquisas científicas e de medidas defensivas para preservar plantas e animais de doenças.

O governo também promoveu a engenharia. Em 1892, o Instituto Politécnico de São Paulo foi criado como "escola superior de matemáticas e ciências aplicadas às artes e indústrias". Inicialmente, o instituto conteria uma escola preparatória e ofereceria cursos especiais em engenharia civil, engenharia mecânica, arquitetura, química aplicada, matemática e ciências naturais. O Instituto Politécnico, criado também para ministrar ensino técnico e realizar pesquisas de base, tornou-se um dos mais importantes centros de produção científica do país. Em 1934, o Laboratório de Ensaios de Materiais da Escola Politécnica foi transformado no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), que teria um papel fundamental na consolidação do processo industrial em São Paulo. Em 1934 também foi criada a Universidade de São Paulo, por obra de um interventor, Armando de Salles Oliveira, que representava as lideranças empresariais do estado (LUNA E KLEIN, 2019).

Além da agricultura, sua base econômica, a partir do final do século XIX desenvolveram-se as atividades industriais em São Paulo, estimuladas pela cafeicultura e pela concentração de imigrantes. Assim, o censo de 1920 mostra o estado também na liderança da produção industrial, com participação crescente na indústria nacional ao longo da primeira metade do século (Cano, 1977; Dean, 1971). Paralelamente, realizavam-se importantes investimentos em serviços públicos, muitos deles pela elite cafeeira (PERISSINOTTO, 1999; SAES, 1986).

A revolução de 1930 alterou profundamente a estrutura política do país, ao reduzir consideravelmente o poder da elite paulista e promover uma forte centralização do poder nas mãos do governo federal. Mas o estado havia consolidado uma posição no contexto nacional, beneficiando-se do processo de substituição de importações iniciado com Vargas e intensificado por Juscelino. Para indicar a importância de São Paulo na indústria nacional daquele período, basta lembrar que todas as indústrias aprovadas pelo Grupo Executivo da Indústria Automobilística (GEIA), no período Juscelino, foram implantadas no eixo entre o bairro paulistano do Ipiranga e os municípios de São Bernardo e São Caetano. E com as montadoras vieram as autopeças, gerando novas plantas, muitas das quais implantadas por empreendedores locais.

O processo sumarizado acima refletiu-se no tamanho e na estrutura demográfica da população. A população de São Paulo partiu de 500 mil habitantes em 1850, passando por um período de maior expansão entre 1890 e 1950, quando passou de 1,3 milhão para 9 milhões, o que representa, em 60 anos, uma taxa anual de crescimento de 4,26%! Esse aumento da população residente ocorreu tanto em razão do crescimento vegetativo como da imigração estrangeira nos primeiros 30 anos do século XX e posteriormente por migrações internas, alterando profundamente a composição étnica

e racial da população. Tal mudança demográfica foi fortemente influenciada pela expansão dinâmica da economia e, sobretudo, da cafeicultura.

O fim da escravidão em 1888 resultou em uma entrada maciça de imigrantes europeus para substituir a mão de obra cativa nas fazendas de café. Esses novos imigrantes e a alta taxa de crescimento natural elevaram a população do estado para 2,2 milhões de pessoas em 1900. Mesmo que esse ritmo tivesse desacelerado nas décadas seguintes, São Paulo apresentava em meados do século XX uma taxa de crescimento bastante expressiva, a maior entre os estados brasileiros nesse período. Isso explica por que São Paulo passou de quarta maior província em população no Império, em 1872, para o maior estado brasileiro, muito à frente dos demais, com 18% da população nacional em 1950.

O aumento acelerado da população deve ser creditado tanto a questões demográficas como ao processo migratório. São Paulo apresentava altas taxas de natalidade, semelhantes às demais áreas brasileiras, porém os índices de mortalidade, tanto no Império quanto no período republicano, eram muito mais baixos do que nas demais regiões, o que refletia em uma taxa de crescimento vegetativo muito superior à média nacional. Além desse crescimento natural, o crescimento populacional de São Paulo também pode ser explicado pelo afluxo intenso e predominante de imigrantes estrangeiros ao estado, que absorveu mais da metade dos 4 milhões de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1880 e 1930.

O impacto da imigração sobre o crescimento de São Paulo continuou até o fim do século XX. Embora a entrada de nascidos no exterior desacelerasse consideravelmente, ela foi substituída pela chegada dos migrantes nascidos no país, que, atraídos pela economia em rápida expansão, começaram a afluir para o estado depois de 1920 e ultrapassaram o volume de chegadas de estrangeiros depois de 1931.

Embora a imigração tenha representado um fator fundamental na expansão populacional do estado, não há dúvida de que – salvo por algumas décadas nas quais a entrada de imigrantes foi excepcional – o fator mais importante para o crescimento da população entre 1850 e 1950 foi o declínio da mortalidade, o que se deveu, inicialmente, a campanhas de imunização e ao investimento em saneamento moderno para os serviços de água e esgoto. A partir do último quartel do século XIX, São Paulo foi pioneiro na instalação desse sistema de saneamento em todo o seu território, o que fez mais rapidamente do que qualquer outro estado do Brasil. Esse é o fator que explica a gradual queda das taxas de mortalidade em São Paulo dos anos 1890 aos anos 1920. Depois de 1930, foi a saúde pública a principal causa da diminuição ainda mais rápida das taxas de mortalidade, sobretudo a infantil. O Brasil só entraria no período de transição demográfica nos anos 1970, quando a fecundidade começou a cair abaixo do nível de reposição,[2] ou seja, abaixo da média de 2,1. Assim, grande parte do crescimento populacional do estado deve-se ao forte declínio na mortalidade, que impeliu as altas taxas de crescimento populacional até a segunda metade do século XX (LUNA E KLEIN, 2019).

Em 1950, o estado liderava em saúde, educação e até na infraestrutura rodoviária, ferroviária e portuária básica. A população paulista em meados do século tinha um dos melhores níveis de educação e saúde do Brasil. Nessa época, a maioria da população de ambos os sexos era alfabetizada, em um nível muito superior à maioria dos demais estados. Suas taxas de mortalidade e fecundidade agora se encontravam bem abaixo das médias nacionais, e finalmente o estado possuía uma força de mais de

2. O nível de reposição depende da taxa de fecundidade, que representa o número médio de filhos que uma mulher tem ao longo da vida. Para que a reposição populacional seja assegurada, a taxa de fecundidade deve superar 2,1 filhos por mulher.

500 mil trabalhadores industriais com bom nível educacional. Com sua infraestrutura pronta, estava prestes a ingressar em uma nova era de crescimento e diversificação, que marcaria os últimos 70 anos da história de São Paulo.

Em resumo, em meados do século XX, São Paulo era o estado mais populoso, líder tanto na produção agrícola como industrial, e apresentava indicadores sociais acima da média nacional, particularmente em educação e saúde – liderança obtida por conta de um rápido e contínuo crescimento a partir dos anos finais do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo.* São Paulo: Difel, 1977.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo:* 1880-1945, São Paulo: Edusp, 1971.

DELFIM NETTO, Antonio. *O problema do café no Brasil*. São Paulo: IPE-USP, 1981.

HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LUNA, Francisco V. e KLEIN, Herbert S. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *História econômica e social do estado de São Paulo, 1850-1950*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

MATOS, Odilon N. de. *Café e ferrovias:* a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paul*o. São Paulo: Hucitec, 1984.

PERISSINOTTO, Renato M. *Estado e capital cafeeiro em São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 1999.

PETRONE, Maria T. S. *A lavoura açucareira em São Paulo*. Expansão e declínio (1765-1851). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

SAES, Flávio A. M. de. *As ferrovias de São Paulo*, 1870-1940. São Paulo: Editora Hucitec/INL-MEC, 1981.
_____. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SUMMERHILL, William R. *Trilhos do desenvolvimento*. As ferrovias no crescimento da economia brasileira, 1854-1913. São Paulo: Alfaiatar, 2018.

SOBRE OS AUTORES

FRANCISCO VIDAL LUNA | Graduado em Ciências Econômicas e doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Faculdade de Economia e Administração da USP (aposentado); pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Foi secretário de Economia e Planejamento do Governo do Estado de São Paulo e secretário de Planejamento da Cidade de São Paulo. Trabalha nas áreas de economia brasileira, história econômica, demografia histórica, finanças públicas e administração financeira. Publicou inúmeros trabalhos sobre história econômica e social do Brasil.

HERBERT S. KLEIN | Bacharel e PhD pela Universidade de Chicago, onde foi professor. Professor emérito Gouverneur Morris da Universidade de Columbia. Professor de História e diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos da Hoover Institution – Universidade de Stanford. Pesquisador e curador da coleção da América Latina na Biblioteca e Arquivos da Hoover Institution. Autor ou coautor de mais de vinte livros sobre a América Latina e sobre os temas comparativos na história social e econômica.

Ambos receberam em 2010 o Prêmio de Ciências Sociais da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Escravismo em São Paulo e Minas Gerais*, escrito em coautoria.

PIONEIROS E EMPREENDEDORES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL: COMO CELEBRAR 2022?

por Alexandre Macchione Saes

A exposição *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* apresentou-nos uma valiosa versão sobre a trajetória da economia brasileira do período monárquico aos nossos dias – uma valorização dos personagens que ajudaram a construir a história do Brasil, mostrando como, apesar das adversidades e dos desafios de desenvolver negócios numa economia periférica como a brasileira, a história de nosso país também apresenta importantes casos de pioneiros, com até mesmo surpreendentes trajetórias de empresários que conseguiram inovar, construir e produzir ao longo de mais de 150 anos de nossa economia. Como sintetiza Jacques Marcovitch, com essas trajetórias tais personagens conquistaram a sua segunda vida, isto é, receberam o devido reconhecimento por seu legado, não somente material, mas especialmente pela transmissão de seus valores (MARCOVITCH, 2012, vol. 1, p. 16).

Esse olhar para o passado, para trajetórias de personagens que deixaram marcas em suas gerações, vem em oportuno momento, num contexto em que a sociedade brasileira invariavelmente será confrontada com um balanço de sua própria história.

Estamos nos aproximando do bicentenário da Independência e, assim como realizou há um século a geração modernista – que também será celebrada pelo centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 –, nossa geração terá relevante oportunidade para levantar questões sobre como compreender nossa identidade e avaliar o que efetivamente caracteriza o "ser brasileiro". Mas também, por outro lado, poderemos confrontar os projetos e interpretações construídos ao longo de um século para avaliar o quanto conseguimos percorrer de lá para cá no sentido de formar a nossa nação.

Em 2022, a sociedade brasileira comemorará portanto os seus 200 anos de história como nação, como país independente, revisitando suas imagens e representações do passado: seu mito fundador, o Sete de Setembro; seus heróis nacionais, como D. Pedro I, José Bonifácio, Frei Caneca, José Hipólito da Costa, entre outros; os símbolos da pátria, como a bandeira e o hino nacional; as conquistas alcançadas pelo país. Tal procedimento permite, enfim, alimentar a noção de pertencimento de uma comunidade, reforçar os elos entre os diferentes, reiterar uma unidade no diverso.

Mas viver 2022 apenas como uma celebração, omitindo-nos de uma real avaliação de nossa trajetória como nação, será perder uma oportunidade de refletir sobre nosso passado, para iluminar não somente as versões canônicas construídas sobre nossa história, mas também aquelas derrotadas, que ilustram os projetos de Brasil não realizados.

A construção de uma nação é um processo dinâmico, um confronto entre os dilemas locais – os desejos, interesses e desafios da sociedade, em suas características sociais, culturais e estruturais – e as conjunturas internacionais, em suas conquistas técnicas, morais, científicas e legais. É no movimento de comparação entre o nacional e o estrangeiro, entre onde estamos e onde poderíamos estar, que os projetos nacionais devem ser repactuados em busca de uma nova coesão nacional.

Em suma, em cada quadra histórica a nação precisa produzir um balanço interno, reavaliando projetos sociais e expectativas de futuro, e até mesmo comparando suas formações econômicas e sociais com as de outras nações. É no dinâmico processo de autoavaliação que as gerações estabelecem suas metas de futuro e projetam seus horizontes de expectativas, sendo que quanto mais claras e coletivamente firmadas essas perspectivas, maiores as chances de serem alcançadas.

O presente capítulo retoma lições da história econômica do Brasil, no intuito de propor questões para os empresários e para os futuros pioneiros, no sentido de pensarem os desafios que serão enfrentados pela geração de 2022. Para tanto, recuperaremos três grandes fases da história econômica brasileira nesses últimos cem anos, três fases em que projetos nacionais foram pactuados pela sociedade: uma fase herdada da economia agrário-exportadora do final do século XIX, em que se buscou a "modernização da economia brasileira"; uma outra de desenvolvimento de políticas industriais, entre 1930 e 1980, em que a superação do atraso deveria ocorrer por meio da industrialização do país; e, finalmente, uma de reinserção da economia brasileira na era da globalização, mas na qual internamente se buscou combater a histórica desigualdade econômica existente no país.

A sensação é a de que, aproximando-nos dos 200 anos da Independência do Brasil, vemos o descortinar de uma nova fase da história econômica do país, que deve ser compreendida tanto por empresários, de modo a colocá-los como futuros pioneiros de nossa história, como pela sociedade em geral, que poderá vir a construir percursos condizentes com os desafios contemporâneos.

PIONEIROS E EMPREENDEDORES NA HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL

Próximo de alcançarmos o bicentenário da Independência, ainda que o Brasil seja uma nação nova se comparada com as do "Velho Mundo", sua história não deixa de ser rica em casos de empresários que, superando adversidades e encontrando soluções inovadoras para os desafios enfrentados, puderam construir marcantes trajetórias de vida.[1] Mas assim como todo e qualquer indivíduo, os empresários são formados num processo contínuo de interação de seus espíritos inovadores, suas ideias e concepções de vida, com as condições dadas pelo contexto histórico vivido e por sua relação com a sociedade.

A história econômica do Brasil, entre o centenário e o bicentenário de sua Independência, pode ser marcada pelas três grandes fases de desenvolvimento econômico destacadas anteriormente, e cada uma delas pode ser captada por meio do cruzamento dos movimentos de transformação do capitalismo mundial, com as respostas políticas e econômicas gestadas dentro do país.[2]

Esses grandes blocos de períodos da história econômica podem ser resultantes das transformações tecnológicas, isto é, da passagem de um padrão técnico-científico, ou mesmo de um determinado padrão de consumo, para outro; podem ser resultado, por outro lado, de concepções dominantes sobre o funcionamento da economia, ora na defesa dos preceitos liberais, ora na crença da intervenção do Estado; podem ser consequência dos impactos provocados pelas mudanças nas relações internacionais ou pelas formas de inserção do país dentro da divisão internacional do trabalho; ou ainda podem ser respostas das transformações demográficas da sociedade, impactadas pelo êxodo rural, pela variação da pirâmide etária ou pelos movimentos migratórios.

1. Para um abrangente panorama de trajetórias de empresários brasileiros, conferir a trilogia *Pioneiros & empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil, de Jacques Marcovitch, publicados num box como *Pioneirismo empresarial no Brasil* (2012).

2. Wilson Suzigan, em artigo dos anos 2000, apresenta semelhante periodização para tratar da evolução da indústria do Brasil em perspectiva histórica, cf. Suzigan (2000).

Essas transformações materiais e intelectuais, portanto, acabam interagindo com os legados institucionais e culturais enraizados em cada sociedade, produzindo assim projetos de país que são pactuados pela sociedade, por meio de crenças e desejos construídos coletivamente, a partir de horizontes de expectativas, isto é, dos projetos de futuro almejados.

Pioneiros e empreendedores, mesmo que possam trazer respostas que estejam à frente do seu tempo, que inovem abrindo caminhos para novas formas de produção e para a oferta de novos produtos e serviços, ou mesmo que indiquem caminhos para novas formas de pensar o mundo, são, no limite, produtos de seus contextos históricos. Suas ações precisam partir de um padrão tecnológico existente; seu mercado é formado pela sociedade que os rodeia; suas decisões precisam lidar com regras, leis e determinadas políticas existentes dentro do país; seus produtos e serviços devem competir com o que é oferecido por outros fabricantes e prestadores de serviços.

Assim, é possível tornar o conceito de empreendedorismo ainda mais complexo, ao inserir o empresário em seu ambiente, como parte da sociedade e da conjuntura que lhe criaram oportunidades e que o construíram historicamente. Os empresários e pioneiros foram, portanto, parte desses projetos nacionais que ao longo de nossa história precisaram ser repactuados de geração para geração. Foram aqueles que mais bem captaram as demandas e o espírito de sua época.

Ao retirar o foco do indivíduo, mas não negando toda a sua importância como ator no desenvolvimento, torna-se possível compreender como cada momento histórico – por meio das transformações tecnológicas, dos aspectos políticos, da estrutura da sociedade, dos ciclos econômicos – abriu essas oportunidades, às quais então alguns empresários souberam responder de maneira inovadora, assumindo a posição de pioneiros.

Do Império à Primeira República é possível dizer que se estabeleceu no Brasil um pacto nacional para a modernização de sua economia. A elite brasileira, compreendendo os profundos avanços do padrão de consumo internacional, resultantes dos descobrimentos gerados a partir da Segunda Revolução Industrial, buscou internalizar essas novidades por meio da transformação da estrutura urbana e dos serviços que atendiam às diferentes regiões do país (SAES, 2010, cap. 5). Se o imperador D. Pedro II já demonstrava amplo interesse em acompanhar as mais modernas descobertas científicas, perseguindo as exposições universais pelo mundo, com a abolição da escravidão e a Proclamação da República as elites nacionais buscaram superar de vez algumas marcas do passado, especialmente mimetizando os padrões de consumo modernos vindos da Europa e dos Estados Unidos.

Para tanto, era necessário garantir o aprofundamento das relações da economia brasileira com a economia internacional, aproveitando o momento que hoje os historiadores econômicos denominam de "Primeira Globalização", ocorrida entre 1870 e 1914. Foi nesse período que economias periféricas como a brasileira puderam ampliar significativamente suas exportações e, em contrapartida, atraíram capital estrangeiro para promover suas reformas urbanas e a ampliação da infraestrutura, gerando inclusive espaço para empresários nacionais participarem desse processo de urbanização e da origem do crescimento industrial do país.

Assim, os principais negócios que floresceram na economia brasileira do período ou estavam ligados às oportunidades de exportação da economia cafeeira ou de outras atividades exportadoras, como a da borracha no norte do país, ou eram ainda consequência da diversificação produzida pela renda do setor exportador. São exemplos dos negócios articulados com esse setor a Cia. Paulista de Estradas de Ferro, tendo com uma de suas principais lideranças o pioneiro Antonio da Silva da Prado,

e a concessão do porto de Santos, que foi completamente modernizado pela família Guinle na transição do século XIX para o XX (SAES, 1981; HONORATO, 1996).

Por outro lado, o crescimento da cidade de São Paulo, capital da economia cafeeira, abriu a oportunidade para Ramos de Azevedo projetar e construir prédios públicos e os palacetes dos fazendeiros do café que trocavam a sede de suas fazendas pela vida na cidade (BUENO, 2016). Era um projeto de transformação da vida urbana à luz da experiência de Paris da Belle Époque, como ilustra também o projeto urbano carioca de Pereira Passos, o Haussmann tropical, nas palavras de Jaime Benchimol (1992).

A ampliação do assalariamento dos trabalhadores rurais, assim como a formação de uma classe operária urbana, resultou, na definição de Florestan Fernandes (1975), no avanço da ordem social competitiva, isto é, na organização de uma economia de mercado. Para uma sociedade recém-saída da escravidão, essa mudança tinha significativo impacto, ainda que as feridas culturais e sociais desse passado escravista continuem abertas até os dias de hoje.

Um mundo urbano ampliado exigia, portanto, a expansão da oferta de produtos básicos para os trabalhadores, ambiente para o nascedouro das grandes indústrias da cidade, como as do conde Matarazzo, de Nami Jafet e de Jorge Street (SUZIGAN, 1986; MARCOVITCH, 2012). Esses empresários precisaram lidar com uma economia carente de produtos, de insumos básicos e de enormes demandas; aos poucos criaram estratégias para abastecer um mercado que dependia, até então, quase que por completo, de produtos importados.

Mas o tempo da modernização seria abalado com a Primeira Guerra Mundial e com a crise da sociedade do século XIX de maneira geral (POLANYI, 2011). Esse abalo seria sentido dentro do país com a explosão de novas demandas da sociedade brasileira. O ano de 1922 é simbólico nessa perspectiva: foi um ano de repensar o país, frente ao centenário da Independência; ano de refletir sobre o projeto de modernização, mimético das referências internacionais, por meio da valorização dos aspectos nacionais defendidos na Semana de Arte Moderna; ano da formação do Partido Comunista Brasileiro e das primeiras manifestações tenentistas, que apresentavam novas demandas e projetos de país que incluíam novos grupos sociais, o que seria obtido por meio da valorização da educação e da defesa da democracia. Diversos aspectos da política coronelista da Primeira República passavam a ser questionados, mas o fermento da mudança precisava de um ambiente ainda mais favorável para produzir um novo projeto de país.

Foi então, com a crise da economia internacional de 1929, que a história econômica mundial sofreu uma profunda reviravolta, abrindo as portas para a construção de novos horizontes de expectativa. O processo de abertura dos novos tempos não foi imediato e nem pouco traumático. Em três décadas, a humanidade vivenciou duas guerras mundiais, a Grande Depressão, a ascensão do nazismo, além da gripe espanhola, que dizimou dezenas de milhões de pessoas. Uma "era da catástrofe", na expressão de Eric Hobsbawm (1995), que pavimentaria significativas mudanças na economia internacional.

O cosmopolitismo, que marcou a geração entre 1870 e 1914, a partir de 1930 deu lugar ao nacionalismo e ao fechamento do comércio internacional. Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, aproveitou o contexto para imprimir um novo projeto de desenvolvimento nacional. Tal projeto estava calcado na ideia de que a industrialização seria o caminho para superar a desigualdade da estrutura econômica brasileira frente às economias centrais, o que levou o governo a adotar uma política deliberada de planejamento e ação governamental para fomentar a industrialização pesada nacional (DRAIBE, 1985).

Celso Furtado (2007 [1959]) defendia que a Grande Depressão teria colocado a economia brasileira num momento de observar o deslocamento de seu centro dinâmico, isto é, teria sido uma fase em que o mercado interno passaria a cumprir um papel crescentemente relevante na dinâmica das atividades econômicas nacionais.

Em suma, novo contexto, novas oportunidades – a busca por maior independência econômica fazia com que o governo estimulasse a formação de indústrias de base. Foram criadas empresas estatais, algumas delas surgidas ainda durante o governo ditatorial do Estado Novo, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM), ou depois, no segundo governo Vargas, como a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras). Mas o projeto nacional não excluía a participação privada; ao contrário, o Estado deveria estimular a emergência dos investimentos privados, como defendia o industrial e historiador econômico Roberto Simonsen.

Representante dos industriais durante o governo Vargas e autor de *História econômica do Brasil*, Simonsen (1937) sintetizava a emergência das novas ideias e dos novos projetos em curso no país: a industrialização como forma de reduzir a desigualdade entre as economias ricas e a brasileira; e o Estado, a partir do planejamento, para estabelecer as metas e ações em prol do desenvolvimento econômico.

A industrialização brasileira avançava num país continental, com demandas que se avolumavam com as oportunidades que não faltavam. Os negócios da família Lafer-Klabin e da família Feffer, esta do grupo Suzano, são exemplares. A produção de papel e celulose das empresas permitiria ao país deixar de importar um insumo tão primário e necessário. Por outro lado, esse foi o momento de expansão dos negócios de José Ermírio de Moraes e da família Gerdau, com a produção de insumos fundamentais para a industrialização brasileira, como aço, alumínio, cimento e produtos químicos.

Mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial, o projeto nacional em torno da industrialização do Brasil permaneceria como prioridade para os mais diversos governos – uma prioridade tanto nos governos democráticos do período 1945-1964, na chamada "era do desenvolvimentismo" (BIELSCHOWSKY, 2000), como também nos governos autoritários pós-golpe militar, em que a industrialização conquistou elevadas taxas de crescimento, embora produzindo uma significativa concentração de renda.

Seguiram-se vários planos econômicos, perpassando praticamente todos os governos, tendo a industrialização como instrumento central para o desenvolvimento nacional, por meio de projetos como os da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, o Plano de Metas, o Plano Trienal e os Planos Nacionais de Desenvolvimento. A política industrial conduzida no período, ao estimular a instalação de empresas estrangeiras em setores modernos e de elevado investimento de capital, criou condições para que as empresas nacionais pudessem se estabelecer como subsidiárias no fornecimento de peças e equipamentos para as grandes multinacionais.

Com estímulos do governo tanto em programas de pesquisa e desenvolvimento, como com uma política de apoio para a conquista de mercado externo, algumas dessas empresas conseguiriam posições de destaque no mercado internacional nas décadas seguintes. A indústria de equipamentos e motores elétricos WEG e a indústria de insumos para a fabricação de automóveis Romi representam muito bem esse processo.[3] Por outro lado, com atuante participação em alguns ramos industriais, o Estado também seria o responsável pelas transformações de empresas estatais em exemplos internacionais, com inovações e produtos de ponta, como é o caso da Petrobras e da Embraer.

3. Conferir esses e outros casos em "Special Issue: Expansion and Internationalization of Business Companies in Brazil", *Journal of Evolutionary Studies in Business*, vol. 3, Nº 2, 2018.

É possível dizer que uma nova virada na concepção de um projeto nacional começaria a aparecer apenas no final dos anos 1970, mas se concretizando somente no segundo lustro dos anos 1980. A ideia da industrialização como caminho para a superação da condição de atraso do país já não bastava: o país havia se industrializado, mas, como os dados daquela década mostravam, o Brasil continuaria como um dos países mais desiguais do mundo. A ideia de desenvolvimento incorporava a dimensão social.

Naquele momento de ocaso do regime militar, ficava cada vez mais evidente que, mais do que no crescimento econômico, era preciso pensar em mecanismos para viabilizar a distribuição de renda e ampliar o atendimento de significativa parcela da sociedade para os serviços mais básicos. Em 1988, com a promulgação da Constituição Cidadã, esse projeto se materializou, ainda que dependesse de mais alguns anos para que os primeiros passos efetivos fossem dados a fim de mitigar a trágica condição de desigualdade social nacional.

Internacionalmente, por outro lado, o contexto era de crescente abertura econômica, num discurso de superação do modelo dominante das décadas precedentes, de relevante presença do Estado na economia. Para o Brasil significava superar as políticas de substituição de importações e usar a abertura comercial e a competição gerada pela chegada dos produtos estrangeiros, tanto no que diz respeito a mecanismos de controle da inflação, como aos meios para ampliar a produtividade nacional.

Os processos de abertura comercial e de aprofundamento dos negócios do Brasil com o mundo teriam como impacto mais imediato o fechamento de empresas que não conseguiam competir com os produtos estrangeiros. Por outro lado, para as empresas brasileiras que tinham se preparado para os novos tempos, a abertura proporcionou um real processo de internacionalização (FLEURY & FLEURY, 2012).

No campo dos negócios dentro do país, esse novo contexto pareceu se evidenciar com a real expansão do consumo de massa da sociedade brasileira, já visível na transição para o século XXI. As políticas de elevação dos gastos do Estado voltadas a atender às políticas sociais e à elevação real do salário mínimo acabavam por estimular o consumo doméstico, cujo auge da expansão se verificou no primeiro decênio do novo século: grupos varejistas, empresas automobilísticas, indústrias de bens de consumo não duráveis e de disseminação de novas tecnologias, entre outros, puderam surfar na onda da política de redução da desigualdade que se realizou pelo consumo.

Nos últimos anos, uma nova tendência pode ser verificada também. A rápida difusão da tecnologia, com *smarthphones* e internet, tem produzido significativa mudança na forma de as pessoas se relacionarem com o mercado. As compras *online*, que já eram crescentes, multiplicaram-se pela conjuntura da pandemia de Covid-19. Para atender a tais demandas, houve uma propagação de criação de aplicativos e serviços, fomentando um ambiente bastante fértil para a formação de novas empresas. Certamente se trata de um contexto estimulante e animador para os pioneiros do século XXI, mas que deve levar em consideração a crescente preocupação de parte da sociedade com o meio ambiente e o desenvolvimento social, com demandas de produtos que tanto preservem a natureza, como também produzam relações sociais mais equânimes.

A pandemia escancarou que não somos apenas indivíduos isolados e regulados pelo mercado. A decisão de cada indivíduo sobre como produzir, consumir e se relacionar com o ambiente e a sociedade desdobra-se em consequências crescentes ao nosso redor. Somos parte de uma comunidade interdependente, que está em plena interação. Se a competição econômica – a partir da produtivida-

de, dos preços, etc. – foi o motor do capitalismo no século XX, a sobrevivência das empresas no século XXI deve levar em conta a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. A inovação do século XXI não pode reproduzir a noção da obsolescência programada e do consumismo do século passado, mas deve produzir uma "destruição criativa" para oferecer novos métodos que eliminem a privação humana, sem agredir os limites ecológico de nosso planeta (RAWORTH, 2019, p. 19).

COMO CELEBRAR 2022?

Hoje, perto de completar 200 anos de Independência do Brasil, tudo indica que vivemos uma nova conjuntura de significativas transformações do ambiente econômico e social mundial; uma fase de aceleração do tempo histórico, no qual o amanhã será significativamente diferente do que vivemos hoje.

Nacionalmente, o contexto é de ameaças ao último grande pacto firmado em torno da Constituição de 1988, enquanto internacionalmente há profundas transformações no campo da tecnologia, da diplomacia e da geopolítica, além de inseguranças sobre o futuro ambiental e social. É nesse novo cenário de incertezas que precisamos compreender como se desenham as possibilidades de futuro, tanto por conta dos desafios vislumbrados como pelas possíveis oportunidades que serão abertas. Nesse contexto, quais são nossos novos horizontes de expectativas?

Às vésperas do bicentenário da Independência, parece-me que infelizmente os desafios são crescentes e os projetos de futuro, no país, são quase inexistentes. É preciso buscar urgentemente a construção de um novo projeto de desenvolvimento nacional e, para tanto, ser pioneiro e empreendedor hoje é negar o próprio sentido mais corriqueiro, pois um empreendedor não pode ser um indivíduo que busca apenas soluções para sua autorrealização. O empreendedorismo nessa acepção virou um mito a partir dos casos dos "unicórnios" e das *startups*, mas não condiz com uma sociedade em que o desemprego é crescente e deve piorar com o impacto da indústria 4.0 e da inteligência artificial. A destruição do Estado nacional e o enfraquecimento das políticas sociais deixarão significativa parcela da população ainda mais desassistida.

Em suma, os empresários de hoje precisam encarar a história como um processo que é socialmente construído, em que o futuro está aberto e depende de seu comprometimento também. Não há um fim da história, como enunciava o economista Francis Fukuyama nos anos 1990 (SAES & SAES, 2013, cap. 21), tampouco há uma noção a-histórica sobre o progresso da sociedade, como resultado da maximização dos interesses individuais mediados pelo mercado.

O futuro está aberto e depende das relações entre os homens e da construção de seus projetos políticos. Temos profundos dilemas para enfrentar nos próximos anos: como produzir e preservar o meio ambiente ao mesmo tempo?; como garantir a disseminação do uso da energia limpa?; como se valer das grandes inovações tecnológicas, sem destruir o mercado de trabalho?; como reduzir a sensação de anomia social, em que o individualismo vai corroendo a sensação de que compartilhamos o projeto de uma mesma nação e de que somos parte de uma mesma comunidade?

Hoje, mais do que nunca, não será possível pensar em crescer, inovar e gerar novos pioneiros sem que busquemos reduzir as fraturas políticas e sociais atualmente existentes. Precisamos sair do plano da emergência econômica, do imediatismo, para voltar a pensar num projeto verdadeiramente coletivo, em que todos os atores sociais assumam seus papéis e responsabilidades.

Retomar os pioneiros do século passado é buscar inspiração naqueles que de alguma forma estiveram também comprometidos em pensar e construir um projeto de país, tarefa mais que urgente

para a nossa atual geração. Ser pioneiro no século XXI, cada dia mais, será aproveitar oportunidades, mas acima de tudo atuar em prol de atividades que defendam o benefício coletivo, um bem-estar material mínimo para toda a população, respeitando os limites do meio ambiente e da coesão social, valorizando aspectos da cultura e da ciência nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos, um Haussmann tropical*: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro*: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica*. São Paulo (1809-1950). São Paulo: Edusp, 2016.

DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses:* Estado e industrialização no Brasil: 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil:* ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FLEURY, Afonso & FLEURY, Maria Tereza. *As multinacionais brasileiras na terceira onda de internacionalizaçã*o. São Paulo: FGV, 2012.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil* [1959]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HONORATO, Cezar. *O polvo e o porto*. A Cia. Docas de Santos (1888-1914). São Paulo, Santos: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneirismo empresarial no Brasil*. 3 v. São Paulo: Edusp, 2012.

POLANYI, Karl. *A grande transformação.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RAWORTH, Kate. *Economia donut*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

SAES, Alexandre. *Conflitos do capital*. Bauru: Edusc, 2010.

SAES, Flávio & SAES, Alexandre. *História econômica geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SAES, Flávio. *As ferrovias de São Paulo, 1870-1940*. São Paulo: Hucitec, 1981.

SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil* (1500-1820). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

"Special Issue: Expansion and Internationalization of Business Companies in Brazil", *Journal of Evolutionary Studies in Business,* vol. 3, Nº 2, 2018.

SUZIGAN, Wilson. *A indústria brasileira*: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____."Industrialização brasileira em perspectiva histórica". *História econômica & história de empresas,* vol. III, nº2, 2000, p. 7-25.

SOBRE O AUTOR

Professor de História Econômica do Departamento de Economia – FEA/USP, presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (2015-2017) e vice-diretor da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (2017-2020). Autor de *Conflitos do capital* (Edusc, 2010) e *História econômica geral* (com Flávio Saes, Saraiva, 2013).

PIONEIROS PAULISTAS E PIONEIRAS BRASILEIRAS EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

por Jacques Marcovitch

Este artigo reconstitui o cenário em que atuaram os pioneiros e empreendedores da saga do desenvolvimento em São Paulo. O quadro histórico revisitado mostra o alinhamento progressista dos nossos personagens: os do século XIX, declaradamente republicanos e abolicionistas; e os do século XX, distinguindo-se por uma postura de responsabilidade social e práticas empresariais que foram as mais avançadas de seu tempo.

O texto incorpora notas biográficas dos pioneiros paulistas, de modo a permitir que o leitor conheça méritos que os destacaram e credenciaram a participar da história do trabalho no Brasil. Tendo em vista que a exposição em São Paulo inovou, homenageando mulheres que fizeram a diferença em várias áreas, na mesma linha temporal dos personagens da mostra, fazemos aqui uma reflexão sobre Ermelinda de Queiroz, Adma Jafet, Olívia Guedes Penteado e Theolina de Andrade Junqueira, esta mencionada com destaque no volume 1 da trilogia *Pioneiros & Empreendedores*: a saga do desenvolvimento no Brasil (MARCOVITCH, 2003) como "dirigente de um respeitável complexo agropecuário na região de Ribeirão Preto".

O ensaio que se inicia destaca igualmente o enfrentamento de crises e adversidades por alguns desses pioneiros, em razão dos valores que guiaram suas vidas, às vezes em aberto confronto com as forças do atraso.

1. O CENÁRIO

Há séculos com destaque na economia e na política brasileira, São Paulo não foi apenas o palco da Independência, a maior de todas as decisões nacionais. Aqui também nasceu a República. Em seu território, mais especificamente em Itu, os pioneiros do agronegócio, entre eles os mais prósperos e mais competentes, lançaram as bases de um Partido Republicano, cujo manifesto de fundação apontou a soberania popular como alternativa para o poder absoluto do imperador.

Foi de Luiz de Queiroz, republicano e abolicionista convicto e até radical, a ideia de implantar em Piracicaba (SP) uma Escola Superior de Agricultura, que ainda hoje realça a liderança da Universidade de São Paulo (USP) em Ciências Agrárias. Cabe um parêntese para destacar no contexto da fundação dessa escola o papel desempenhado por dona Ermelinda, esposa do pioneiro Luiz. Um renomado professor norte-americano nessa especialidade, convidado a supervisionar o projeto da nova instituição, hospedou-se na fazenda do casal Queiroz. Durante as conversações, ele percebeu que Ermelinda emitia as melhores ideias e apresentava um papel determinante na formação dos jovens. Ela veria instalada a escola no futuro, após a morte de Luiz, como veremos adiante.

O pioneirismo empresarial em São Paulo associou-se marcantemente às ideias republicanas. Diferentemente do positivismo dominante entre os militares apoiadores do marechal Deodoro da Fonseca, no Rio de Janeiro, os adeptos da República na província bandeirante inspiravam-se no ilumi-

nismo. Um expoente dentre eles, o bacharel e jornalista pernambucano Saldanha Marinho, indicado pelos liberais à chefia do governo paulista, engajou-se no exitoso projeto de formar empresas focadas na construção de ferrovias. O investimento permitiu a capitalização de aproximadamente 20 mil contos, o que propiciou o surgimento de cinco empresas. O capital somado por essas firmas pioneiras correspondia, na época, a 11 vezes o orçamento provincial ou, em outro exemplo do historiador Jorge Caldeira, "ao valor de toda a produção cafeeira no ano de 1864".[1] Registre-se, a propósito, que a cafeicultura, deslocada para o Oeste Paulista, vivia então uma fase esplendorosa.

Removidos pelo governo provinciano os obstáculos legais à formação de empresas ferroviárias, essas novas companhias paulistas ampliariam consideravelmente as conexões com o interior. O Brasil de então dispunha, desde 1854, de apenas 14 quilômetros de trilhos do Rio de Janeiro a Petrópolis, um empreendimento de outro pioneiro, o visconde de Mauá. Para que se avalie a precariedade, basta dizer que as ferrovias norte-americanas cobriam mais de 50 mil quilômetros e as inglesas 5 mil. Diga-se a propósito que Mauá faliu em 1875, principalmente devido à falta de financiamento imperial para seus empreendimentos, e que voltou à prosperidade também sem apoio da Coroa. Morreu um mês antes da Proclamação da República, o regime que sonhara para o seu país.

A nova fronteira do café em São Paulo formou-se com fazendeiros que revolucionaram também as práticas agrícolas. Emília Viotti da Costa, em sua obra *Da Monarquia à Repúblic*a, enfatiza o pioneirismo desses precursores do nosso agronegócio, traçando este perfil do fazendeiro da região: "Procurava aperfeiçoar os métodos de beneficiamento do café, tentava substituir o escravo pelo imigrante, subscrevia capitais para ampliação da rede ferroviária e para a criação de organismo de crédito. Era um processo ativo e empreendedor".[2]

Outro historiador, Laurentino Gomes, mesmo reconhecendo que o marco inicial da jornada contra a Monarquia havia sido o Clube Republicano, fundado no Rio de Janeiro em 1870, registrou que a cidade de Itu, no interior de São Paulo, graças principalmente aos fazendeiros da região, entrou na história como "o berço do mais bem organizado movimento republicano brasileiro".[3]

Como eixo central do manifesto redigido em Itu pelo mesmo Saldanha Marinho, ex-governante da província, estava um preceito iluminista: o poder emana do povo. Em 1873, dezesseis anos portanto antes da Proclamação da República, os pioneiros da saga do desenvolvimento em São Paulo questionavam o poder absoluto do monarca. Dos 133 convencionalistas, 78 eram empresários da lavoura, cabendo as demais assinaturas aos bacharéis em direito, médicos, jornalistas, farmacêuticos, dentistas e comerciantes. Decidiu-se no evento não apenas a fundação do Partido Republicano como a publicação de um jornal, *A Província de S. Paulo*, que mais tarde teria seu título alterado para *O Estado de S. Paulo* e seria dirigido por outro pioneiro, Julio de Mesquita.

O Oeste Paulista, que deu novo impulso à lavoura cafeeira, poderia ser chamado de "bastião republicano", em contraste com o cenário decadente do Vale do Paraíba. No ocaso do Império, cerca de 700 antigas fazendas sediadas no Vale, e que operavam com práticas rudimentares, estavam hipotecadas ao Banco do Brasil. O quadro no Oeste era de novas fazendas em Campinas, Rio Claro,

1. CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil:* Cinco séculos de pessoas, costumes, governos. São Paulo: Estação Brasil, 2017. p. 272.

2. COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República:* Momentos decisivos. São Paulo: Editora Unesp, 1968. p. 482.

3. GOMES, Laurentino. *1889:* Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo Livros, 2013. p. 158.

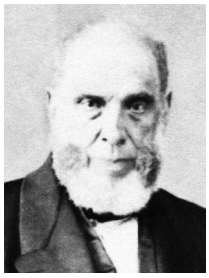
Itu, Piracicaba, Pirassununga e municípios da região. Máquinas modernas (separadores, ventiladores, despolpadores) poderiam realizar, cada uma, o trabalho de 90 escravizados.

O panorama no Vale do Paraíba assemelhava-se à Monarquia. Laurentino Gomes cita os historiadores Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Humberto Fernandes Machado: "O Vale era um baluarte de reacionários, apoiado na tradição, enquanto os fazendeiros paulistas tinham uma consciência empreendedora".[4]

2. OS ATORES PRINCIPAIS

As considerações acima não minimizam o fato histórico inquestionável de que São Paulo é o grande berço do industrialismo em nosso país. Basta dizer que entre os 13 pioneiros paulistas que se destacaram na exposição realizada no Palácio dos Campos Elíseos, 9 deles atuaram na transformação de matérias-primas e demais variantes do setor industrial em nossa economia. Quando invocamos os pioneiros rurais não quisemos, para usar aqui a expressão de Roberto Simonsen (1932), transformar São Paulo em "um vasto cafezal". O que se disse sobre a contribuição dos nossos fazendeiros ao surgimento da República em nenhuma hipótese subestimou a indústria e o comércio. Feita a ressalva, passemos a descrever, em breves perfis, um pouco do que foi contado em mais de mil páginas da trilogia *Pioneiros & Empreendedores* quando tratamos de São Paulo e dos notáveis desbravadores de seu progresso (MARCOVITCH, 2003, 2005, 2007).

Nunca será demais repassar os feitos dos pioneiros paulistas, mesmo que seja em breves parágrafos, de modo a tornar este livro uma coleção de exemplos de empreendedorismo que tiveram São Paulo como seu ponto de partida e inflexão.



DO COMÉRCIO DE GADO ÀS FERROVIAS

O pioneiro Antonio Prado, mais tarde barão de Iguape, começou sua jornada como tropeiro. O termo, naquele tempo, não tinha a conotação que hoje tem. Oswald de Andrade, em suas memórias, diz que o seu pai foi tropeiro em Minas. E esclarece: "Tropeiro era o senhor moço, filho de latifundiário, que conduzia as tropas de burro para negócios".[5]

A fortuna de Antonio remontou ao comércio de gado e de açúcar e à contratação de impostos. Morreu em 1875. Seu testamento expressava o desejo de ser enterrado à noite, sendo o caixão carregado por seis homens pobres. As gerações seguintes da família, descendentes da única filha, Veridiana, que havia se casado com o tio Martinho Prado, continuaram sua obra. Elevaram a dinastia Prado a seu ponto mais alto.

Eram seis os netos do barão: um segundo Antonio, Martinico, Ana, Anézia, Caio e Eduardo. Os irmãos homens que, em função dos costumes do tempo, tiveram protagonismo nos negócios, tinham perfis distintos. Antonio era um realista; Martinico, um contestador; Eduardo, o mais moço, um intelectual avesso às coisas práticas; Caio parecia-se com Antonio, mas morreu moço.

Antonio e Martinico distinguiram-se na gestão de numerosas fazendas. Ambos reconheciam a escravidão como "um cancro horrível a afligir a sociedade brasileira", mas não militavam como abo-

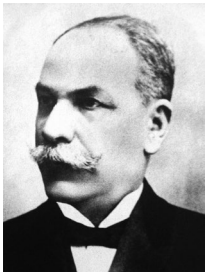
4. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes, apud GOMES, Laurentino. Ibid. p. 158.

5. ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe. Col. Obras completas de Oswald de Andrade. 2ª. ed. São Paulo: Globo, 2002. p. 68.

licionistas. Martinico, eleito presidente da Sociedade Promotora de Imigração, viajou para a Itália, onde observou de perto as condições para o recrutamento de mão de obra. Esses cafeicultores do Oeste Paulista não foram pioneiros somente em relação à República. Fundaram, em 1869, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Um relatório da embaixada inglesa, em 1890, afirmava que "das poucas companhias brasileiras, a Paulista é sem dúvida a melhor, sendo dirigida por um grupo de paulistas muito empreendedores" (LOVE, 1982).

Os Prado ampliaram seu poder não somente com exitosas e grandes fazendas, mas como banqueiros, comerciantes e pioneiros da industrialização. O mais resistente à passagem do tempo foi Antonio, que foi prefeito de São Paulo de 1899 a 1910. Entre suas realizações, os bondes elétricos, a iluminação pública e o Theatro Municipal. Seu credo de homem público respalda-se nesta declaração:

[...] Uma das razões, senão a razão principal da prosperidade da minha província, é que o paulista não faz política, em se tratando de melhoramentos materiais. Há ali estradas de ferro, empresas de navegação e outras organizadas por iniciativa de conservadores, liberais e republicanos, os quais esquecem dissentimentos quando está em jogo o interesse da província. (PRADO, 1929)



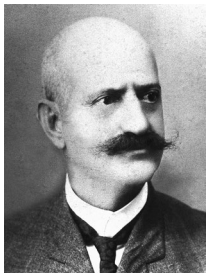
DOS ARMARINHOS À INDÚSTRIA TÊXTIL

O itinerário de Nami Jafet, nascido no Líbano em 1860, foi muito peculiar se comparado ao de outros imigrantes. Quando jovem, não cogitava fazer negócios. Matriculou-se na Universidade Americana de Beirute, onde obteve o diploma de bacharel em Artes e Ciências como primeiro aluno de sua turma. Logo depois publicou um *Tratado de Aritmética*, em duas versões, uma avançada e outra escolar. Aceitou convite da mesma universidade para ensinar Biologia à classe preparatória de Medicina, mas depois se convenceu de que o salário de professor não o levaria a lugar nenhum. Decidiu emigrar, animado ao ver que alguns compatriotas, depois de passarem anos no Brasil, começavam a voltar com a bolsa cheia de libras esterlinas.

Ele e seus irmãos Benjamin e Basílio também escolheram o Brasil. Benjamin estabeleceu-se na rua 25 de Março, na região central da cidade de São Paulo, com uma pequena loja. Nami e Basílio, na mesma rua, abriram estabelecimento bem maior. A firma chamava-se Nami Jafet & Irmãos e comandou, nos anos seguintes, profundas alterações nas práticas comerciais. Nami adotou vendas a crédito, reduziu a margem de lucro para aumentar o volume de vendas, lançou a estratégia de "liquidações" e tratou de investir os lucros em novos negócios. Logo evoluiu para nova loja na rua Florêncio de Abreu e em seguida para a primeira fábrica de tecidos, no bairro do Ipiranga, onde chegou a mobilizar 4 mil operários. A partir daí a ascensão industrial da família foi incessante. Na década de 1950 contabilizava 14 indústrias e um banco. As atividades empresariais envolviam tecelagem, mineração, metalurgia, construção de equipamentos e transportes.

Nami e seus irmãos deixaram como legados sociais em São Paulo o Hospital Sírio Libanês, o Clube Monte Líbano e o Pavilhão de Física Experimental da USP. Os Jafet da primeira geração, tomados em conjunto, tiveram 37 filhos. Adma Jafet, casada com Basílio, teve a ideia e conduziu a implantação do hospital. Ela gostava de escrever e deixou, entre outros papéis, um texto breve que vale como lição de vida e pioneirismo:

[...] Somos passageiros desse mundo e, se a excelência de nossas ações não construir vestígios para marcar a nossa passagem pela Terra, essa trajetória será inútil; é uma vela pequenina que, se não acende, se extingue. Eis a imagem de nossa vida. Mas por minúscula que seja, trata-se de preciosa fonte de luz. Antes de findar nossa vida, deixando lugar para as gerações vindouras, devemos tirar o maior proveito possível desta luz, servindo assim a nós mesmos e à nossa nação, à humanidade. (GREIBER, MALUF & MATTAR, 1998)



DA MERCEARIA AO IMPÉRIO INDUSTRIAL

A jornada empresarial do pioneiro Francisco Matarazzo é única e excepcional. Jamais houve, na história da economia brasileira, um empresário mais rico e mais bem-sucedido. Quando completou 80 anos, em 1934, Assis Chateaubriand saudou-o, em artigo, comparando a receita bruta de seus negócios (350 mil contos de réis) com a de São Paulo (400 mil), Minas (140 mil) e Rio Grande do Sul (130 mil) – o que foi proclamado também por várias outras fontes.

Tudo começou em Sorocaba (SP), onde o imigrante italiano se estabeleceu com uma pequenina mercearia, então chamada de "venda", que comercializava banha de porco. Dois anos depois de sua chegada, graças a transações paralelas com a compra de suínos, instalou uma fábrica de banha, o primeiro grande negócio. Logo abriu uma segunda unidade fabril na mesma região de Sorocaba. Percebendo que essa indústria carecia principalmente de embalagens, fundou uma terceira fábrica em Porto Alegre (RS). Assim descreveu os resultados: "Inundei (sic) o Brasil com uma invenção minha, a banha de porco em lata" (BLANCATO, 1926).

Chegando à capital paulista, instalou um box no chamado "Mercado Caipira". Além do comércio de secos e molhados, começou a se dedicar à importação e prosperou vertiginosamente. Seu pioneirismo passou a se manifestar em empreendimentos de grandes proporções: um moinho de farinha, com máquinas adquiridas na Inglaterra; a Banca Italiana Del Brasile; fábricas de sabão e velas; além de metalúrgicas, frigoríficos, tecelagens e até uma ferrovia própria entre as empresas. Em 1934, na capital e no interior, suas Indústrias Reunidas F. Matarazzo (IRFM) já totalizavam 34 unidades em vários segmentos. A expansão do grupo deu-se em ritmo galopante e chegou a cem empresas, com mais de 30 mil operários. O pioneiro, falecido em 1937, deixara a sua sucessão encaminhada, mas o herdeiro favorito, Ermelino, havia morrido em um desastre de automóvel. No auge do sucesso, o novo líder, seu filho Francisco Matarazzo Júnior, que já era conhecido de todos por "conde Júnior" ou "conde Chiquinho", decidiu inaugurar o seu próprio estilo de liderança – o que se mostrou fatal nos anos 1960. Iniciou-se o desmonte das empresas e a venda das propriedades imobiliárias em processo irreversível. Quando o conde Júnior faleceu, em 1977, aos 76 anos, a sorte das Indústrias Reunidas já estava selada. Dissolveu-se um grupo que, em seu tempo, constituiu o maior império industrial da América Latina.



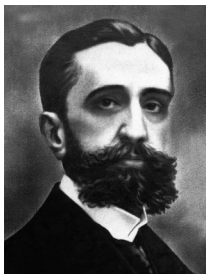
DE ARQUITETO A CONSTRUTOR

Francisco de Paula Ramos de Azevedo destaca-se como o grande pioneiro na construção civil em São Paulo. Conhecido como arquiteto, foi também, e sobretudo, um grande construtor. Dos maiores tocadores de obras que o Brasil já teve, soube, como ninguém, arranjar financiamentos, negociar matéria-prima, mobilizar colaboradores e formar mão de obra especializada. Foi a figura principal

do Liceu de Artes e Ofícios. Ajudou a fundar e dirigir por onze anos a Escola Politécnica da USP (Poli). Não apenas projetou e construiu grande parte das antigas instalações da Poli como deu forma ao seu currículo, introduzindo inovações que alavancaram o ensino e a prática da engenharia civil no Brasil.

A marca do seu talento como arquiteto é identificável ainda hoje na paisagem urbana de São Paulo. Nela vemos o Theatro Municipal, o prédio dos Correios e Telégrafos e a Secretaria de Educação, todos na região central, e, na avenida Dr. Arnaldo, a Faculdade de Medicina, ou, na avenida Paulista, a Casa das Rosas. Aos olhos de muitos, deixou a imagem de um conservador, trazendo para o Brasil modelos europeus já prontos, que nada tinham a ver com as nossas tradições. Mais acertado será dizer que, justamente nesse rompimento com práticas arquitetônicas de quatro séculos, foi um revolucionário – não apenas na forma, mas no conteúdo, uma vez que hospitais, asilos, escolas, laboratórios e institutos por ele projetados eram a materialização das conquistas científicas mais recentes do seu tempo. Mostrou-se, em suma, inovador em todas as facetas de sua atividade, seja como engenheiro e arquiteto, professor e, principalmente, como grande construtor e empresário.

Ramos de Azevedo teve uma vida longa, que se estendeu por quase oito décadas, desde o tempo da escravidão, quando o Brasil era um Império iluminado a lampião de gás, até o final da República Velha, às vésperas da Revolução de 1930, quando se iniciou a Era Vargas, com os seus desvios autoritários e notáveis inovações em economia e relações de trabalho.



DA TECELAGEM À VILA OPERÁRIA

Em 1917, Jorge Street, então dono da Tecelagem Santana e presidente do Centro Industrial do Brasil, tomou uma atitude que lhe assegurou protagonismo na história do trabalho em nosso país. A cidade de São Paulo fora abalada por uma inédita greve geral, que subitamente interrompeu todas as atividades. Habituados a um *status* que reprimia qualquer movimento reivindicatório, sob uma precária legislação trabalhista, os empresários estavam perplexos, sem saber como agir. Street, atendendo ao pleito de 20% de reajuste salarial em sua indústria, conclamou seus pares a um diálogo imediato com os grevistas. E não mediu palavras em suas declarações à imprensa:

> *Os operários têm razão. É preciso reconhecer que, se chegamos a essa situação tensa e violenta, isso se deve em boa parte à imprevidência dos próprios industriais, que não souberam atender em tempo às dificuldades e às angústias com que lutam os trabalhadores.*[6]

Mesmo assim, durante uma passeata no Brás, a polícia atirou em um manifestante, que veio a falecer. Seu sepultamento deu-se com a presença de 10 mil trabalhadores, agravando a situação, que novamente foi contornada por Street, com um acordo para o fim da greve.

Jorge Street distinguiu-se também pelo êxito na prática do que hoje se chama de "responsabilidade social". Repercutiu muito a instalação da Vila Maria Zélia, com o nome de sua filha, para residências dos trabalhadores de suas indústrias, uma de juta, outra de algodão. Essa vila era uma pequena

6. *O Estado de S. Paulo* apud MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. Vol 1. São Paulo: Edusp, 2003. p. 153.

cidade. Contava com cerca de 200 casas, com varandas e jardins: 75 m² para as menores e 110 m² para as maiores. Os assoalhos eram de pinho-de-riga e as portas e janelas, de madeira maciça. Havia nessa vila consultórios médicos e odontológicos, farmácia, creche, jardim da infância e duas escolas, armazém, açougue e restaurante, igreja, teatro, salão de baile e espaços desportivos. Quando os negócios de Street começaram a desandar, falou-se nas despesas excessivas com a Vila Maria Zélia. Jorge, que antes fora hostilizado por sua atuação na greve, enfrentou nova incompreensão entre os seus pares. Ninguém se lembrou da razão principal: com o fim da Guerra, os ingleses voltaram com força total ao mercado de juta e algodão. Ele, sem renegar suas ideias liberais, deixou a vida empresarial e iniciou-se no serviço público, à frente do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, promovendo extraordinários avanços na área de benefícios sociais aos trabalhadores.



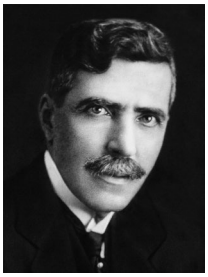
DE EMPREENDEDOR A PENSADOR

Roberto Simonsen foi um pioneiro que dividiu atenções entre tornar poderosa a Cerâmica São Caetano, tocar empreendimentos imobiliários e desenvolver uma sólida carreira intelectual. Escreveu um livro hoje clássico, *História econômica do Brasil* (1937), foi um dos principais idealizadores da Escola de Sociologia e Política – a atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) –, e manteve célebre polêmica com o professor Eugênio Gudin, então um monstro sagrado para os economistas brasileiros. Simonsen, no episódio, foi outro pioneiro discrepante das ideias conservadoras de seu tempo, que se alinhavam com o pensamento do seu oponente na discussão.

Em março de 1945, Gudin abriu um debate com o relatório *Rumos da política econômica*. Três meses depois, surgiu a réplica de Simonsen: *O planejamento da economia brasileira*. Em março do ano seguinte Gudin encerrou a discussão com a tréplica: *Carta à Comissão de Planejamento* (apud LOUREIRO, 1977). Simonsen defendia medidas governamentais de proteção à indústria e Gudin, ferrenho liberal, propunha restrição do papel do Estado e reforma fiscal e monetária. No curto prazo é inegável que Simonsen ganhou o debate, porque o protecionismo, na Era Vargas, permitiu o surgimento da Companhia Nacional de Álcalis, da Companhia Vale do Rio Doce e da Petrobras, por exemplo. No longo prazo, ganharam um ou outro, a depender das tendências dos governos que se seguiram.

Roberto morreu com menos de 60 anos, fulminado por um enfarte quando saudava, na Academia Brasileira de Letras, o primeiro ministro da Bélgica, Paul Van Zeeland. Nesse discurso, citando Henri-Louis Bergson, ele pretendia afirmar que Zeeland tinha o hábito de "agir como um homem de pensamento e pensar como um homem de ação". Ele escrevera, sem saber, o seu próprio e adequado epitáfio.

Em vida, Simonsen teve uma trajetória grandiosa: liderou as indústrias de São Paulo na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e no Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), representou o Brasil em missões econômicas em Londres e Paris, foi eleito senador da República. Na Grã-Bretanha visitou nada menos que 80 indústrias em 24 cidades. Durante a viagem, além de pronunciar conferências, escrevia para os jornais locais. Quando faleceu, tinha em mente produzir um estudo que seria, nos dias de hoje, muito oportuno: as relações entre os Estados Unidos e a América Latina. As anotações que deixou sobre o tema, segundo comentários de amigos, permanecem tão atuais hoje como no tempo em que foram escritas.



DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO AO JORNALISMO BRASILEIRO

O jornal *O Estado de S. Paulo* nasceu em 1890, junto com a República. Esse foi o nome escolhido para substituir *A Província de S. Paulo*, que havia sido fundado em 1875, tendo agora como diretor um jovem de 28 anos, Julio de Mesquita. Foi ele que deu ao *Estadão*, como o seu jornal passou mais tarde a ser conhecido, um perfil de completa independência política e comercial. Esse pioneiro tornou pública uma singularidade em sua empresa: nela o cliente – leitor ou anunciante – nunca teve razão por princípio. Poderia tê-la ou não, segundo suas opiniões coincidissem ou se afastassem daquelas defendidas pelo jornal, que imprimia sempre o que bem entendesse. Sabemos todos que ainda hoje é assim.

Em 1890, sob a direção de Mesquita, o jornal saiu pela primeira vez com oito páginas e tiragens de 7 mil exemplares. Passou a defender a República, enquanto regime político, mas era contra o militarismo e visíveis ameaças de corrupção. Quando se formou a dissidência paulista contra o governo federal, Julio de Mesquita a ela se associou, escrevendo: "Dissidentes são os que não emudecem, quando emudecer é um crime" (GOULART, 1977).

O jornal, dirigido por um profissional, ganhou um conteúdo superior ao de todos os demais. Teve entre os seus colaboradores Euclides da Cunha, que foi enviado a Canudos – de suas reportagens nasceu o clássico *Os sertões*. Quando Julio de Mesquita faleceu, em 1927, seu filho, Julio de Mesquita Filho, assumiu a liderança, com igual orientação. Foi ele uma figura central na fundação, em 1934, da USP. A postura de independência do *Estadão* foi assim reconhecida por Barbosa Lima Sobrinho, quando presidente da Associação Brasileira de Imprensa:

> *O que me surpreende é que, através dos tempos, não seja fácil distinguir fases de* O Estado de S. Paulo. *De Julio de Mesquita a Julio Mesquita Filho não chegara a haver sucessão, mas uma continuidade tão perfeita como se ainda estivesse vivo, e à frente da folha o seu primeiro Mesquita. E do filho aos netos o fenômeno se repetiu, com a mesma naturalidade e a mesma força. Não conheço caso semelhante na vida do jornalismo brasileiro.*
> (LIMA SOBRINHO, 1975)



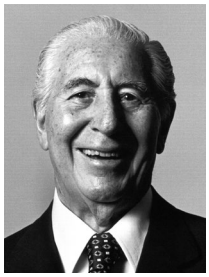
DA FABRIQUETA DE ENVELOPES À EXPORTAÇÃO DE CELULOSE

Quando o jovem ucraniano Leon Feffer desembarcou no porto de Santos, falava fluentemente, além do iídiche e do hebraico, os idiomas russo e alemão, rudimentos de inglês e francês, mas nem uma só palavra de português. Deixara para trás uma infância de privações no regime soviético e buscava uma chance de entrar no comércio. A vida no Brasil compensou largamente adversidades e infortúnios dos seus tempos de criança, quando chegou a sofrer, com a família, até privação de alimentos.

Algum tempo depois do desembarque, seu pai conseguiu reunir toda a família em uma casa alugada na cidade de São Paulo, no bairro das Perdizes. Tornara-se sócio de um atacadista que abastecia bazares e papelarias da capital. O filho Leon, no início do século XX, tinha em mente uma ideia que, nos anos 1990, viria a ser o avesso do lema de Bill Gates: "Nada nessa vida se faz sem papel". Em junho de 1923, ele abriu uma firma com o seu próprio nome. Comprava papel no grande atacado e revendia no pequeno comércio. Fazia suas visitas a pé ou de bonde. Estocava as mercadorias num porão

alugado – o que era um progresso, pois antes armazenava a mercadoria debaixo da própria cama. Do porão evoluiu para uma loja de três portas no Brás. Para fazer a história curta, ele progrediu, casou-se com Antonietta Teperman e inaugurou uma gráfica acoplada a uma fábrica de envelopes.

Essa fabriqueta, nos anos 1930, viria depois a se transformar numa das maiores do país. A decisão foi vender o prédio, as máquinas, a mercadoria e a própria residência e com esse dinheiro comprar a primeira máquina de fabricar papel existente no Brasil. Matarazzo, assim como vários industriais, pressionou Feffer com uma oferta generosa, caso ele lhe revendesse a máquina encomendada. Resposta de um pioneiro para outro: "Senhor Matarazzo, eu não resolvi vender máquinas, eu resolvi ser fabricante de papel". Sua primeira e grande inovação foi utilizar o eucalipto como matéria-prima. Daí surgiu a Companhia Suzano de Papel e Celulose, a 50 quilômetros da capital, no município que lhe deu o nome. Essa empresa deu origem ao grupo Suzano, que chegou a ter 90 milhões de árvores plantadas em 72 fazendas, somente no estado de São Paulo. O Brasil, em vez de exportar celulose, passou a exportar papel. Leon Feffer trabalhou praticamente até o dia de sua morte, aos 96 anos, em 1999. Seu filho Max e os netos David, Daniel, Jorge e Rubem assumiram o seu legado com a mesma fibra e a mesma busca permanente de inovação.



DA PADARIA AO SUPERMERCADO

Aos 16 anos de idade, morando em Pomares, uma aldeia isolada na Serra da Estrela, em Portugal, Valentim dos Santos Diniz resolveu emigrar para o Brasil. Embarcou na terceira classe de um navio inglês e 15 dias depois estava na Mooca, um bairro da cidade de São Paulo, onde o tio-avô morava e conseguiu empregá-lo como balconista no Real Barateiro, estabelecimento de outro português, Januário Miranda. Logo foi promovido a atendente no setor atacadista, onde conheceu João Pires, também compatriota, e pai de Floripes, a moça com quem veio a se casar e que lhe deu seis filhos, três varões e três meninas.

Somando um prêmio da loteria, que teve a sorte de ganhar, e economias acumuladas em sete anos de emprego no Real Barateiro, ele montou uma pequena mercearia na rua Vergueiro. Depois se associou a uma padaria e, mais adiante, em 1943, vendeu sua parte nessa panificadora e construiu um prédio de dois andares na avenida Brigadeiro Luís Antonio. Ali instalou, no térreo, uma doceria. Com 35 anos de idade e já há dezenove no Brasil, com o relativo sucesso na doceria, voltou de férias a Portugal, tendo a sensação de vitória. Não sabia que, retornando ao Brasil, iria descobrir o negócio de sua vida – o que chamavam de "supermercado", novidade no comércio norte-americano. Gostou da ideia do autoatendimento. Não teve dúvidas, aderiu à inovação. Em 14 de abril de 1959, iniciavam-se as atividades do Supermercado Pão de Açúcar, na mesma avenida. O nome inspirou-se na primeira visão que ele teve do Brasil, como viajante do navio inglês que aportara no Rio de Janeiro, muitos anos antes.

Foi a mais vitoriosa experiência nesse tipo de comércio no Brasil em todos os tempos. Houve, sim, uma crise em 1986, em que todas as conquistas pareceram desabar. Mas ele, com o auxílio do filho mais velho, Abílio, já formado em Administração, conseguiu debelar o perigo. Uma frase do pioneiro, justificando a profissionalização de toda a cúpula do empreendimento, entrou definitivamente em sua biografia: "Agora é mudar ou morrer" (MARCOVITCH, 2003). Mudou e venceu a crise. O nome de Valentim dos Santos Diniz inscreveu-se, para sempre, no rol dos grandes pioneiros do comércio varejista brasileiro.



DA TIPOGRAFIA À INDÚSTRIA DE PAPEL

No final do século XIX, 700 mil judeus russos, poloneses e lituanos formaram uma grande corrente emigratória, que partiu da Europa com destino aos Estados Unidos, à Argentina e ao Brasil. Entre eles estava Maurício Klabin, um jovem de 23 anos. Depois de uma temporada em Londres, chegou ao Brasil com um patrimônio que aqui se resume: uma muda de roupa, um cobertor, duas panelas, um bule de chá e alguns poucos mantimentos. Alugou um quarto nos fundos de um quintal na cidade de São Paulo. Empregou-se numa tipografia, cujos donos (um casal idoso), percebendo as aptidões do estrangeiro, propuseram que ele comprasse o negócio, utilizando os lucros para pagá-los a longo prazo.

Deu certo. Criou então, com seu irmão Hessel,[7] a empresa M. F. Klabin & Irmão, que passou a produzir impressos variados e artigos para escritórios. Quatro anos depois, em 1894, mandou buscar a família na Lituânia, incluindo o primo Miguel Lafer, seu futuro sócio. Em 1906, a Klabin Irmãos & Cia. arrendou a Fábrica de Papel Paulista, de Vila de Salto de Itu, com apenas 44 operários. Deve ter sido bastante lucrativa, pois Maurício fez várias viagens à Inglaterra e à Alemanha em busca de equipamentos para estabelecer uma indústria maior – o que veio a acontecer em 1909, com a participação de Miguel Lafer na sociedade. Um pouco depois, Wolff Klabin e Horácio Lafer associaram-se à empreitada. Na terceira geração, incluindo as filhas de Maurício, que havia falecido em 1923, e de Miguel, que morreu em 1926, a fábrica de papel igualou-se à Melhoramentos e no último ano da década de 1920 chegou à liderança.

Muitos anos e negócios depois, os Lafer e os Klabin expandiram seus negócios no Paraná, produzindo celulose tipo *kraft*, sulfite e papel jornal. Mais adiante se associaram aos grupos Monteiro Aranha e Ermírio de Moraes em São Paulo (Nitro Química) e ao grupo Iochpe no Rio Grande do Sul. A década de 1990 trouxe a associação com a Kimberly-Clark, a nova fabricante de papel para higiene pessoal, a compra da Lalekla e da Bacraft, além da entrada no mercado de embalagens. A Klabin chegou a possuir 348 mil hectares de florestas plantadas. Ao completar cem anos, na virada do século, em 1999, a modesta empresa criada por Maurício Klabin possuía 19 unidades industriais no Brasil e 2 na Argentina.



DO SABER FAZER AO FAZER MELHOR

Antônio Pereira Ignácio, português de origem humilde, era um homem próspero quando conheceu o engenheiro pernambucano José Ermírio de Moraes, na localidade de Valmont (Alpes Suíços). Na ocasião, Ermírio também conheceu Helena, filha de Pereira Ignácio, e com ela veio a se casar quando voltaram ao Brasil. Depois do casamento, o sogro convidou o genro a assumir os seus negócios nas Indústrias Votorantim, em São Paulo. O jovem engenheiro, ao aceitar o convite, deixou claro que seria um empresário de fato e não um parente submisso e inerte. Mas Pereira Ignácio igualmente preferiu manter as decisões do genro, como, por exemplo, o acordo assinado em 1919, assegurando a paridade entre salários de homens e mulheres,

7. CYTRYNOWICZ, Roney. *Maurício Klabin* – Empreendedor e pioneiro da indústria brasileira, da comunidade judaica e da família Klabin-Lafer. São Paulo: Narrativa Um, 2019. 220 p.

além de implantar pioneiramente a jornada de oito horas de trabalho diário. A nova gestão criou seis hospitais próximos às fábricas e doou ao município de Sorocaba (SP) uma faculdade de Medicina e um hospital e maternidade.

José Ermírio adotou, de imediato, uma visão de longo prazo. O grupo Votorantim deveria se tornar, no futuro, muito diferente do grupo Matarazzo. O foco das unidades fabris deveria, tão logo possível, privilegiar a produção de matérias-primas. Mais tarde o seu filho, Antonio Ermírio, explicaria: "No passado chegamos a produzir sabão, mas desistimos, vendemos tudo. Ficamos com o que sabemos fazer e fazemos melhor" (FALCÃO, 2018). Quando José Ermírio assumiu seu posto, a crise mundial de 1929 estava no auge. A metade das fábricas, em São Paulo, estava parada. A outra metade funcionava três vezes por semana. Ele determinou imediatamente uma economia de guerra, suprimindo gastos – o que era o avesso do estilo do sogro, mais adequado aos bons tempos na economia.

O seu passo inicial, em termos de inovação, foi a implantação da Nitro Química, em São Miguel Paulista (SP), com o decisivo apoio do governo Vargas, interessado em fazer as pazes com São Paulo. Uma gestão prudente de Ermírio fez com que, vencendo as dificuldades macroeconômicas, a Votorantim se firmasse em definitivo nos anos 1940. Durante a guerra, a indústria têxtil brasileira cresceu acima de 60%. A Nitro Química, irmã gêmea desse processo, além de vender facilmente a sua produção de *rayon* (tecido da moda), aproveitava os resíduos para entrar no setor de vernizes e tintas.

Logo depois, aplicando conhecimentos adquiridos na Colorado School of Mines (EUA), Ermírio identificou jazidas de calcário na região onde ficava o município de Votorantim (SP). Construiu o primeiro forno de cimento em 1946. Seguiu-se uma acesa disputa com a Reynold Metal Company – o primeiro embate de uma empresa nacional com um poderoso truste internacional. Cimento e alumínio passaram a ter um grande peso na produção do grupo Votorantim, mas isso não impediu a expansão para outros setores.

Quando José Ermírio de Moraes faleceu, em 1973, o balanço do grupo Votorantim mencionava 46 empresas e um efetivo de 33 mil empregados – um legado que traduzia décadas de lucidez empresarial e visão de futuro.



DA CULTURA DO ALGODÃO AO AGRO BRASILEIRO

Luiz Vicente de Souza Queiroz foi um empresário vitorioso no século XIX em São Paulo. Sua primeira iniciativa empresarial foi a Tecelagem Santa Francisca, em 1874, que aproveitava pioneiramente a força hidráulica do rio Piracicaba. A empresa, equipada com máquinas importadas da Inglaterra, passou a consumir toda a safra de algodão do município e a fabricar tecidos com a mesma qualidade e estamparia produzidas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, então com grande tradição têxtil. O espírito empreendedor de Queiroz também se manifestou na iluminação elétrica de Piracicaba (SP), que ele instalou antes mesmo da capital do estado. Queiroz foi também um fazendeiro de grande visão técnica, especialmente na cultura algodoeira em suas fazendas. Mas cultivou, sobretudo, até sua morte em 1898, o sonho de fundar na cidade uma Escola Superior de Agricultura, que permitisse que os jovens conterrâneos se capacitassem em Engenharia Agronômica, a formação dele próprio, aperfeiçoada em viagens de estudos à Europa e aos Estados Unidos.

Luiz de Queiroz concebeu, com o auxílio de especialistas estrangeiros especialmente contratados para esse fim, a planta da instituição de ensino e a respectiva estratégia pedagógica. Em 1892,

sete anos antes de morrer, considerando as próprias limitações para continuar desembolsando todo o investimento necessário, ele doou toda a fazenda São João ao governo estadual, estabelecendo o prazo de dez anos para a construção da escola, voltando a propriedade ao seu dono caso essa cláusula não fosse cumprida no prazo.

Em 1901, já falecido Queiroz, o governo, temendo a caducidade da doação, inaugurou prematuramente a escola, sem cumprir os requisitos da planta original e seus objetivos didáticos. Somente em 1904, uma reviravolta política em São Paulo conduziu à Secretaria de Agricultura o médico Arruda Botelho, piracicabano de origem e entusiasta dos planos de Queiroz. Isso permitiu a implantação no local de um gigantesco canteiro de obras. Em pelo menos dois anos de trabalho intensivo, ficou realmente pronto o grande edifício da escola, com todas as suas dependências e anexos.

Diferentemente da modesta inauguração anterior, desta vez foram abertas instalações definitivas, o que foi celebrado com foguetórios, bandas de música, recepções, banquetes e com a presença maciça de políticos e convidados. A ausência mais lamentada foi a do idealizador e seu pioneiro inovador Luiz de Souza Queiroz, já falecido, sem filhos, deixando viúva dona Ermelinda. A julgar pelo entusiasmo da esposa pela escola, demonstrado nas conversações registradas em diário pelo professor norte-americano Eugene Davenport, hóspede do casal Queiroz para discutir o modelo da instituição de ensino, é impossível não presumi-la, em sua viuvez, envolvida na viabilização da Escola Agrícola. Acrescente-se a isso a sua extraordinária autonomia intelectual e seu hábito de acompanhar o marido em qualquer lugar – o que contrariava os costumes da época em Piracicaba. Ali as esposas trancavam-se voluntariamente no lar, somente acompanhando os maridos nas missas ou cerimônias.

Em resumo: os registros de Davenport sugerem um devotado engajamento intelectual de Ermelinda nos planos educacionais do marido; depoimentos de familiares evocam, em cartas, o grande amor que os unia; e, por último, sempre pareceu insólito aos olhos de uma comunidade mergulhada no patriarcalismo, o fato de o casal Queiroz estar sempre junto, indo frequentemente a qualquer lugar, quando o costume do tempo era o marido circular desacompanhado. Esses fatos permitem inferir que a viúva Ermelinda, mais do que qualquer outro convidado, tinha motivos para estar na inauguração. Sua ausência nos festejos é improvável, sendo mais certo que uma presença feminina, isoladamente, não tenha merecido registro por não representar, na época, o que hoje representa. De modo que nos parece lícito supor que Ermelinda, antes de se transformar numa escultura, o que veio a acontecer mais tarde, esteve muitas vezes, em pessoa, no local em que agora é tão merecidamente homenageada.

Os atuais dirigentes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), hoje vinculada à USP, empenham-se fortemente em reconhecer o quase certo engajamento de Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz nas origens da instituição.

3. O PIONEIRISMO FEMININO

Sendo esta publicação associada à exposição *Pioneiros & Empreendedores*, que concluiu em São Paulo a sua itinerância pelo Brasil, há mais o que dizer. Na mostra paulistana, que se realizou em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP), no Palácio dos Campos Elíseos, acrescentou-se ao rol de pioneiros constantes da trilogia publicada entre 2003 e 2007 um grupo de mulheres que fizeram a diferença em várias épocas e áreas diversas de atuação: Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz, Eugênia Ana dos Santos (Mãe Aninha), Índia Vanuíre, Irmã Dulce, Dorina de Gouvêa Nowill, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, Veridiana Valéria da Silva

Prado e Nise da Silveira. Esses nomes foram selecionados a partir de critérios não necessariamente geográficos, e distintos da seleção dos protagonistas homens. Mesmo assim, suas trajetórias tiveram o pioneirismo como traço em comum e, portanto, coerentes com a narrativa da exposição. Fica evidente o propósito de homenagear o papel da mulher na sociedade brasileira, pouco reconhecido, o que nos faz também lamentar a falta de seu protagonismo na história empresarial.



Quando falamos no autoritarismo brasileiro, geralmente centramos a análise no plano político, esquecendo-nos do autoritarismo patriarcal na família, que excluiu as mulheres das páginas da história. Ainda hoje a figura do "chefe de família", por mais que encarne a dedicação do homem à sua mulher e a seus descendentes, também incorpora um inegável ranço de mandonismo patriarcal. Na saga do desenvolvimento empresarial não foi diferente. A nós, que investigamos esse aspecto na civilização brasileira, cumpre registrar a quase "invisibilidade" da mulher nos eventos apurados.

Eric Hobsbawm (1995) definiu os historiados como "memorialistas profissionais do que seus colegas-cidadãos desejam esquecer". A nossa colega Lilia Moritz Schwarcz, no recente livro *Sobre o autoritarismo brasileiro*, destacou a exclusão de gênero como um desvio historiográfico a ser corrigido, até porque subsiste em nosso tempo, embora numa escala menor. Não há prova maior do que a baixa representatividade feminina em nosso parlamento. Após as eleições de 2018, temos apenas 77 deputadas eleitas do total de 513 integrantes da Câmara Federal. Numa pesquisa que listou 138 países e sua representatividade política feminina, o Brasil ocupou a 115ª posição. Até a Arábia Saudita, que somente em 2013 aprovou uma lei contra a violência doméstica do homem, está à nossa frente neste *ranking*.[8]

8. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019. p. 187.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), das oito áreas econômicas que mais crescem no mundo, seis contratam mais homens que mulheres. As perspectivas no Brasil são até piores. Há especialistas que estimam um prazo de cem anos para que o nosso país alcance uma plena equidade de gênero em seu mercado de trabalho.

Apesar da baixa presença feminina em postos de direção no mundo corporativo, sua crescente presença na pesquisa científica e nos corpos docente e discente das universidades brasileiras aponta para um futuro destaque também à frente das empresas nacionais. A crescente marcha emancipatória das mulheres permite supor que se aproxima um tempo em que será possível desenvolver uma pesquisa sobre pioneiras e empreendedoras. Isso pressupõe, desde agora, um caminho para que monitoremos planilhas do IBGE e cursos de administração mais relevantes do país em busca de outros sinais animadores.

A despeito da baixa visibilidade das mulheres no tempo dos pioneiros, que mais uma vez se rememora neste livro, cumpre recordar o papel desempenhado por quatro mulheres. Três delas já citadas páginas atrás, mas de forma incidental: Ermelinda Souza Queiroz, Adma Jafet e Olívia Guedes Penteado. Uma outra aparece pela primeira vez, saindo das páginas da trilogia publicada, exatamente quando se abordava o mundo agrário, então dominado pela presença masculina. Ali está escrito um parágrafo que se impõe novamente, nas páginas deste artigo:

> *[...] Além do enfrentamento das adversidades, o convívio destes personagens com várias culturas desenvolvia uma sensibilidade capaz de gerar respeito e permitia, apesar das diferenças, despertar o discernimento imprescindível ao êxito no mundo dos negócios. Isso ocorria independentemente do gênero, numa época em que a condição feminina era cerceada no ambiente empresarial. Raras exceções são encontradas, como a excepcional Theolina de Andrade Junqueira, a Sinhá Junqueira, que além de se projetar como dirigente de um respeitável complexo agropecuário na região de Ribeirão Preto empreendeu várias iniciativas de cunho filantrópico. Iniciativas para o atendimento das necessidades dos seus trabalhadores, das populações dos municípios onde suas terras estavam localizadas, e várias outras voltadas para a infância. Estas últimas são mantidas até hoje pela Fundação Sinhá Junqueira, que recebeu, quando da sua morte em 1954, a maior parte da sua herança.*
>
> (MARCOVITCH, 2003)

Consideremos outra pioneira também esquecida. Quando for escrita a história do pioneirismo cultural, cujo evento máximo aconteceu na Semana de 22, emergirá de alguns livros a figura de Olívia Guedes Penteado, grande incentivadora da arte moderna entre nós. Ela e Paulo Prado encabeçaram a lista de subscrições para financiamento da Semana. Nos escritos e cartas de Mário de Andrade, são muitas as referências ao pioneirismo de dona Olívia na cena intelectual paulista, incentivando vocações artísticas e abrindo o seu solar para recepcionar pintores, escritores e poetas. Por ser da aristocracia do seu tempo, a posteridade nem sempre deu o devido destaque à sua participação.

Essa exclusão às avessas na memória da inteligência paulista já foi objeto da revisão insuspeita de Antonio Candido de Mello e Souza. Prefaciando o livro *Villa Kyrial:* crônica da Belle Époque paulistana, de Marcia Camargos, [9] ele não hesitou em lembrar os feitos culturais da alta burguesia em São Paulo. Apontou "realizações das classes dominantes que no entanto serviram à cultura de toda a sociedade". Citou, dentre essas iniciativas, a Universidade de São Paulo, o Teatro Brasileiro de Comédia

9. CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial:* crônica da Belle Époque paulistana. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 11.

(TBC) e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Nesse livro, Marcia Camargos aborda a trajetória de outro mecenas, José de Freitas Valle.

No palacete de dona Olívia (no que era então a "rua" Duque de Caxias) havia um pavilhão exclusivamente ocupado por quadros de pintores modernistas. Segundo a historiadora Marcia Camargos, isso seria absolutamente "impensável" na Villa Kyrial, de Freitas Valle, outro grande mecenas da época. A arte moderna era então marginal e rejeitada por quase toda a sociedade. Dona Olívia recebia os intelectuais paulistanos em seus salões, desde o início da Primeira Guerra Mundial.

O acervo exposto em sua residência incluía obras de artistas da vanguarda francesa, adquiridas quando morava em Paris, ocupando luxuoso apartamento na *avenue* Foch, imóvel que ela vendeu quando regressou ao Brasil. Foi pioneira em seu gosto e envolvimento com as artes novas e isso a distingue da maioria das damas do início do século XX.

A elite paulista na época era formada por 263 pessoas. Tão singular contagem demográfica está no livro de Joseph Love (1982).[10] Para chegar a essa quantificação, ele verificou os ocupantes dos principais cargos no governo ou nos partidos dominantes entre o fim do século XVIII e as primeiras décadas do século XX, período bastante próximo do que estamos a comentar. Presume-se que na alta burocracia partidária e estatal de então eram encontrados fazendeiros e outros protagonistas da economia e da cultura em São Paulo. Levando-se em conta o inquérito do autor de *A locomotiva*, muito mais da metade da elite paulista compareceu à Convenção de Itu.

Anteriormente, neste livro, creditou-se a Adma Jafet a criação do Hospital Sírio Libanês – e aqui se registra em detalhes para tornar mais evidente o fato histórico. A iniciativa de construí-lo coube a essa dama da colônia libanesa, que, numa tarde de 1º de dezembro de 1921, reuniu em sua casa um grupo de amigas para juntas formarem a Sociedade Beneficente de Senhoras, cujo maior objetivo foi a construção desse grande hospital. O terreno foi adquirido em 1926, a construção iniciou-se em 1936 e terminou em 1940. Um século depois, a Diretoria de Senhoras, constituída em parte pelas descendentes das fundadoras, continua atuando com os mesmos valores de solidariedade, fazendo com que eles estejam presentes no dia a dia da instituição.

E, por último, voltemos a mencionar Ermelinda, parceira no maior de todos os projetos de vida de Luiz Vicente de Souza Queiroz. Na Esalq, durante o século XXI, dá-se uma resposta a este desabafo da grande senhora piracicabana sobre a condição feminina no correr do século XIX, em conversações do casal com o professor Eugene Davenport e sua esposa Emma: *"A man marries to get a good servant"*.[11] Hoje, nos quadros de pós-graduação daquela escola líder em Ciências Agrárias no mundo, mulheres estão na liderança.

Permito-me, neste final de artigo, recuperar algumas palavras das muitas que proferi em palestras na Esalq sobre o papel histórico de Ermelinda em seu empenho para tornar viável o sonho do marido.

Na pequenina Piracicaba de sua época, uma das poucas mulheres a se destacar era a esposa de Luiz de Souza Queiroz, Ermelinda Ottoni de Souza, a tia Nininha para seus familiares. Nascida em 1º de março de 1856, no Rio de Janeiro, era a quinta filha do casal Ottoni. Luiz, nascido em São Paulo em 1849, seguiu para a Europa aos 8 anos, retornando aos 24 anos de idade para assumir os negócios do pai, o barão de Limeira.

10. LOVE, Joseph L. *A Locomotiva:* São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
11. DAVENPORT, Eugene. *Eugene Davenport Papers.* University of Illinois Archives, Record Series 8-1-21, Box 4, s.d.

Após o casamento, Ermelinda continuou suas viagens ao exterior, visitando por várias vezes a irmã em Paris. Antes de se casar, ela viajara extensamente pela Europa, pelos Estados Unidos e pela Ásia. Tinha também um temperamento independente. Andava pelas ruas de Piracicaba na companhia constante de seu marido, comportamento inusitado naquele tempo.

Um exemplo inspirou mais ainda Ermelinda Ottoni em seu apoio ao empreendedorismo do marido. Cristiano Ottoni, seu pai, nascido em Minas Gerais em 1811, era também um empreendedor. Foi responsável por uma das nossas mais extensas ferrovias, a Central do Brasil.

Outra fonte desta breve memória de Ermelinda, que trago aqui como incentivo para uma tentativa biográfica mais longa e mais densa, foi o manuscrito já referido aqui, mas bem antes constante de uma discreta nota de pé de página do livro *A locomotiva*: São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937 (LOVE, 1982). Tal documento era uma autobiografia escrita a mão por Eugene Davenport e depositada no acervo bibliográfico da Universidade de Illinois (EUA). Numa de suas viagens aos Estados Unidos, Luiz de Queiroz contratou, em 4 de setembro de 1891, a vinda desse professor de Agricultura do Michigan Agricultural College, que mais tarde chegaria a reitor da Universidade de Illinois.

Até recentemente bem pouco se sabia sobre a estada de Davenport no Brasil. A nota de rodapé que nos levou ao seu manuscrito foi altamente reveladora. A parte que ali se encontra, referente ao Brasil, estende-se por 74 páginas e relata sua estada, iniciada em 5 de novembro de 1891, quando desembarcou com sua família no Rio de Janeiro, na ocasião recebido pessoalmente por Ermelinda Queiroz e acompanhado até São Paulo para então seguir para Piracicaba.

Esses velhos papéis têm um cheiro de vida clássica. Seus registros lembram outro tempo, de modos fidalgos, com grande harmonia familiar. Dona Ermelinda emerge deles com a imagem de uma dama letrada, culta, senhora de suas opiniões. Um tipo raro nos lares da época.

Eugene Davenport, de novembro de 1891 a abril de 1892, morou na sede da fazenda São João da Montanha, que Luiz de Queiroz arrematara pouco antes em hasta pública para instalar sua escola. Realçando sempre a cultura geral de Ermelinda e seu interesse pelo êxito de Luiz como empreendedor, Davenport registra a presença da senhora Queiroz na mesa de jantar, participando da discussão, numa época em que "lugar de mulher era na cozinha". Estávamos muito longe da emancipação da mulher nos moldes hoje conhecidos.

Norberto Bobbio (2000) resumiu, numa só frase, todo um processo de civilização, ao dizer que "a única revolução mundial de todos os tempos foi a revolução feminina, surgida nos anos 1970". Durante séculos anteriores, o poder do homem sobre a mulher não sofreu contestação ou revisão em profundidade. Esse domínio manifestou-se, sobretudo, no plano intelectual.

É nosso dever projetar para os dias vindouros as ideias que inspiraram Ermelinda e Luiz no século XIX, antecipando em mais de cem anos a proposta de uma agricultura superior, moderna e pioneira. Os dois quiseram o futuro ontem, e conseguiram. O casal viu a agricultura como a mais bem-sucedida parceria da humanidade com a Natureza. Tentemos prolongar em nosso tempo a mesma ambição generosa que tornou as suas vidas significativas e perenes.

A ênfase final sobre o papel da mulher na saga do trabalho em São Paulo, durante os séculos passados, decorre exatamente de terem sido raros esses protagonismos. As pioneiras aqui mencionadas atreveram-se a opinar, empreender e agir no espaço então dominado pelo mais rígido e ostensivo patriarcalismo.

Os Centros de Memória Empresarial hoje notoriamente conduzidos pela competência feminina, e aos quais a exposição *Pioneiros & Empreendedores* deveu em grande parte o acervo exibido, têm o desafio de recolher e detalhar, desde agora, a história da mulher na economia do país a partir do século XX, alcançando considerável maturidade nestas primeiras décadas do século XXI.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissã*o. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe. Col. Obras completas de Oswald de Andrade. 2ª. ed. São Paulo: Globo, 2002. p. 68.

BLANCATO, Vicenzo S. *Scelta di Discorsi e Interviste del Conte Francesco Matarazzo*. São Paulo: Typ. Paulista, 1926.

BOBBIO, Norberto. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

BRUSCHINI, Cristina. *Trabalho feminino no Brasil*: novas conquistas ou persistência da discriminação?. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

CACHIONI, Marcelo. *Arquitetura eclética na cidade de Piracicaba*. Dissertação (Mestrado). Campinas: PUC/Campinas, 2002.

CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil:* cinco séculos de pessoas, costumes, governos. São Paulo: Estação Brasil, 2017. p. 272.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyria*l: crônica da Belle Époque paulistana. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 11.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República:* momentos decisivos. São Paulo: Editora Unesp, 1968. p. 482.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Maurício Klabin* – Empreendedor e pioneiro da indústria brasileira, da comunidade judaica e da família Klabin-Lafer. São Paulo: Narrativa Um, 2019.

DAVENPORT, Eugene. *Eugene Davenport Papers*. University of Illinois Archives, Record Series 8-1-21, Box 4, s.d.

FALCÃO, Aluízio. *Pernambucanos imortais e mortais* – Trinta perfis e outras palavras. Recife: CEPE Editora, 2018.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP RESEARCH ASSOCIATION. *GEM 2000 Global Report.* London Business School, London/UK, 2000. Disponível em http://www.gemconsortium.org/docs/2408/gem-2000-global-report

GOMES, Laurentino. *1889:* Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo Livros, 2013. p. 158.

GOULART, Maurício. "Julio Mesquita." In: DUARTE, Paulo. *Julio Mesquita*. São Paulo, Hucitec, 1977.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Loeb & MATTAR, Vera Cattini. *Memória da Imigração*: Libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos:* o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 107.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2000. Censo Demográfico 2000: Características gerais da população – Resultados da amostra. Brasília: Ministério do Planejamento e Gestão. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf

KIEHL, Edmar José. "Vida e Obra de Luiz de Queiroz". In: *Esalq 75 (1901-1976)*: 75 Anos a Serviço da Pátria. Piracicaba: Editora Franciscana, 1975.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Um Centenário.* Jornal do Brasil, 5 jan. 1975.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A norma brasileira em construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: FAPERJ/ UFRJ, 2005, 251p.

LOUREIRO, Maria Rita Garcia. *Os economistas no governo:* gestão econômica e democracia. São Paulo: Ed. FGV, 1977.

LOVE, Joseph L. *A Locomotiva:* São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. 3 Vols. São Paulo: Edusp; Editora Saraiva, 2003, 2005, 2007.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 162-163.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. *Os passos do saber*. A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (O esforço para implantar o Ensino Técnico de Segundo Grau na Agricultura, 1891-1911). Tese (Doutorado). São Paulo: Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.

PRADO, Nazareth. *Antônio Prado no Império e na República*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1929.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019. p. 187.

SIMONSEN, Roberto. *À margem da profissão*. São Paulo: São Paulo Editora, 1932.

_____. *História econômica do Brasil* (1500-1820). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

WATTS, Martha Hite. *Evangelizar e civilizar:* cartas de Martha Watts, 1881-1908. Zuleica Mesquita (Org.). Piracicaba: Editora Unimed, 2001.

SOBRE O AUTOR

Professor Emérito da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado pela Owen Graduate School of Management, Vanderbilt University, EUA. É coordenador do projeto e autor da trilogia *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. Reitor da USP (1997- 2001), é professor sênior do Instituto de Relações Internacionais da mesma universidade, membro do Conselho Deliberativo da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin e do Conselho Superior do Graduate Institute of International and Development Studies (IHEID), em Genebra.



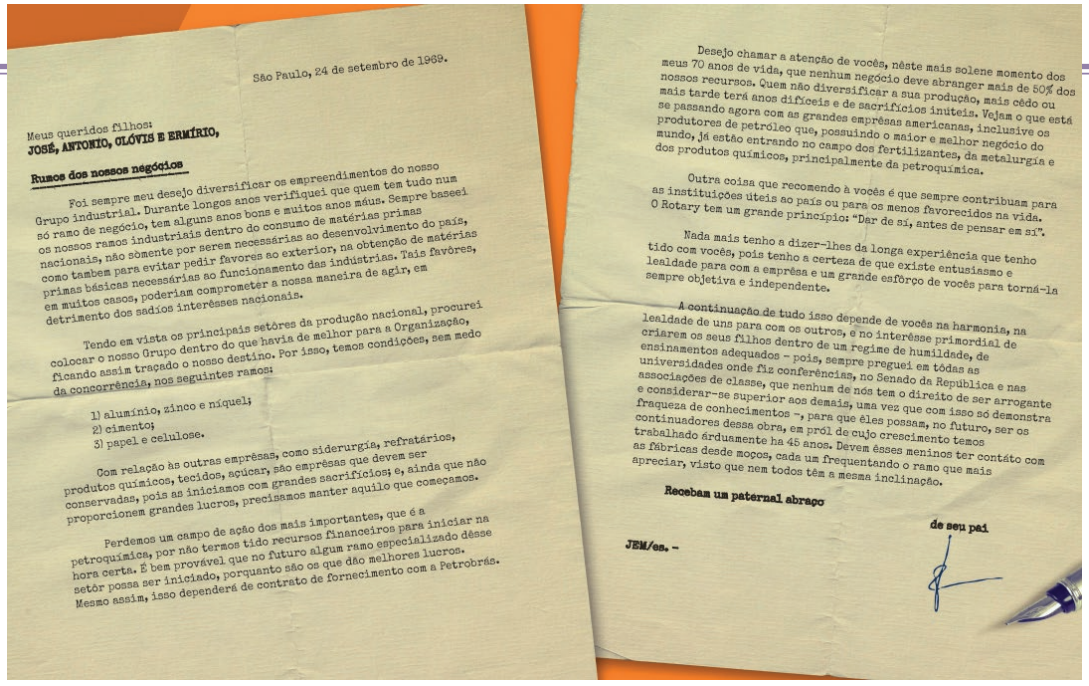
"Leon Feffer era um homem de fé, de sabedoria inata e de esperança. Sua consciência estava sempre aberta para o novo, para as oportunidades que ele agarrava, sempre com criatividade renovada e escolhas sábias. Ele doou de si com generosidade, pois ele sabia que quanto mais se dá, mais se recebe. Graças à sua resiliência e imensurável coragem, ele sobreviveu às agruras da juventude e da infância na Ucrânia."

Betty Feffer



"A história do pioneiro e empreendedor Leon não é diferente de todas as outras histórias aqui contadas. Estamos aqui hoje por causa deles, tanto genética, quanto cultural, quanto economicamente. São todos, mais ou menos, parecidos: corajosos, resilientes, inteligentes, amorosos, generosos, souberam construir relações, estabeleceram pontes, sabiam que o equilíbrio e o bom senso é que garantem o sucesso."

David Feffer



São Paulo, 24 de setembro de 1969.

Meus queridos filhos:
JOSÉ, ANTONIO, CLÓVIS E ERMÍRIO,

Rumos dos nossos negócios

Foi sempre meu desejo diversificar os empreendimentos do nosso Grupo industrial. Durante longos anos verifiquei que quem tem tudo num só ramo de negócio, tem alguns anos bons e muitos anos máus. Sempre baseei os nossos ramos industriais dentro do consumo de matérias primas nacionais, não sòmente por serem necessárias ao desenvolvimento do país, como tambem para evitar pedir favores ao exterior, na obtenção de matérias primas básicas necessárias ao funcionamento das indústrias. Tais favôres, em muitos casos, poderiam comprometer a nossa maneira de agir, em detrimento dos sadios interêsses nacionais.

Tendo em vista os principais setôres da produção nacional, procurei colocar o nosso Grupo dentro do que havia de melhor para a Organização, ficando assim traçado o nosso destino. Por isso, temos condições, sem medo da concorrência, nos seguintes ramos:

1) aluminio, zinco e niquel;
2) cimento;
3) papel e celulose.

Com relação às outras emprêsas, como siderurgia, refratários, produtos químicos, tecidos, açúcar, são emprêsas que devem ser conservadas, pois as iniciamos com grandes sacrificios; e, ainda que não proporcionem grandes lucros, precisamos manter aquilo que começamos.

Perdemos um campo de ação dos mais importantes, que é a petroquímica, por não termos tido recursos financeiros para iniciar na hora certa. É bem provável que no futuro algum ramo especializado dêsse setôr possa ser iniciado, porquanto são os que dão melhores lucros. Mesmo assim, isso dependerá de contrato de fornecimento com a Petrobrás.

Desejo chamar a atenção de vocês, nêste mais solene momento dos meus 70 anos de vida, que nenhum negócio deve abranger mais de 50% dos nossos recursos. Quem não diversificar a sua produção, mais cêdo ou mais tarde terá anos difíceis e de sacrifícios inúteis. Vejam o que está se passando agora com as grandes emprêsas americanas, inclusive os produtores de petróleo que, possuindo o maior e melhor negócio do mundo, já estão entrando no campo dos fertilizantes, da metalurgia e dos produtos químicos, principalmente da petroquímica.

Outra coisa que recomendo à vocês é que sempre contribuam para as instituições úteis ao país ou para os menos favorecidos na vida. O Rotary tem um grande princípio: "Dar de si, antes de pensar em si".

Nada mais tenho a dizer-lhes da longa experiência que tenho tido com vocês, pois tenho a certeza de que existe entusiasmo e lealdade para com a emprêsa e um grande esfôrço de vocês para torná-la sempre objetiva e independente.

A continuação de tudo isso depende de vocês na harmonia, na lealdade de uns para com os outros, e no interêsse primordial de criarem os seus filhos dentro de um regime de humildade, de ensinamentos adequados – pois, sempre preguei em tôdas as universidades onde fiz conferências, no Senado da República e nas associações de classe, que nenhum de nós tem o direito de ser arrogante e considerar-se superior aos demais, uma vez que com isso só demonstra fraqueza de conhecimentos –, para que êles possam, no futuro, ser os continuadores dessa obra, em prôl de cujo crescimento temos trabalhado árduamente ha 45 anos. Devem êsses meninos ter contáto com as fábricas desde moços, cada um frequentando o ramo que mais apreciar, visto que nem todos têm a mesma inclinação.

Recebam um paternal abraço

de seu pai

JEM/es. –

"Nada mais tenho a dizer-lhes da longa experiência que tenho tido com vocês, pois tenho certeza de que existe entusiasmo e lealdade para com a empresa e um grande esforço de vocês para torná-la sempre objetiva e independente."

"Carta aos filhos", de José Ermírio de Moraes



"Sou neto de Atílio Fontana, que nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e cedo migrou para Santa Catarina. Começou como plantador de alfafa, tornou-se comerciante, adquiriu um frigorífico em construção no município de Concórdia, para em seguida conceber e dirigir o Grupo Sadia, hoje BRF. Pessoa pragmática, ele dizia: "Se você vai para uma cidade, olhe primeiro para os telhados. Se tem telhado novo, encontrará oportunidades. Se não tem telhado novo, caia fora, porque ali as coisas não andam."

Luiz Fernando Furlan



"Um sentimento de união e solidariedade sempre caracterizou a nossa família originária do Líbano. Outro sentimento foi a gratidão por terem sido muito bem recebidos no seu novo país. Nunca foram tratados como estrangeiros, mas sempre como brasileiros. Por isso, juntaram um grupo de senhoras, lideradas por Adma Jafet, minha bisavó, e fundaram a Sociedade Beneficente de Senhoras, hoje, o Hospital Sírio-Libanês, que está completando 100 anos."

Basílio Jafet



"Meu bisavô veio da Suécia e desembarcou no Recife. Fornecia víveres aos navios atracados no porto e aprendeu a exportar couro. Na seca do sertão, tornou um cacto sem espinho, a palma santa, uma fonte de alimento para o gado. Montou uma fábrica de tecidos e abriu lojas próprias para venda de produtos têxteis, tendo por mote a garantia de qualidade e preços fixos. Essas primeiras lojas se tornaram as Casas Pernambucanas, hoje espalhadas pelo Brasil."

Frederico Axel Lundgren





Nora (filha), Denis (neto), Ilana (neta), Samuel e Eli (bisnetos) do pioneiro Samuel Benchimol, com parentes e amigos

"Fico orgulhosa quando constato que ainda hoje, tantos anos após seu falecimento, meu avô serve de inspiração e fonte de sabedoria a respeito da Amazônia para muitos na região e, em especial, para nós, membros da família. A principal paixão dele era a Amazônia, sempre encantadora e desafiadora, e, antes de tudo, os seres humanos que a habitam: os caboclos, os índios, os migrantes nordestinos, os imigrantes europeus, asiáticos, judeus e árabes que lá se fixaram e formaram a rica miscigenação amazônica."

Ilana Benchimol Minev

SEGUNDA PARTE

O REENCONTRO DOS PIONEIROS EM SÃO PAULO: NOVOS OLHARES MUSEOLÓGICOS

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS: PIONEIROS & EMPREENDEDORES EM SÃO PAULO

por Maria Cristina Oliveira Bruno

O projeto museológico *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*, constituído por uma exposição, ações educativas e eventos acadêmicos, chegou à cidade de São Paulo em setembro de 2019. Trata-se de uma iniciativa que construiu seu processo de musealização a partir do entrelaçamento entre as distintas dimensões da memória – individual/coletiva/histórica – referentes ao tema central e, nessa cidade, agregou ainda a perspectiva dos lugares de memória, uma vez que foi apresentado no Palácio dos Campos Elíseos, cenário cúmplice e singular das tradições e rupturas paulistas.



Painel e *banners* de entrada da exposição

Após uma itinerância iniciada em 2010 no Rio de Janeiro, percorrendo Fortaleza, Manaus e Recife, essas iniciativas museológico-curatoriais estão registradas em dois livros: *Os caminhos do processo de musealização* (2012) e *Textos e contextos regionais* (2016).[1]

Ao longo desse percurso foi possível experimentar a validade do conceito gerador e do roteiro expositivo, refinar os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do projeto, implementados a partir da dinâmica de curadoria compartilhada, encontrar distintas realidades regionais e, sobretudo, identificar as potencialidades educacionais dessa temática e construir interlocuções com o momento presente.

> *Esse projeto, que partiu de produção editorial e certames acadêmicos consolidados e cultivou sua inspiração essencial no compromisso com a divulgação museológica, construiu as suas rotas por meio da experimentação da ação curatorial, entendendo-a como cúmplice da interdependência entre conhecimentos múltiplos, especialidades técnicas, campos profissionais delimitados e expectativas compartilhadas.*
>
> (BRUNO, 2012, p. 67)

Trata-se de uma proposta museológica ancorada na hipótese de que é possível, em um discurso expositivo, entrelaçar as distintas dimensões da memória e, ao mesmo tempo, questioná-las no que se refere às suas singularidades, reciprocidades e complementaridades. Partindo de produção editorial que escrutinou 24 biografias de empreendedores que foram pioneiros no Brasil,[2] submetendo-as, ao mesmo tempo, aos dilemas das vidas labirínticas,

> *procuramos, também, desenvolver o conceito gerador museológico a partir da compreensão de distintos vetores, compreendendo que este projeto não deveria se caracterizar pela apresentação de biografias, mas, ao contrário, deveria extrair dessas trajetórias pessoais os elementos que identificam os pioneiros e como esses elementos poderiam servir de bússola na atualidade para desvelarmos a pedagogia empreendedora, como um caminho promissor para as novas gerações. Nesse sentido, nos pautamos nos seguintes conceitos:*
>
> *> labirinto: multiplicidade de caminhos e decisões;*
> *> capacidade antecipatória em relação aos empreendimentos;*
> *> mecanismos produzidos para superação de situações adversas;*
> *> leitura de contexto que orientou as ações pioneiras;*
> *> busca da inovação para ampliação dos negócios.*
>
> (BRUNO, 2012, p. 69)

1. As duas obras mencionadas foram coordenadas por Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno e contam com textos que apresentam temas sobre as problemáticas históricas que envolvem o pioneirismo empreendedor no Brasil. Abordam também questões museológicas e educativas inseridas no projeto museológico.

2. Esta referência corresponde à obra matriz deste projeto museológico, a trilogia *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil, coordenada por Jacques Marcovitch, que abordou as seguintes trajetórias: os Prado, Nami Jafet, Francisco Matarazzo, Ramos de Azevedo, Jorge Street, Roberto Simonsen, Julio Mesquita, Leon Feffer, Barão de Mauá, Luiz de Queiroz, Atílio Fontana, Valentin dos Santos Diniz, Guilherme Guinle, Lafer-Klabin, José Ermírio de Moraes, Gerdau-Johannpeter, os Lundgren, Luiz Tarquínio, Bernardo Mascarenhas, Delmiro Gouveia, Roberto Marinho, Augusto Trajano de Azevedo Antunes, Samuel Benchimol e Edson Queiroz.

Além de um módulo desenvolvido exclusivamente para a mostra em São Paulo, o roteiro que norteou a exposição foi equacionado em cinco módulos, que foram mantidos em toda a itinerância, a saber:

MÓDULO 1 — o encontro com os pioneiros e seus empreendimentos

MÓDULO 2 — os pioneiros e o Brasil
- Submódulo 1 > Brasil Monárquico
- Submódulo 2 > Primeira República
- Submódulo 3 > Era Vargas
- Submódulo 4 > Brasil Contemporâneo

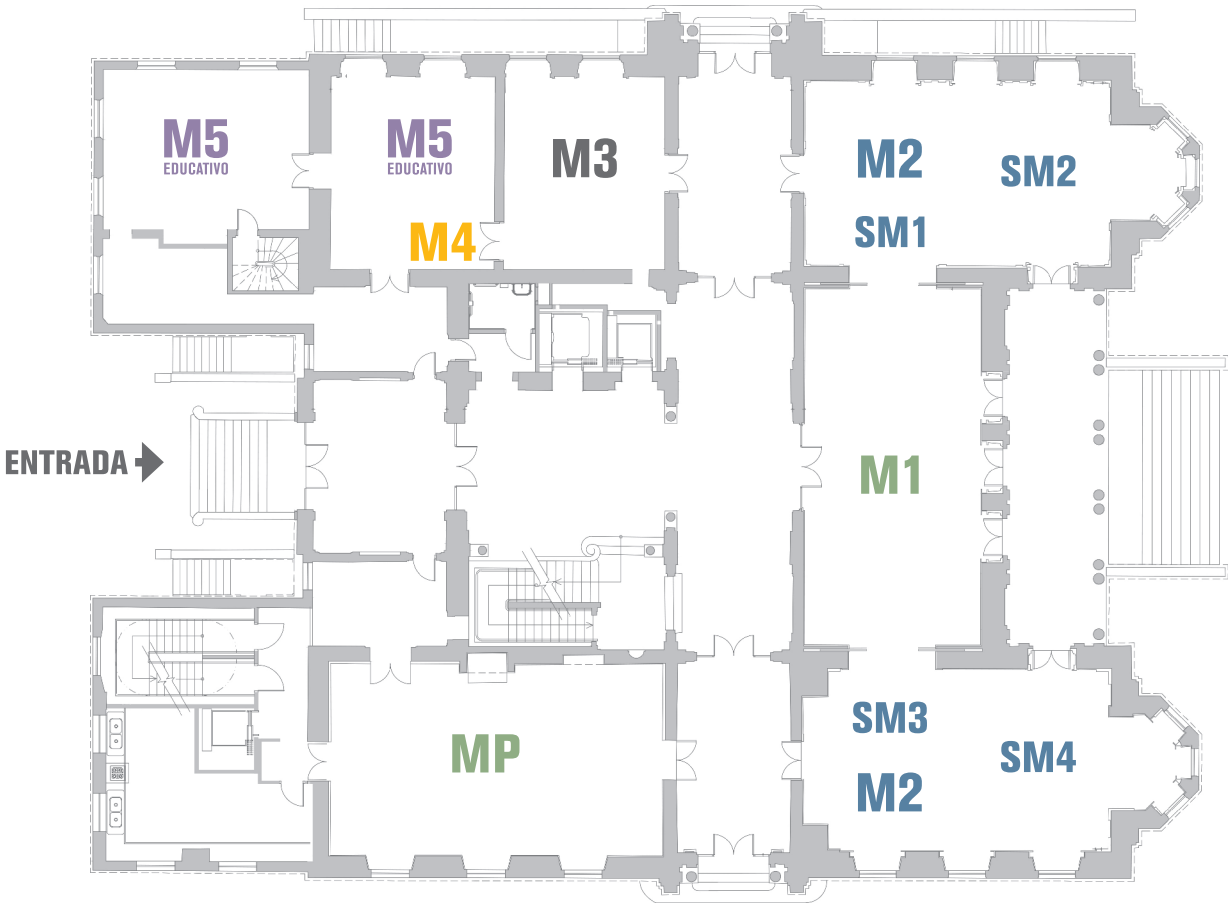
MÓDULO 3 — diálogos entre os pioneiros

MÓDULO 4 — os percursos e as ações dos pioneiros

MÓDULO 5 — os pioneiros, os empreendimentos e nós

MÓDULO PAULISTA — os pioneiros em São Paulo

Na montagem paulistana foi acrescentado o módulo "Os pioneiros em São Paulo", mas nessa versão da exposição, de um modo geral, foram necessários desdobramentos e atualizações na linha do tempo sobre as mudanças e inovações que acompanharam os tempos dos pioneiros; nas tecnologias que constituem os recursos expográficos, inserindo novos temas e imagens; e, de forma muito especial, foi possível fazer uma evocação às mulheres pioneiras e ao Palácio dos Campos Elíseos.



1. SINERGIAS E EMBATES ENTRE AS DISTINTAS DIMENSÕES DAS MEMÓRIAS DOS EMPREENDEDORES PIONEIROS

Nas últimas décadas, diversos campos de conhecimento das humanidades, como a História, a Antropologia, a Sociologia da Cultura, entre outros, têm demonstrado interesse pelas abordagens que problematizam as particularidades das diferentes dimensões da memória, questionando os aspectos que envolvem as sinergias entre essas particularidades e as configurações de identidades, e tratando das idiossincrasias e dos embates em relação à constituição de conjuntos de bens patrimoniais. As discussões sobre o antagonismo entre memória e esquecimento, preservação e desenvolvimento, passado e presente também têm ocupado muito da energia dos profissionais que transitam nesses circuitos acadêmicos. Nas palavras de Joël Candau:

> *A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca fundir-se nele.* (CANDAU, 2011, pp. 131-132)

Podemos sublinhar o interesse e a atenção do campo da Museologia por essas abordagens, mas sobretudo a sua potencialidade de construir discursos voltados à valorização dos indicadores de memórias e de direcioná-los para a educação sobre o patrimônio, a partir do enquadramento, da preservação e da extroversão de fenômenos do passado vinculados à articulação de vestígios, documentos, coleções e acervos identificados no presente e subordinados a processos de musealização. Estes, por sua vez, colaboram com a construção das identidades em suas distintas dimensões, com o reconhecimento de mudanças e permanências históricas, com a identificação de valores individuais e coletivos e com o "ser e estar" nesse lugar, em um certo lugar.

São processos que permitem a vivência de experiências de pertencimento, de conhecimento crítico sobre as trajetórias socioculturais que nos envolvem e nos ajudam a elaborar empatias nesses contextos. Entretanto, é importante destacar que a maior potencialidade das ações museológicas reside na capacidade de colaborar com a educação da memória, de acordo com o seu explícito envolvimento nos sistemas de administração dessa memória. Conforme a afirmação de Pedro Cardoso (2014), "a museologia é responsável pelo destino do que valorizamos".

Buscamos, com o projeto *Pioneiros & Empreendedores*, construir o discurso expositivo entrelaçando as distintas dimensões da memória e, assim, articulamos os módulos do roteiro expográfico a partir da proposição de perguntas, com vistas a argumentar em relação aos respectivos temas e propiciar os questionamentos, mas também as sinergias entre as memórias coletivas e históricas, partindo de "casos" individuais e particulares que, de forma labiríntica, teceram horizontes coletivos e interferiram em contextos históricos deste país.

Nesta oportunidade, em São Paulo, abrimos a exposição com o painel tradicional do projeto, com as fotos dos 24 biografados, ladeadas por pequenos desenhos das silhuetas femininas, referências sutis que evocam a presença das mulheres na introdução da exposição.

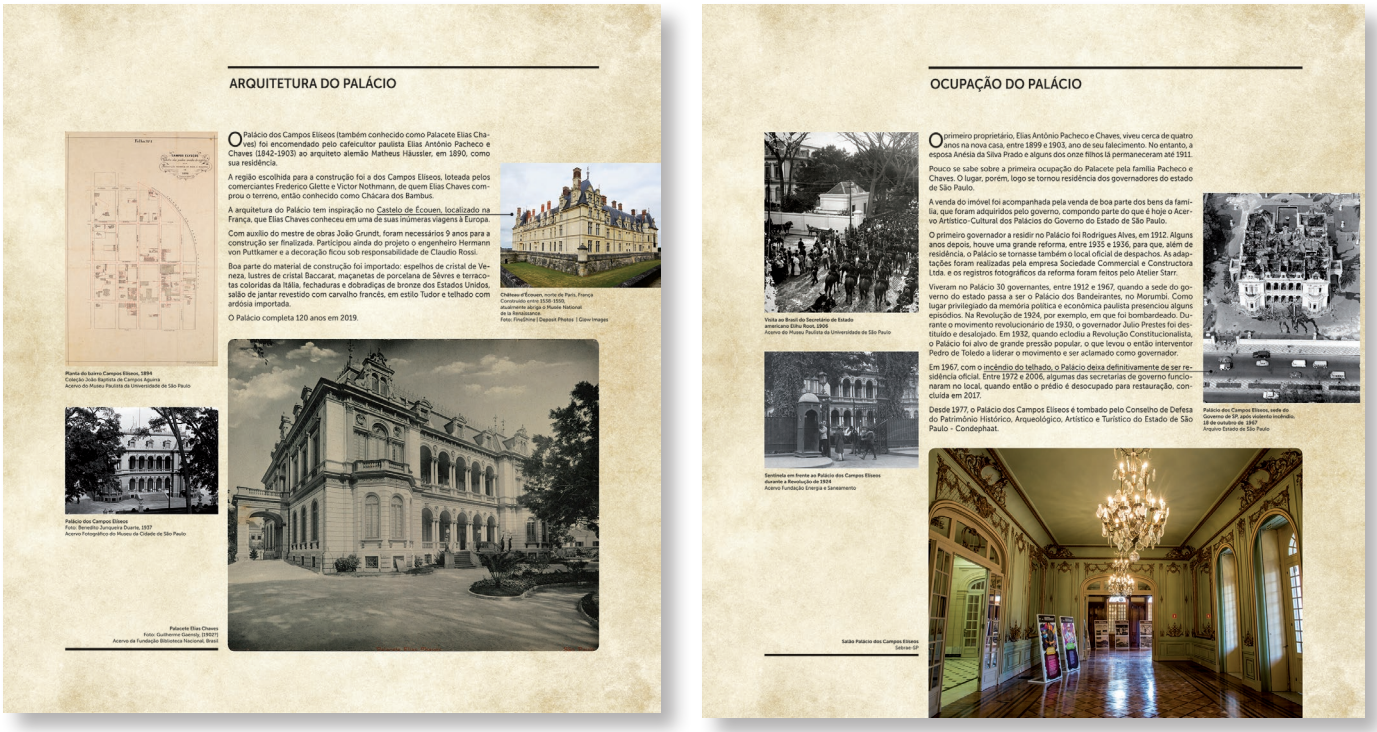
Painel de entrada da exposição. Em suas laterais, silhuetas das mulheres pioneiras


PIONEIROS & EMPREENDEDORES

Da mesma maneira, inserimos painéis com textos e imagens sobre a historicidade do Palácio dos Campos Elíseos, sede que hospedou a exposição, as ações educativas e os eventos acadêmicos. Trata-se de explicitar, na abertura do discurso expositivo, a importância desse "lugar da memória" no que se refere às abordagens reveladas ao longo da exposição – um lugar, um espaço, uma residência que acolheu diferentes vivências, do privado ao público, do familiar às esferas do poder, do doméstico ao administrativo que, por sua vez, está localizado em um território que tem acompanhado muitas transformações da cidade de São Paulo e da sociedade paulistana e paulista.

A possibilidade de apresentar a exposição e realizar as atividades correlatas nesse espaço agregou valor aos propósitos do projeto museológico, propiciando uma inflexão sobre o conceito gerador e em relação aos argumentos tratados tanto na exposição quanto nas ações educativas. O roteiro expositivo encontrou nas próprias salas do palácio os espaços adequados, que já haviam sido vivenciados pelos protagonistas de grande parte dos temas e das memórias que a exposição apresenta.

O Palácio dos Campos Elíseos e sua inserção urbana, em um território que tem experimentado tantas mudanças e rupturas, assume neste momento, sem dúvida, um perfil de resiliência patrimonial e com isso permite que as poéticas inerentes ao discurso expositivo despertem fruições com forte expressão afetiva. De certo modo, esse "lugar da memória" é testemunho, é cumplice e protagonista da saga dos pioneiros e empreendedores de São Paulo.



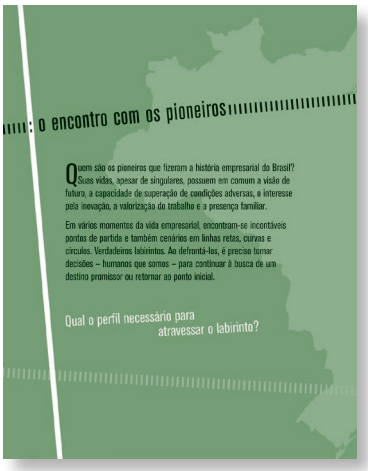
Painéis expositivos sobre a arquitetura e ocupação do Palácio dos Campos Elíseos ao longo do tempo

O primeiro módulo, "O encontro com os pioneiros e seus empreendimentos", ancorado na apresentação de silhuetas dos 24 biografados a partir da dimensão individual da memória, propõe a questão introdutória "*Qual o perfil necessário para atravessar o labirinto?*" e é enunciado na exposição com o texto:

Quem são os pioneiros que fizeram a história empresarial do Brasil? Suas vidas, apesar de singulares, possuem em comum a visão de futuro, a capacidade de superação de condições adversas, o interesse pela inovação, a valorização do trabalho e a presença familiar.

Em vários momentos da vida empresarial, encontraram-se incontáveis pontos de partida e também cenários em linhas retas, curvas e círculos. Verdadeiros labirintos. Ao defrontá-los, é preciso tomar decisões – humanos que somos – para continuar à busca de um destino promissor ou retomar ao ponto inicial.

Com o propósito de dar protagonismo aos pioneiros,[3] este módulo se desdobra, inclusive e por intermédio de vídeos, em alguns aspectos das respectivas histórias de vida, avançando em fatos das memórias coletivas propiciados ou envolvidos pelos seus empreendimentos e que contam com inserções nos acontecimentos econômicos e políticos do seu tempo. Essa imersão nas memórias particulares ainda é reverberada com a apresentação de objetos pessoais.

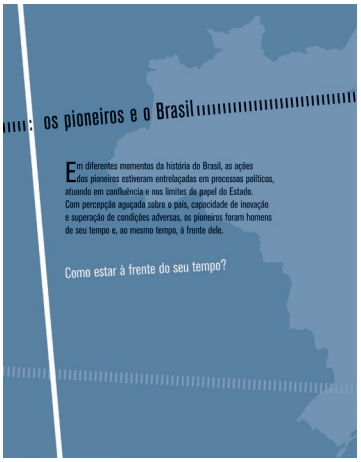


Painel de abertura do módulo 1



Totens e vitrines dos pioneiros

3. É importante sublinhar que 12 desses pioneiros desenvolveram as suas atividades em São Paulo e deixaram as suas marcas nos circuitos econômicos, políticos e culturais, tendo frequentado muito o Palácio dos Campos Elíseos.



Painel de abertura do módulo 2

Já no segundo módulo, "Os pioneiros e o Brasil", as memórias coletivas são valorizadas pelos empreendimentos e contextualizadas em diferentes momentos da história do país, apresentados cronologicamente. Este segmento é introduzido pelo questionamento "*Como estar à frente de seu tempo*?" e pelo texto:

Em diferentes momentos da história do Brasil, as ações dos pioneiros estiveram entrelaçadas em processos políticos, atuando em confluência e nos limites do papel do Estado. Com percepção aguçada sobre o país, capacidade de inovação e superação de condições adversas, os pioneiros foram homens de sua época e, ao mesmo tempo, à frente dela.

Neste módulo, que é subdividido em quatro segmentos, as biografias abrem espaço para os marcos de inovação e mudanças no processo histórico entre os séculos XIX e XXI. É perceptível o envolvimento de diversos empreendimentos e, portanto, de seus gestores, na condução do desenvolvimento do país. Em cada período histórico, as perguntas são realinhadas e, de forma propositiva, inauguram o submódulo seguinte.

No submódulo "Brasil monárquico", a pergunta "*Que condições criadas pelos pioneiros favorecem empreendimentos do próximo período*?" estabelece interlocução com o texto referencial:

Os pioneiros marcaram este momento de ruptura na história econômica do Brasil, liderando o surgimento de bancos, indústrias e atividades comerciais. Foi um período de transformação de uma economia agrícola centrada na cafeicultura de exportação para uma economia que dá início à tardia industrialização no país.



Foto em 3D da saída do módulo 1 para a entrada do módulo 2, submódulo 1, "Brasil Monárquico"

O submódulo dedicado à "Primeira República" apresenta a indagação "*Como o desenvolvimento da industrialização e da urbanização contribuiu para a capacidade de inovação e a visão de futuro dos pioneiros?*", a partir da seguinte argumentação:

A transição para a República e para o trabalho livre condicionou um cenário de incertezas políticas e econômicas nos primeiros anos do novo governo.

A imigração, o surgimento de novos espaços urbanos e o crescimento da industrialização ganharam força. Nesse contexto, os movimentos de reivindicação dos trabalhadores colocaram os empresários diante de questões sociais.





Totens e vitrines do submódulo 2

A "Era Vargas" nomeia o terceiro submódulo e desvela a pergunta "*De que forma é possível identificar a presença do Estado nas trajetórias empresariais dos pioneiros neste período?*", que, por sua vez, é problematizada com o seguinte texto de apresentação:

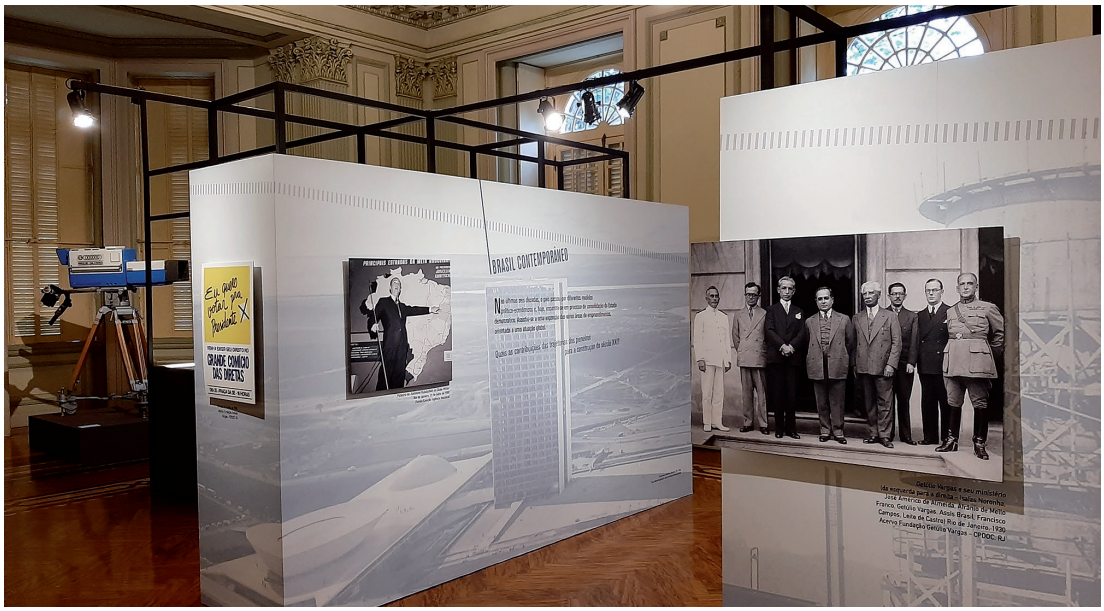
Durante os quinze anos em que Getúlio Vargas permaneceu no poder, seu governo se destacou pela criação de um projeto de Estado nacional, pela promoção efetiva da indústria, pela consolidação de leis trabalhistas e pela repressão às vozes contrárias ao regime político. A trajetória empresarial de vários pioneiros possibilitou a realização de projetos conjuntos com o governo federal, principalmente em relação à siderurgia e ao petróleo.

Totens e vitrines do submódulo 3



O último submódulo, "Brasil contemporâneo", enuncia a questão dos nossos dias – "*Quais as contribuições das trajetórias dos pioneiros para a construção do século XXI?*" – e explicita alguns caminhos para a reflexão, com o seguinte texto:

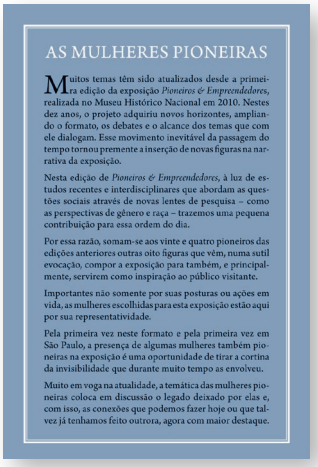
Nas últimas décadas, o país passou por diferentes modelos político-econômicos e, hoje, encontra-se em processo de consolidação do Estado democrático. Assistiu-se a uma expansão das várias áreas de empreendimentos, orientadas a uma atuação global.





Totens e vitrines do submódulo 4

Neste segundo módulo, dedicado à inserção dos empreendimentos e de seus pioneiros ao longo do tempo, referenciados pelos distintos períodos da história do país, foram introduzidas silhuetas de mulheres empreendedoras,[4] apenas com o objetivo de fazer uma evocação à presença feminina e pontuar que essa inserção, neste e em muitos outros contextos, ainda corresponde a memórias exiladas – aquelas das quais sabemos da existência, mas ainda temos dificuldade de contextualizá-las na historicidade de muitos vetores no Brasil. São memórias individuais, que algumas vezes têm ressonância em contextos de memórias coletivas, mas que raramente aparecem com protagonismo nas memórias históricas. Essa evocação foi introduzida pela primeira vez na exposição e descortinou muitas possibilidades de pesquisa futura, além de alimentar de forma singular as ações educativas. No processo de seleção para a escolha de mulheres para a introdução de um novo enfoque de gênero neste projeto expositivo, tivemos a especial preocupação com a representatividade étnica e regional em relação ao Brasil.



AS MULHERES PIONEIRAS

Muitos temas têm sido atualizados desde a primeira edição da exposição *Pioneiros & Empreendedores*, realizada no Museu Histórico Nacional em 2010. Nestes dez anos, o projeto adquiriu novos horizontes, ampliando o formato, os debates e o alcance dos temas que com ele dialogam. Esse movimento inevitável da passagem do tempo tornou premente a inserção de novas figuras na narrativa da exposição.

Nesta edição de *Pioneiros & Empreendedores*, à luz de estudos recentes e interdisciplinares que abordam as questões sociais através de novas lentes de pesquisa – como as perspectivas de gênero e raça – trazemos uma pequena contribuição para essa ordem do dia.

Por essa razão, somam-se aos vinte e quatro pioneiros das edições anteriores outras oito figuras que vêm, numa sutil evocação, compor a exposição para também, e principalmente, servirem como inspiração ao público visitante.

Importantes não somente por suas posturas ou ações em vida, as mulheres escolhidas para esta exposição estão aqui por sua representatividade.

Pela primeira vez neste formato e pela primeira vez em São Paulo, a presença de algumas mulheres também pioneiras na exposição é uma oportunidade de tirar a cortina da invisibilidade que durante muito tempo as envolveu.

Muito em voga na atualidade, a temática das mulheres pioneiras coloca em discussão o legado deixado por elas e, com isso, as conexões que podemos fazer hoje ou que talvez já tenhamos feito outrora, agora com maior destaque.

Painel de texto sobre as mulheres empreendedoras e fragamento do *folder* da exposição

AS MULHERES PIONEIRAS

Muitos temas têm sido atualizados desde a primeira edição da exposição *Pioneiros & Empreendedores*, realizada no Museu Histórico Nacional em 2010. Nestes dez anos, o projeto adquiriu novos horizontes, ampliando o formato, os debates e o alcance dos temas que com ele dialogam. Esse movimento inevitável da passagem do tempo tornou premente a inserção de novas figuras na narrativa da exposição.

Nesta edição de *Pioneiros & Empreendedores*, à luz de estudos recentes e interdisciplinares que abordam as questões sociais através de novas lentes de pesquisa – como as perspectivas de gênero e raça – trazemos uma pequena contribuição para essa ordem do dia.

Por essa razão, somam-se aos vinte e quatro pioneiros das edições anteriores outras oito figuras que vêm, numa sutil evocação, compor a exposição para também, e principalmente, servirem como inspiração ao público visitante.

Importantes não somente por suas posturas ou ações em vida, as mulheres escolhidas para esta exposição estão aqui por sua representatividade.

Pela primeira vez neste formato e pela primeira vez em São Paulo, a presença de algumas mulheres também pioneiras na exposição é uma oportunidade de tirar a cortina da invisibilidade que durante muito tempo as envolveu.

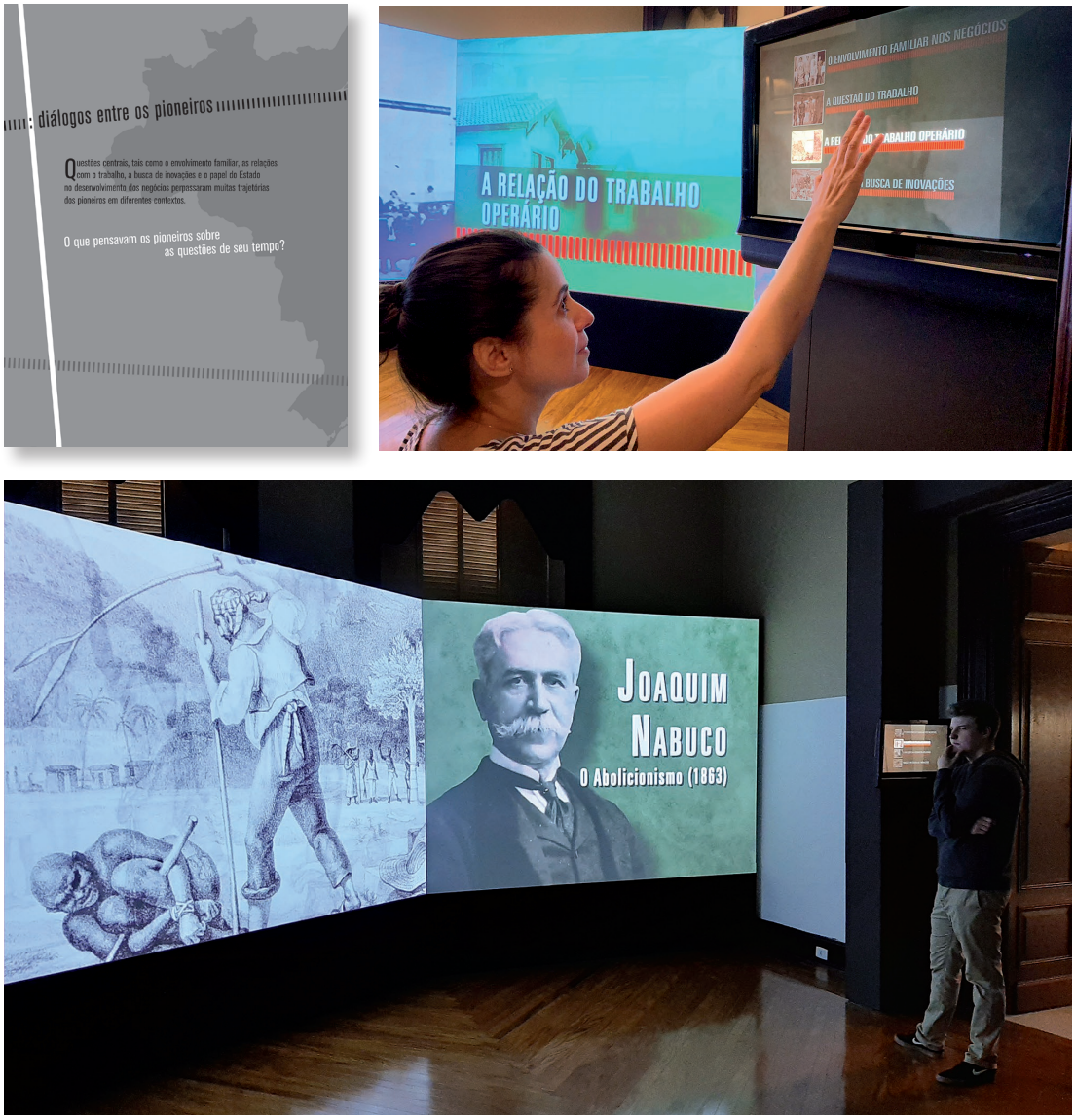
Muito em voga na atualidade, a temática das mulheres pioneiras coloca em discussão o legado deixado por elas e, com isso, as conexões que podemos fazer hoje ou que talvez já tenhamos feito outrora, agora com maior destaque.



4. Diante de tantos exemplos notáveis, com enorme dificuldade foram selecionadas: Veridiana Valéria da Silva Prado (1825–1910), Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz (1856–1936), Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), Índia Vanuíre (?–1918), Nise da Silveira (1905–1999), Irmã Dulce (1914–1992), Dorina de Gouvêa Nowill (1919–2010) e Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935–1990).

Os embates e entrelaçamentos entre as dimensões das memórias individuais, coletivas e históricas surgem no terceiro módulo, "Diálogos entre os pioneiros", uma vez que temas de relevância para o país são inseridos em interlocuções entre os pioneiros. Por meio de recursos de imagem, luz e som, são apresentadas diversas discussões sobre alguns dos dilemas enfrentados, inerentes aos tempos que couberam aos pioneiros viver. Este módulo é enunciado com a pergunta "*O que pensavam os pioneiros sobre as questões de seu tempo?*" e apresentado da seguinte forma:

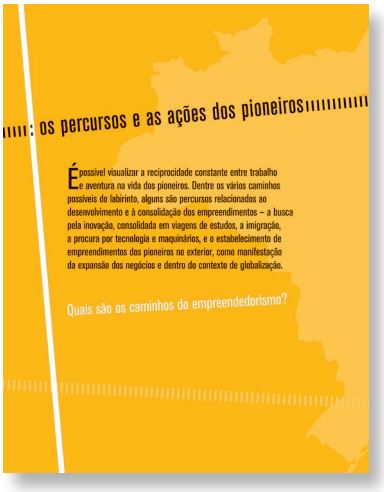
Questões centrais, tais como o envolvimento familiar, as relações com o trabalho, a busca de inovações e o papel do Estado no desenvolvimento dos negócios perpassaram muitas trajetórias dos pioneiros em diferentes contextos.



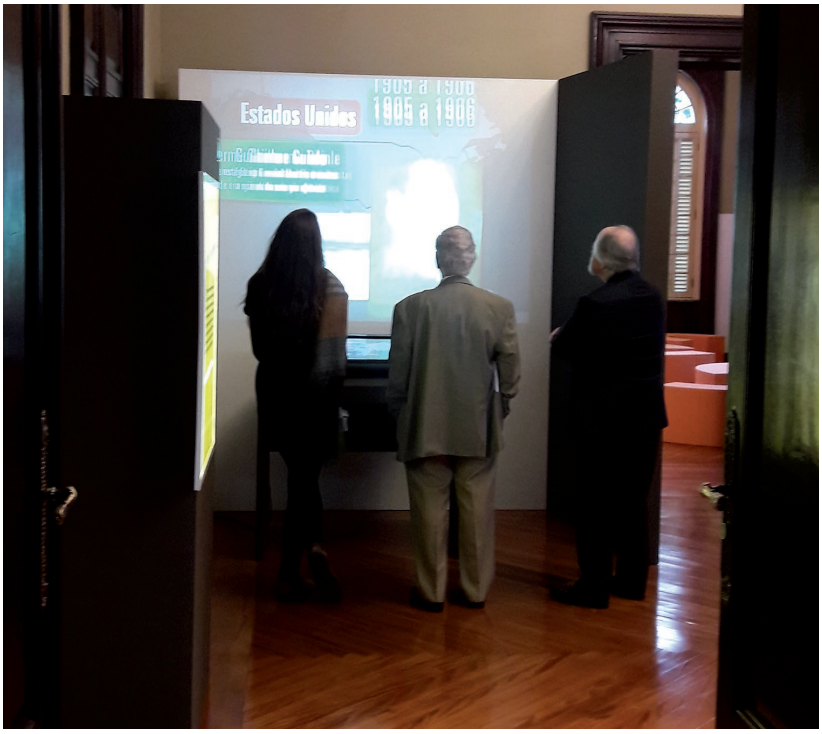
Acima, painel de abertura do módulo 3 e painéis interativos

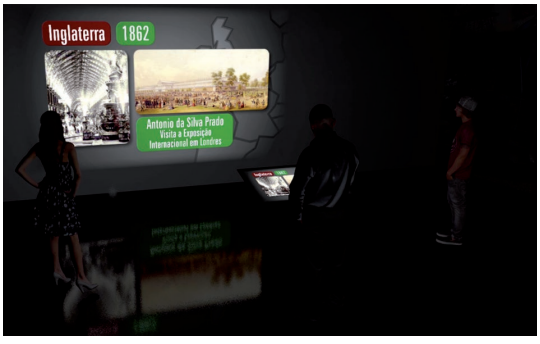
O quarto módulo notadamente indica um pormenor da perspectiva histórica, explicitando "Os percursos e as ações dos pioneiros", com foco em suas viagens, seus deslocamentos em busca de inovações e a consequente retroalimentação dos empreendimentos e, por sua vez, de facetas do progresso nos negócios. É introduzido pela pergunta "*Quais são os caminhos do empreendedorismo*?" e apresentado de acordo com o seguinte texto:

É possível visualizar a reciprocidade constante entre trabalho e aventura na vida dos pioneiros. Dentre os vários caminhos possíveis do labirinto, alguns são percursos relacionados ao desenvolvimento e à consolidação dos empreendimentos – a busca pela inovação, consolidada em viagens de estudos, a imigração, a procura por tecnologia e maquinários e o estabelecimento de empreendimentos dos pioneiros no exterior, como manifestação da expansão dos negócios e dentro do contexto de globalização.



Acima, painel de abertura do módulo 4 e painéis interativos

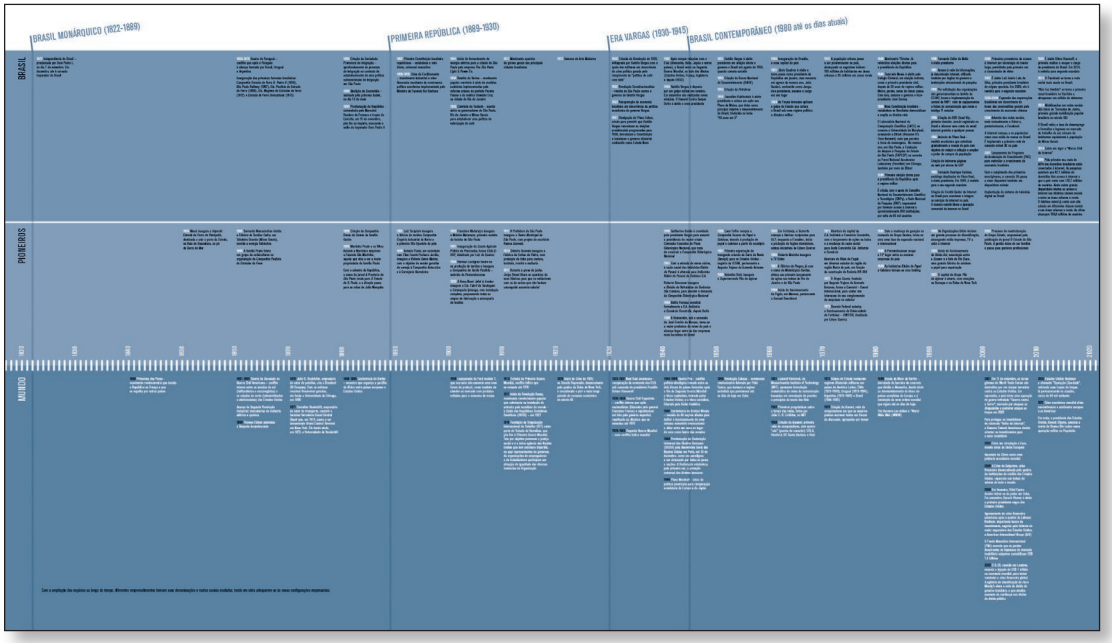




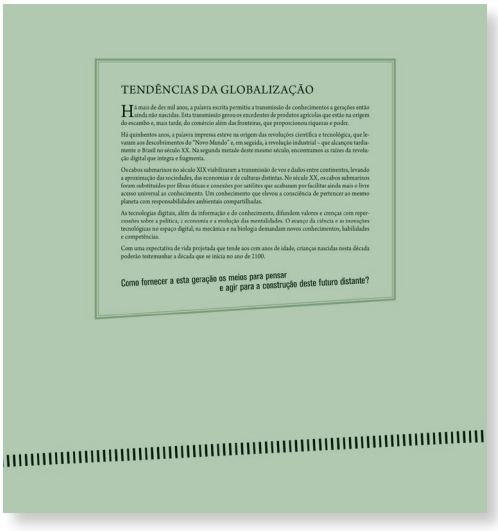


Painel "Linha do Tempo"

Este módulo foi desdobrado com a apresentação da linha do tempo, que evidenciou sinergias e reciprocidades entre as trajetórias individuais, a inserção de fatos vivenciados coletivamente e os tempos alargados da História.



Ainda foi necessário inserir um texto para descrever o cenário dos impactos da globalização nas ações coletivas, na contemporaneidade, que não apenas alterou o perfil dos empreendimentos, como levou o país ao estabelecimento de novas diretrizes internas, no que se refere ao manejo de suas responsabilidades políticas e econômicas e sua projeção internacional.



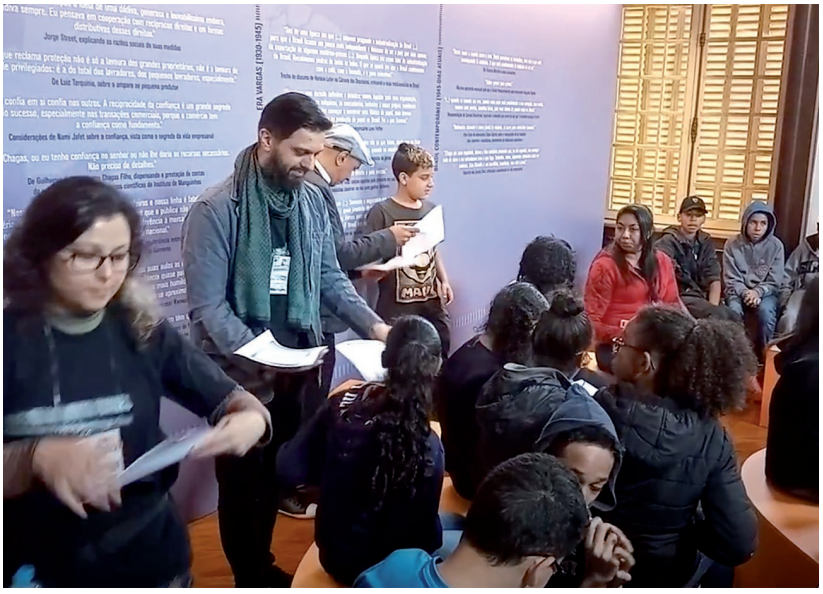
Painel "Tendências da Globalização"

O quinto módulo, "Os pioneiros, os empreendimentos e nós", é dedicado às atividades em grupo, especialmente durante as visitas que contam com ações interpessoais e mediação de educadores. Do ponto de vista expográfico, esse ambiente ainda apresenta frases inseridas nas paredes, extraídas das vivências dos pioneiros e contextualizadas em torno da seguinte ideia:

> *Uma visão de futuro inspirada nos pioneiros do empreendedorismo deve animar o esforço daqueles que buscam mudanças estruturais e soluções para problemas mais dramáticos e ainda persistentes.*
>
> (MARCOVITCH, 2003, p. 288)

Na sua abertura, a pergunta é "*Qual a juventude mais desafiada: a do século anterior ou a que hoje se empenha na construção do futuro?*" E no fechamento do módulo há mais uma interrogação: "*Qual a importância dos pioneiros na construção do futuro?*".





Painel de abertura do módulo 5 e imagens dos educadores e alunos em atividade





Painel de fechamento do módulo 5 e imagem da Avenida Paulista como marco da cidade

PLANTA DA CIDADE DE
S. PAULO
MOSTRANDO TODOS OS ARRABALDES E TERRENOS ARRUADOS

As curvas de nivel foram extrahidas da carta 1:100.000 da Commissão Geographica e Geologica de São Paulo e aqui adaptadas apenas para se ter uma idéa do relevo do terreno. As quadriculas não são kilometricas.

ESCALA-1: 30000



Fragmento do mapa que deu origem ao projeto desta edição.

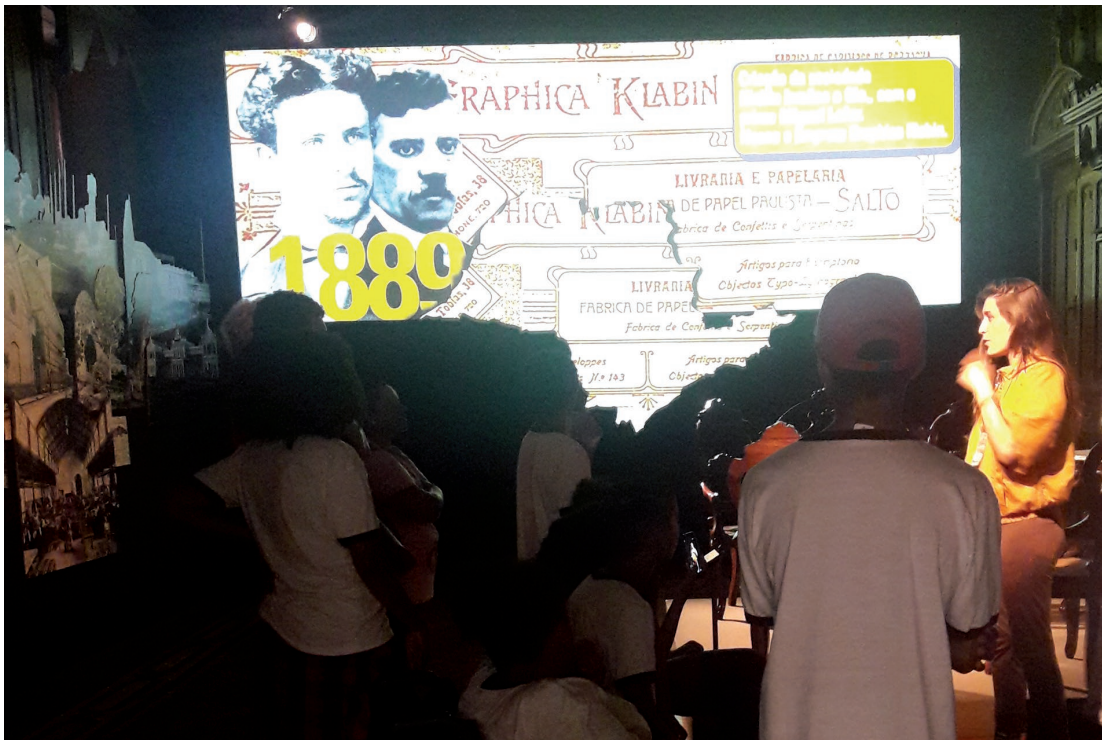
Planta da Cidade de São Paulo, mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados, em 1924. Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1162.

O módulo Paulista, "Os pioneiros em São Paulo", é enunciado com o seguinte texto:

A cidade de São Paulo, a partir do século XIX, se desenvolveu com muita rapidez, passando por modificações profundas na paisagem, nas relações de trabalho, nas formas de acumulação de riqueza e nas condições de vida de sua população. Os habitantes do estado e da cidade homônima tiveram de, muitas vezes, ir, vir e conviver com fluxos migratórios, até mesmo de outros estados e países. A composição que resulta desses fluxos populacionais faz de São Paulo um lugar de pulsante diversidade e, para os pioneiros que aqui viveram, idealizaram e construíram seus empreendimentos, tal característica não poderia ter sido mais marcante.

A apresentação no Palácio dos Campos Elíseos contou com um módulo dedicado a São Paulo, como também realizamos módulos dedicados às questões locais ao longo da itinerância. A concepção museológica levou em consideração três premissas: a oportunidade da ambientação de uma sala do próprio palácio, testemunhando e contextualizando um momento dos pioneiros em São Paulo, a necessidade de mostrar de dentro do palácio as mudanças ao longo do tempo no bairro de seu entorno e o desafio de elaborar o discurso expositivo a partir de sinergias entre as memórias individuais, coletivas e históricas enraizadas e vivenciadas em São Paulo.

Assim, o módulo também contou com imagens, som e luz, pautados por singularidades da trajetória dos pioneiros paulistas em uma linha do tempo, em diálogo com acontecimentos históricos desse estado e em contraponto simbólico aos seus empreendimentos mais importantes, revelados por meio de imagens de suas fachadas.



Projeção e painel de empreendimentos do módulo Paulista

Ainda nesse ambiente, mas em contexto mais intimista, há a reconstituição de uma sala com a inserção de uma silhueta de uma importante pioneira paulista –Veridiana Prado –, que olha pela janela e, a partir de projeções, contempla o tempo passar em torno de detalhes de sua memória e de fragmentos de memórias coletivas do bairro.



Projeções em torno de detalhes da memória de Dona Veridiana e de fragmentos de memórias coletivas do bairro

Este projeto museológico conta em seu eixo central com esta exposição que, como todo discurso congênere, permite a aproximação entre diferentes linguagens e tecnologias, resultando em um discurso de linguagens mistas, que apoia e consolida ideias centrais e acervos de imagens, documentos e artefatos, com o objetivo de transmitir mensagens, divulgar conteúdos e, especialmente, criar empatia com seu público. Para tanto, diferentes pesquisas foram realizadas e serão tratadas em outros textos desta publicação, como também foram implementadas muitas atividades educativas, aqui comentadas em texto específico.

2. O FUTURO DO PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DO PROJETO PIONEIROS & EMPREENDEDORES

A experiência desde 2008 com a edificação deste processo de musealização, em sua itinerância e em sua apresentação em São Paulo, levou-nos a considerações sobre a pertinência de implantá-lo a partir de estruturas de longa duração. Reconhecemos a importância da constituição de um museu dedicado a essa temática, a partir de um olhar contemporâneo voltado à identificação dos desafios para o empreendedorismo no século XXI, mas ancorado na preservação de indicadores que possam entrelaçar memórias individuais e coletivas e colaborar com a compreensão dos processos históricos e com a abertura de sinalizações de futuro.

Elaboramos então esta proposta para apresentar os princípios e métodos do programa museológico para a criação de um museu, na cidade de São Paulo, vocacionado para a preservação da memória sobre o empreendedorismo pioneiro, como também para a problematização acadêmica sobre as questões culturais que tangenciam essas ações empresariais e, sobretudo, para a implementação de projetos educativos que favoreçam a aproximação dos segmentos infantojuvenis dos valores que emergem do pioneirismo em diferentes frentes de trabalho e ações comunitárias.

Trata-se de um programa museológico que parte das premissas da "pedagogia empreendedora", busca consolidar a sua implantação de acordo com as metodologias de curadoria compartilhada inerentes à "pedagogia museológica" e pretende atingir objetivos que permitam a inclusão social e cultural.

CONCEITO GERADOR DO PROGRAMA MUSEOLÓGICO

Este programa museológico está orientado para a valorização das memórias do empreendedorismo pioneiro no Brasil, com vistas à preservação e divulgação de suas referências patrimoniais e articulação educacional com os principais temas que contextualizam as suas respectivas repercussões contemporâneas.

OBJETIVOS DO PROGRAMA MUSEOLÓGICO

1. Estabelecer as bases institucionais para a implantação de um museu, de acordo com os pressupostos do Estatuto de Museus brasileiro.

2. Desenvolver plano museológico que contemple linhas de ação voltadas para a pesquisa, salvaguarda e comunicação sobre as referências patrimoniais indicadas no conceito gerador.

3. Valorizar a identificação, proteção e extroversão dos bens culturais e indicadores das memórias referentes à história do trabalho no Brasil, contextualizadas pelas mudanças ocorridas entre o Brasil Monárquico e o Republicano, pelos eventos que romperam com a Primeira República e pela instalação do Estado Novo, configurando assim o momento contemporâneo.

4. Despertar o interesse do universo acadêmico a partir do apoio ao desenvolvimento de pesquisas, debates e cursos sobre os temas que aproximem dos dilemas atuais a historicidade do empreendedorismo.

5. Contribuir com a educação, em seus diferentes sistemas e modalidades, no que se refere à inserção, na pauta do ensino formal e não formal, das questões que envolvem o empreendedorismo.

6. Atuar de forma solidária e colaborativa com os museus, centros de memória e outras instituições congêneres que tenham em seus programas de ação a responsabilidade pela preservação da memória empresarial.

ÁREAS DE ATUAÇÃO E IDENTIDADE DO MUSEU

A partir da experiência acumulada com a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação do projeto museológico que é o embrião deste programa, constatou-se a necessidade de configurar uma instituição museológica com identidade voltada para a historicidade dos processos do empreendedorismo pioneiro no Brasil, mas, ao mesmo tempo, direcionada para a argumentação sobre os impactos desse legado na contemporaneidade, estabelecendo relações entre as pesquisas acadêmicas e a educação inclusiva.

LINHAS DE AÇÃO MUSEOLÓGICA

A partir do conceito gerador e dos objetivos propostos neste programa museológico, considerando as indicações para a área de atuação e a identidade institucional, este programa propõe as seguintes linhas de ação para a constituição do museu.

Linha 1: O encontro com os pioneiros e seus empreendimentos
Linha de ação museológica voltada para o gerenciamento da informação, pesquisa e salvaguarda das referências patrimoniais e indicadores da memória relativos ao conceito gerador. Contempla a criação de:
> Centro de Referência da Informação: rede de acervos e fundos documentais dos centros de memórias empresariais; banco de dados de fontes patrimoniais, conectado com a rede acima referida; banco de dados sobre projetos contemporâneos; midiateca temática dirigida a diferentes públicos; biblioteca referencial dirigida a públicos especializados; repertório de testemunhos orais sobre o empreendedorismo.

Linha 2: Os pioneiros e o Brasil
Direcionada à produção de estudos acadêmicos a partir dos acervos e fundos documentais sob guarda da instituição e valorização das pesquisas congêneres, esta linha de ação museológica é constituída por:
> Residência acadêmica: estímulo a pesquisadores para o desenvolvimento de estudos em caráter de "residência", gerando resultados em diferentes mídias, para a atuação do museu em relação às outras linhas de ação museológica, como também para a divulgação externa sobre as particularidades dos vários contextos econômicos e dos personagens relacionados ao tema central do museu.
> Publicações temáticas: estímulo à publicação de produção acadêmica sobre o tema central do museu, na sua dimensão nacional, e sobre as especificidades regionais.

Linha 3: Os percursos e as ações dos pioneiros
Linha de ação museológica voltada às exposições a partir de diferentes formatos e enfoques temáticos, para serem apresentadas em sua sede e ainda circularem em caráter

itinerante por outras regiões do país, como também concebidas em formato *online*, com o propósito de configurar um sistema de divulgação expositiva, por meio de:
> Exposição de longa duração/Exposições temporárias: adaptação da atual exposição itinerante em mostra de longa duração e, a partir de seus argumentos centrais, estabelecer novos roteiros para as exposições temporárias, visando à elaboração de argumentos museológicos que desenvolvam temas consoantes com os arquivos dos centros de memória e com a produção acadêmica proveniente do projeto *Residência acadêmica*.

Linha 4: Diálogos entre os pioneiros
Destinada à caracterização do museu como fórum de debates sobre temas que articulem os problemas contemporâneos referentes ao empreendedorismo e a seus vínculos com a trajetória histórica dos pioneiros, esta linha de ação prevê a elaboração de:
> Seminários *Pioneiros*: eventos organizados regularmente para a abordagem e discussão sobre a temática central do museu, apresentação de publicações e gravação de testemunhos.
>Hotsite institucional: divulgação eletrônica sobre a rede de acervos e fundos documentais, articulação entre os museus, os parceiros da rede e o público em geral, acesso e interlocução com os sistemas de pesquisa e ensino.

Linha 5: Os pioneiros, os empreendimentos e nós
Esta linha de ação, direcionada ao conjunto de projetos educacionais e vocacionada para a implementação da "pedagogia empreendedora" a partir da conexão com os sistemas formais e não formais de ensino, com o propósito de inserir essa problemática na formação infanto-juvenil, está baseada em:
> Formação de professores, educadores e agentes multiplicadores: promoção de cursos, seminários, visitas técnicas e elaboração de material didático sobre os temas centrais do museu; promoção do debate sobre metodologias que cultivem a visão crítica da sociedade e, simultaneamente, atitudes construtivas.
> Formação de mediadores para as ações expositivas e educativas do museu: capacitação de mediadores e avaliadores para atuação na dinâmica institucional.

MODELO DE GESTÃO

O programa museológico aqui proposto indica a opção por um modelo de gestão inovador no que se refere à correlação entre responsabilidades técnico-científicas para conceber, desenvolver e avaliar as linhas de ações museológicas, as perspectivas para a configuração de fontes de financiamento e as orientações do conselho institucional. Para tanto, considera-se pertinente a proposição de um consórcio que permita a presença e as reciprocidades administrativas, técnicas e acadêmicas dos agentes acima mencionados.

Pretende-se que esse consórcio conte com a participação das empresas e seus centros de memória, da universidade e dos órgãos de gestão do patrimônio.

3. CONSIDERAÇÕES PARA OS DESDOBRAMENTOS DO PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO

Este projeto, desde o início de sua concepção, passando por todas as fases de elaboração e produção, percorrendo a itinerância e chegando a um lugar da memória referencial para a herança patrimonial, que é o seu eixo central, sempre privilegiou as perspectivas da curadoria compartilhada, as interlocuções multiprofissionais, a importância da inserção de distintas mídias e a relevância da mediação educativa, por valorizarem de forma singular os vestígios, documentos e acervos herdados que constituem os testemunhos do empreendedorismo pioneiro deste país.

Detectamos, nessa trajetória, as potencialidades de pesquisa que afloram do tema *Pioneiros & Empreendedores* e o quanto ainda precisa ser identificado, tratado e preservado no que diz respeito à presença e relevância dos protagonistas deste projeto.

Percebemos o quanto a inserção de abordagens regionais, estudos sobre os empreendimentos, enfoques sobre gênero e problematizações identitárias podem sinalizar para o refinamento das interlocuções e das rotas entre o passado e o futuro, fazendo com que o presente permita o enfrentamento dos desafios desses percursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "As rotas percorridas para a elaboração do projeto expográfico". In: *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. Os Caminhos do Processo de Musealização. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Expomus, 2012. p. 66-95.

_____. "A musealização e a regionalidade". In: *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. O Brasil reencontra os pioneiros – Textos e contextos regionais. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Edusp, 2015. p. 123-174.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade.* Maria Letícia Ferreira (trad.). 1.ed. 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Pedro Manuel. "O que é museologia". In: *Cadernos CEOM*. Chapecó: Unochapecó, vol 27. nº 41, 2014.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil, Vol.1. São Paulo: Edusp, 2003. p. 288.

SOBRE O AUTORA

Museóloga, professora titular em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, onde foi diretora e atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – PPGmus/USP. Tem licenciatura em História (UNISANTOS), Especialização em Museologia (FESP/SP), Mestrado em História Social e Doutorado em Arqueologia e Livre Docência em Museologia na Universidade de São Paulo (USP). Atua no ensino e pesquisa em comunicação museológica e planejamento museal.

A PESQUISA ICONOGRÁFICA SOBRE O PIONEIRISMO PAULISTA

por Fernanda Carvalho

Um curta-metragem documentando os funerais do comendador Nami Jafet em 1924 capturou cenas icônicas. Coche fúnebre, carruagens e automóveis levando coroas de flores, saíram do bairro do Ipiranga, transitando pelo centro de São Paulo e chegando ao Cemitério Consolação. Populares e poderosos compunham a multidão que acompanhava as exéquias do comendador e se posicionava curiosa na extensão do cortejo, demonstrando uma enorme gama de emoções suscitadas pelo acontecimento. Podemos mesmo imaginar as palavras laudatórias ao imigrante libanês de sucesso proferidas nos discursos de despedida, mas não gravadas no filme mudo.

O préstito, que saíra do palacete de Nami na rua Bom Pastor em direção à necrópole da elite paulistana, passando ao lado da fábrica dos Jafet na rua Florêncio de Abreu, havia percorrido a avenida Dom Pedro I, onde se descortina o Monumento à Independência e o Museu Paulista (Figura 1). O edifício-monumento localizado no Parque da Independência é conhecido pelo nome de Museu do Ipiranga e, como marco representativo da história do Brasil e de São Paulo, foi inaugurado em 7 de setembro de 1895, hoje abrigando um acervo enciclopédico especializado em história da cultura material.



Figura 1. *Guilherme Gaensly. Monumento do Ypiranga.* S. Paulo [São Paulo, SP]: Guilherme Gaensly, [entre 1905 e 1910]. 1 cartão-postal: colotipia ; 8,8 x 13,7 cm. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

INVESTIGANDO FONTES PRIMÁRIAS

Durante o contexto da modernização da metrópole do café, entre 1895 e 1930, quando funções econômicas e sociais complexas trouxeram em seu bojo a interação de mudanças tecnológicas, institucionais e econômicas, promovendo novos padrões culturais, o Museu Paulista foi criado como um órgão público voltado ao ensino e à pesquisa científica, mantendo coleções de estudo e coleções para exposição pública. Como seus congêneres internacionais, o museu foi considerado agente ativo do progresso e uma espécie de "catálogo da modernidade", ao exibir suas formas materiais. A análise detalhada de suas coleções escapa ao propósito deste capítulo, mas, em uma busca rápida de objetos e iconografia em seu banco de dados, encontramos exemplares relacionados à memória dos pioneiros e empreendedores paulistas.

Entretanto, a procura de documentos iconográficos indexados aos nomes dos personagens estudados pelo projeto *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* nem sempre encontra referências culturais patrimonializadas.

A investigação das memórias empresariais no Brasil segue rastros sinuosos. O filme de autoria desconhecida, relatando o desaparecimento de um empresário precursor da indústria têxtil paulista, destacando um dos lugares mais emblemáticos da cidade, o Museu do Ipiranga, no bairro que Nami Jafet ajudara a configurar, encontra-se depositado no acervo da Cinemateca Brasileira,[1] lugar de guarda para o tipo de registro imagético em movimento, porém não de outros gêneros de documentos visuais.

Contudo, mais do que averiguar os modos pelos quais as memórias dos empreendedores e do desenvolvimento do Brasil foram apropriadas e apresentadas pelo cinema e que tipo de dados e conceitos foram trabalhados nas produções cinematográficas, este projeto pesquisa seus vestígios materiais em diferentes suportes, com o intuito de conhecê-los e preservá-los. Existindo eventualmente em filmes, mas não necessariamente conservadas em museus e em outras instituições de guarda, como perseguir as memórias dos pioneiros e empreendedores paulistas e seus registros intersecionados em diversas camadas temporais?

O estudo das fontes de cultura material na busca por simultaneidades compartilhadas relativamente à operação de saberes e fazeres ligados ao empreendedorismo e seus desdobramentos sociais é tarefa das mais estimulantes. A possibilidade de refletir sobre as confluências da história econômica, da história social e da história cultural, mapeando, descrevendo, categorizando e investigando suas fontes preferenciais é um desafio provocador.

Um longo caminho já fora percorrido pelo projeto e pelos profissionais que o auxiliaram no estabelecimento de fontes preferenciais relacionadas às atividades de empreendedores brasileiros e paulistas, destacando fatos relevantes das biografias dos empresários e sua integração a contextos gerais.

Contribuir para a prospecção de conteúdos iconográficos inéditos sobre os empresários pioneiros paulistas para que integrassem a exposição que seria montada em São Paulo em 2019 demandou uma estratégia singular: determinar novos parâmetros para melhor identificar, caracterizar, avaliar, qualificar e complementar as fontes a serem abordadas por varredura, ampliando seu elenco.

1. Estabelecida como um Clube de Cinema fundado em 1940 por um grupo de intelectuais ansiosos por estudar o cinema como arte independente, transformada em 1949 na Filmoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, criado no ano anterior por Francisco Matarazzo Sobrinho, em 1956, desligando-se do museu, foi criada Cinemateca, uma sociedade civil sem fins lucrativos. Ver http://cinemateca.org.br/historia.

As fontes primárias são como entrepostos de preciosidades para os historiadores e pesquisadores que se propõem a prospectá-las. Consideradas reservas do que restou do passado, congregam registros empíricos como documentos, imagens ou artefatos originais – evidências que fundamentam argumentos e interpretações científicas.[2]

A categorização desse tipo de fonte é complexa, uma vez que suas espécies não são exclusivas e podem manter registros de todos os tipos e formatos. As fotografias, por exemplo, são listadas como um tipo específico de fonte, mas podem servir como registros pessoais ou institucionais.[3]

Podemos exemplificar sumariamente diferentes gêneros de fontes como: registros institucionais, produtos da grande imprensa, efêmeros (impressos para uma certa ocasião), artefatos, *mémoires*, mapas, história oral. Os tipos documentais podem ser determinados dependendo dos tópicos a serem pesquisados, incluindo, entre outros, registros vitais, diários, cartas, ensaios, manuscritos, relatórios, fotografias, objetos pessoais, obras de arte, registros financeiros, memorandos, anúncios publicitários, artigos de jornal, charges, transmissões de rádio e TV. Juntamente com seus subtipos, testemunham em primeira mão ou são mesmo evidências diretas sobre um evento, práticas individuais ou sociais, ou condições históricas sob investigação.[4]

Como uma amostra e aos moldes da Fábrica de Máquinas e Ferramentas para Serralheria em Aço Hch. Schatz, sediada na cidade de Weingarten, na Alemanha, que publicou em 1927 um catálogo ilustrado (Figura 2) com seus produtos a preços especiais, trazendo na abertura uma gravura com sua planta fabril, as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, embora ligadas a outros ramos de atividades industriais, fez questão de também estampar em seu cartão de representantes vistas de suas instalações de produção e seus negócios mercantis e financeiros (Figura 3).



Figura 2. *Maschinenfabrik Weingarten vorm. Hch. Schatz A.G. Weingarten Württemberg, Febr. 1927.* Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo



Figura 3. *Industrias Reunidas F. Matarazzo correspondentes officiaes do Banco di Napoli para o Estado de São Paulo.* [São Paulo: s.n., 19--]. 1 cartão: litograv., p&b; 9,5 x 13,5 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

2. Para aprofundar a caracterização de fontes primárias, secundárias e terciárias, ver University of California, Irvine Libraries. *What Are Primary Sources?* Disponível em https://www.lib.uci.edu/what-are-primary-sources. Acesso em 30 jul 2020.

3. Sobre a fotografia como fonte, Boris Kossoy nomeia seu livro sobre reflexões sobre imagem e memória *Os tempos da fotografia: O efêmero e o perpétuo*, explicando que a oposição também "dá sentido à compreensão do percurso da fotografia, a partir de sua gênese, isto é, quando se registra o fato (tempo da criação: *primeira realidade*) e, ao longo de sua existência (tempo da representação: *segunda realidade*), conforme os conceitos estabelecidos ainda em nossas primeiras formulações teóricas. Um constante exercício de rebatimentos entre a representação e o fato, o aparente e o oculto, o documento e a memória." Cf. http://boriskossoy.com/publicacao/os-tempos-da-fotografia-o-efemero-e-o-perpetuo/ Acesso em 25 jul 2020.

4. Dado que esta espécie de fonte, diferentemente das fontes secundárias ou terciárias, abarca bases empíricas, a cautela nos convida a inquirirmos sobre a confiabilidade da própria fonte. Ultrapassado o encantamento diante da observação direta de originais por vezes inestimáveis, encetamos as linhas de interpretação crítica que lhes tirem o véu da superficialidade, lançando mão de algumas perguntas básicas: qual a proveniência dos registros, quem os criou, onde, quando, e com qual propósito?

Uma vez que o projeto *Pioneiros* promove a multidimensionalidade, protegendo as relações temáticas e destacando convergências e conexões entre personagens e contextos históricos, o exame das fontes seguiu o mesmo partido isotrópico.[5]

Intencionou-se tornar mais aparente aquilo que, uma vez galvanizado em aço e labor, depois fragmentado em estratos do tempo, tornou-se pouco perceptível, iluminando os lugares da memória empresarial e valorizando os legados monumentais dos pioneiros e empreendedores paulistas, assim como as diversas narrativas sobre eles. Importava, sobretudo, revisar as pistas para novos exemplares imagéticos.

A identificação de potenciais fontes guardiãs dos indicativos das memórias remanescentes dos pioneiros paulistas levou em conta a necessidade de prover a nova edição da exposição de maior número de insumos relacionados aos empreendedores e aos diferentes contextos históricos trabalhados no roteiro expositivo.

As eventuais descobertas de indicadores de memória esbarravam em incógnitas: onde teriam sido preservados, que tipos de memórias encerrariam os documentos e ainda se os registros estariam sistematizados e acessíveis.

MEMÓRIAS DISPERSAS

Diante da dispersão da materialidade dos registros documentais relativos a patrimônios histórico-culturais relevantes e da quase inexistência de índices e guias de fontes sobre o assunto no Brasil, o mapeamento de fontes contemplou as de amplo alcance temporal, enfoques especializados e capazes de dispor de novos indícios de memórias por meio de exemplares com diferentes características temáticas. Considerou-se tanto a localização dos acervos, as tipologias físicas dos exemplares colecionados, o grau de sistematização das coleções, a garantia de acesso aos itens, quanto a probabilidade do bom estado de conservação das peças.

Durante a pesquisa exploratória,[6] a imersão em arquivos e fundos priorizou acervos inventariados e coleções catalogadas, abstendo-se de buscas em acervos que reúnem grande multiplicidade de tipos documentais sem processamento técnico ou sistematização científica. Estes tendem a configurar territórios intrincados, onde reinam dificuldades no estabelecimento de conjuntos coerentes, por vezes impossibilitando pensamentos e reflexões críticas sobre os documentos.

Graças às ações de museus, arquivos, centros de documentação e bibliotecas públicas e privadas que mantêm suas coleções organizadas e acessíveis, foi possível encontrar amostras iconográficas únicas de memórias pessoais e institucionais, além de objetos tridimensionais variados.

A reunião da memória das indústrias Klabin Irmãos e Cia., a cargo do Centro de Memória Klabin, constitui-se no acervo documental da companhia desde sua fundação em 1899. O centro dispõe de tipos documentais tão variados quanto a carta manuscrita em iídiche, de Wolff Klabin a Maurício Klabin, os retratos fotográficos do missivista e do destinatário, ou registros intermediários, de tipo efêmero, como a imagem da logomarca da Empreza Graphica Klabin. Observando o impresso (Figura 4), que evidencia o domínio dos processos tipográficos cromáticos, encontramos informações diretas sobre os primórdios da empresa, que produziu confetes e serpentinas antes de diversificar as ações no ramo da indústria da celulose e da seda.

5. Ou seja: na mesma proporção, em todas as direções.

6. Sobre a definição de pesquisa exploratória e aproximações indutivas nas Ciências Sociais, ver MO, Linn. "An Adventure in Exploratory Research." *Acta Sociologica*, vol. 21, no. 2, 1978, pp. 165-177. JSTOR, www.jstor.org/stable/4194230. Acesso em 26 jul 2020.

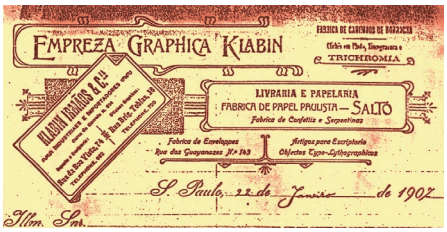


Figura 4. *Papel timbrado da Empresa Gráfica Klabin*.
Acervo Centro de Memória Klabin, São Paulo

Figura 5. *Família Klabin e operários da Companhia Fabricadora de Papel, em frente à futura fábrica, que iniciou sua produção em 1914.*
Acervo Centro de Memória Klabin, São Paulo



A Companhia Fabricadora de Papel Sociedade Anônima, primeira fábrica da Klabin Irmãos e Cia., em São Paulo, no bairro de Santana, foi fundada em 1909, começando a funcionar em 1914 com maquinário importado da Europa, especialmente da Alemanha, operado por uma robusta equipe de trabalhadores. A fotografia dos sócios fundadores, juntamente com seus familiares e operários diante de uma das fachadas da companhia na primeira metade do século XX (Figura 5), remete-nos à Primeira República (1889-1930), período histórico de estabilidade política, efervescência de ideias artístico-culturais e expansão da industrialização e formação da classe operária brasileira e internacional. Ao longo da pesquisa ampliou-se o rol de fontes aptas a responder ao chamado por exemplares inéditos relacionados aos 12 personagens paulistas, a seus empreendimentos e suas trajetórias inovadoras ao longo do tempo, em diálogos com seus pares nacionais. Foram elencadas cerca de 30 novas possíveis fontes preferenciais para prospecção, somadas e por vezes superpostas às cerca de outras 40 utilizadas pelo projeto em seu conjunto, identificando-se também material para as ações educativas. Dentre as fontes destacamos, em São Paulo: Acervo Histórico do Liceu de Artes e Ofícios, Arquivo Histórico da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli), Centro de Memória Klabin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo e Pinacoteca do Estado de São Paulo. No Rio de Janeiro: Biblioteca do Ministério da Fazenda e Fundação Biblioteca Nacional.

Feita a circunscrição de fontes competentes em referenciar e guardar as memórias dos pioneiros paulistas, direta e indiretamente ligadas a suas ações, assim como vinculadas às contribuições empresariais de longa duração de seus *inter pares*, restava distinguir seus traços.

VESTÍGIOS PECULIARES

Olhando atentamente o retrato de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, de autoria de Oscar Pereira da Silva, pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo (Figura 6), percebemos que o engenheiro, arquiteto, professor, construtor e empresário encontra-se em sua mesa de trabalho rodeado de aparatos pessoais – de rascunhos a obras de arte. Pode-se observar ainda dois quadros na parede, às suas costas, um bronze e uma estatueta minibusto sobre um armário de madeira escura (talvez um cofre?).

Diversos espécimes de objetos povoam a mesa. Do lado esquerdo da obra, um pequeno escaninho, uma folha onde se lê o número "24", um item descrevendo uma forma quase elíptica, e, entre eles, meio escondida, uma campainha, um pequeno objeto talvez de cerâmica, com a inscrição "Osram", além de vários papéis. À direita da mão, um mata-borrão?

Do lado direito, pesos em forma de livros e de caranguejo em bronze, com as patas levantadas, parecendo atrever-se a avançar sobre o tampo, além de duas fileiras de maços de papéis – os mais próximos da beira da mesa seguros por plantas dobradas e os do meio, sossegados sob esferas de vidro e metal ou madeira, são ladeados por um recipiente em prata e outro em vidro com tampa. No final dessa fileira, uma taça prateada e graciosa, que talvez fizesse parte do conjunto do tinteiro.[7]

Um grupo escultórico de tamanho médio delimita uma espécie de corredor central que se estende das quatro folhas enroladas de projetos, passando pelas peças que compõem o tinteiro, incluindo os frascos de tinta preta e vermelha, mais o abridor de cartas, até a pequena pilha de documentos sobre a qual o mestre apoia seu antebraço direito, empunhando uma pena suspensa no ar.

Parte dos tipos de artefatos que habitavam o ambiente representando Ramos de Azevedo está integrada a diferentes coleções. Alguns desenhos e plantas remanescentes da produção do Escritório Ramos de Azevedo estão distribuídos entre os arquivos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e do Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz. O tinteiro pertence à coleção particular de uma sobrinha neta do arquiteto (Figuras 6 e 7).





Figuras 6 e 7 (detalhe). Oscar Pereira da Silva. *Retrato de Ramos de Azevedo*, s.d., óleo sobre tela, 80 x 57 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

7. Agradeço a Heloisa Barbuy a indicação do catálogo da loja parisiense La Samaritaine, na tentativa de determinar a função e denominação desta peça, que parece compor um conjunto de escritório e não ter um nome específico.

Quanto às outras peças, não sabemos se tiveram a sorte de serem poupadas pelo tempo e de restarem preservadas e salvaguardadas em segurança em algum recinto desconhecido.

De toda forma, análises iconográficas[8] ajudam-nos a vislumbrar os modos como os pioneiros se comportavam enquanto pessoas públicas, a organização dos espaços onde forjavam suas produções, aspectos das relações capital-trabalho e, por vezes, as maneiras como propagavam suas ações ao longo de suas carreiras. Colaboram também na reconstituição de contextos e em confluências interpessoais e de áreas temáticas.

Os feitos de Ramos de Azevedo estiveram ligados às práticas de composição das ambiências da cidade de São Paulo, a própria cidade podendo ser entendida como artefato. Já formado engenheiro na École Spéciale du Génie Civil et des Arts et Manufactures da Universidade de Gand, na Bélgica, estabeleceu-se na cidade como homem de negócios capaz de tirar proveito de uma ampla rede de sociabilidade.

Com Antônio Francisco de Paula Souza, fundou em 1894 a Escola Politécnica de São Paulo (Figura 8), oferecendo cursos de engenharia industrial, agrícola, civil e o curso anexo de artes mecânicas, tendo como colaboradores Adolfo Lutz, Vital Brasil, Luiz de Anhaia Mello, Maximiliano Hehl, entre outros. Na Poli, cujo edifício foi projetado pelo escritório técnico de Ramos, constando de seu Álbum de Construções e onde Paula Souza foi mestre, estudaram muitas gerações de engenheiros, entre eles Roberto Cochrane Simonsen. Seu boletim do curso de engenheiro-arquiteto (Figura 9), conservado no acervo da Poli, é assinado por Ramos de Azevedo. Simonsen foi engenheiro da Southern Brazil Railway, criador da Companhia Construtora de Santos e da Companhia Nacional de Fiação e Tecelagem de São Paulo. Conhecido como um empresário intelectual, fundou em 1933 a Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo. Roberto Simonsen idealizou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), juntamente com o político Euvaldo Lodi e Roberto Mange, engenheiro e superintendente da Escola Profissional de Mecânica do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.



Figura 8. Otto Rudolf Quaas. "Escola Politécnica", São Paulo. In *Álbum Escritório Técnico do Engenheiro e Arquiteto F. P. Ramos d'Azevedo* – São Paulo – Álbum e Construções. Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo

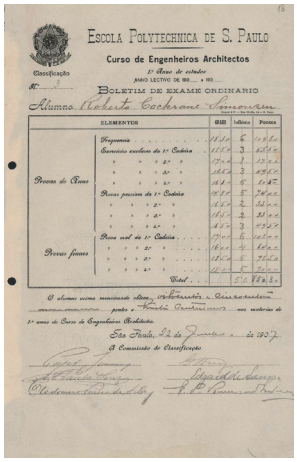

ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO
Curso de Engenheiros Architectos
BOLETIM DE EXAME ORDINARIO
Alumno Roberto Cochrane Simonsen

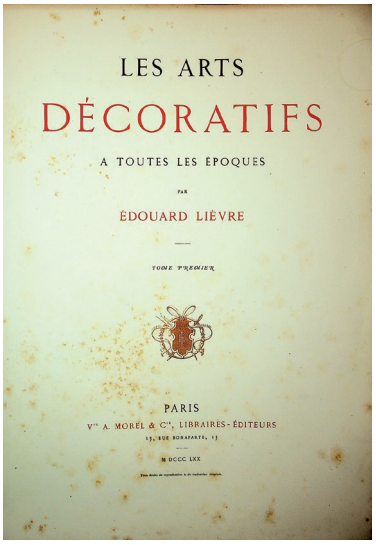
Figura 9. *Boletim de exame ordinário do aluno Roberto Cochrane Simonsen do primeiro ano do Curso de Engenheiros Architectos (Engenheiros Arquitetos)*. Constam graus, coeficientes e pontos nas provas. Impresso, manuscrito, 20,5 x 33 cm, 22 jun 1907. Acervo Escola Politécnica da Universidade de São Paulo

8. Relativamente a este gênero de análise, cabe o alerta do crítico de arte Hal Foster: "A imagem é para a cultura visual o que o texto era para as práticas pós-estruturalistas: um instrumento analítico que revela o objeto de novas maneiras, às vezes em detrimento da materialidade e da historicidade". Trad. da Autora. Ver FOSTER, Hal. "The archive without museum", *October*, Vol. 77, Summer 1996. Cambridge: The MIT Press. pp. 97-119.

O Liceu constituiu-se, em 1873, como Sociedade Propagadora de Instrução Popular, enquanto organismo privado de ensino popular e gratuito idealizado por membros da elite progressista e liberal paulista. A escola foi reorganizada por Ramos de Azevedo quando, em 1895, o empreendedor tomou posse na diretoria da instituição. Em sua gestão, Ramos tomou providências para qualificar artisticamente a mão de obra ligada à construção, preparando o terreno para que o conhecimento útil e o espírito da invenção das artes mecânicas progredissem entre os artistas industriais partícipes da escola profissional que dirigia.

Para a escola, Ramos investiu na aquisição do repertório de cultura arquitetônica e decorativa produzido no período e apropriado pelo Liceu em conjunto com outros recursos pedagógicos inovadores. À disposição dos alunos e professores havia exemplares que mostravam e instruíam o modo de conceber e fazer o novo, modelos que poderiam ser transpostos, apreendidos e traduzidos deste lado do Atlântico.

O Acervo Histórico do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo guarda, em meio a outros bens, manuais de estilo e pranchas impressas/álbuns seriados originais (Figuras 10,11, 12 e 13) referentes ao ensino industrial (Figura 14) e que se relacionam às memórias do saber fazer e aos recursos usados no ensino prático das artes aplicadas em São Paulo entre 1870-1940.





Figuras 10. e 11. *Frontispício e Vaso de faiança de Urbino*. In LIÈVRE, Édouard. *Les arts Décoratifs A Toutes les Époques par Édouard Lièvre*. Tome Premier. Paris: Vve. A. Morel e Cie. Librairies Éditeurs, 1870, il., color., volume 1. Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo

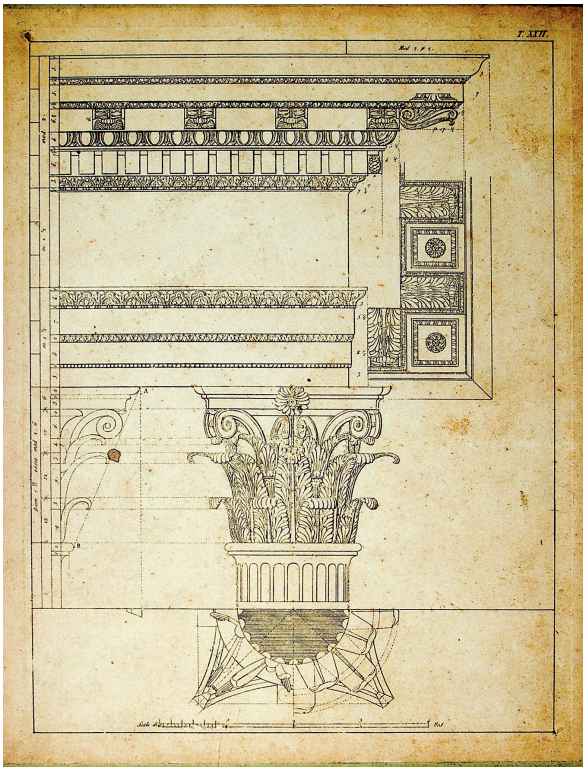


Figura 12. Autoria indeterminada. [*Elementos arquitetônicos*]. T_ XXII, s.l., s.d., 26,5 x 20,5 cm. Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo



Figura 13. Autoria indeterminada. [*Ameublements complets de Tous Styles*]. S.l., s.d., 41 x 66 cm. Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo



Figura 14. *Oficina de serralheria do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo*, década de 1920. Acervo Histórico Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo



Figura 15. Guilherme Gaensly. *Panorama de São Paulo*. São Paulo: G. Gaensly, [1902?]. 1 reprod. fotom.: colotipia, panorama, monocromático; 19,1 x 66,2 cm em f. 22,2 x 68 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Os exemplares físicos depositados em diversas coleções do Liceu, assim como as representações que portam, podem ser considerados expressões de diferentes modernidades, além de testemunhos de empreendimentos e estratégias empreendedoras que correlacionam iniciativas privadas e o poder público. A própria forma paulista de cidade durante a Belle Époque – expressa nas decorações externas e internas de incontáveis edifícios públicos e residências de luxo, incluindo projeto e execução de mobiliário do palacete de Nami Jafet, ornamentados em estilos históricos e modernos – pode ser ali, e algures, inferida (Figura 15).

ARTEFATOS EMBLEMÁTICOS

Em seu processo de metropolização, a São Paulo das três últimas décadas do século XIX conheceu a interação de mudanças tecnológicas, institucionais e econômicas traduzíveis em padrões espaciais.

Desde a inauguração da São Paulo Railway, em 1867 (Figura 16), por iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá, garantindo o acesso ao porto de Santos (Figura 17) e o trânsito de mão de obra imigrante (Figura 18) às regiões da lavoura cafeeira no interior do estado, novos modos de vida e hábitos de consumo europeus importados transformaram a capital da província em uma grande cidade.





Figura 16. F. (Frédéric) Manuel. *São Paulo Railway Company: Grota Funda (as duas linhas)*, [1906], gelatina, p&b, 22,9 x 28,4 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Figura 17. S*antos: carregadores de café*. Santos, SP: M. Pontes & Co, [1909?],1 cartão-postal: colotipia, p&p ; 9 x 14 cm. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

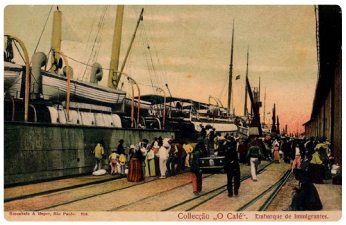


Figura 18. *Embarque de imigrantes.* São Paulo: Rosenhain & Meyer, [19--]. 1 cartão-postal: il., col. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Figura 19. Rafael Bordallo Pinheiro. Capa de *O Mosquito* (RJ), edição 00391, 11 nov 1876. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

No contexto nacional, a oposição abolicionista, o fortalecimento do exército, o aumento da dívida externa e a força dos ideais republicanos revelando as desigualdades sociais e a pobreza eram janelas abertas para os ventos da liberdade impulsionados pelas conquistas da técnica.

Na década de 1870, Rafael Bordallo Pinheiro – escritor, jornalista, artista plástico e caricaturista português associado aos republicanos no Segundo Reinado brasileiro – publicava na capa do jornal satírico *O Mosquito* uma charge/desenho criticando os desgovernos da política imperial (Figura 19).

A abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República no ano seguinte acentuavam as mudanças da ordem aristocrata e rural, embora o governo liberal fosse capitaneado pelas elites. As críticas à política ecônomica e às reformas republicanas continuaram desde que os cafeicultores e os fazendeiros do látex e do cacau, reinvertendo seus lucros em diferentes setores da indústria, como pode ser conferido nos anuários estatísticos da Secretaria de Agricultura, Indústria e Commercio do Estado de S. Paulo (Figura 20), consolidavam-se no bloco de poder. Às crises internas juntou-se a Primeira Guerra Mundial, e a frágil estabilidade política tornou-se crônica quando, em 1929, o mercado do café entrou em crise. A Revolução de 1930 pusera fim à República das Espadas e centralizara a política, controlando a economia, até que Getúlio Vargas promulgou o Estado Novo, em 1935, tornando-se um autocrata.

Com a implantação de uma abrangente política de direitos sociais e trabalhistas e o "culto à personalidade", o ditador acabou se transformando no "pai dos pobres". Enquanto o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas reiterava a imagem do político "amigo das crianças", a imprensa elegia o presidente como objeto de zombaria. No período da Segunda Guerra Mundial, Vargas acenava tanto aos alemães quanto aos norte-americanos, a fim de barganhar vantagens comerciais e investimentos econômicos em troca do apoio brasileiro no conflito. Belmonte compôs, em 1940, uma série de caricaturas retratanto o presidente populista, publicadas no jornal *Folha da Noite* (Figura 21).



Figura 20. Secretaria de Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo. Diretoria de Estatística, Industria e Comercio. Secção de Industrias. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, 1936. Acervo Biblioteca do Ministério da Fazenda, Rio de Janeiro

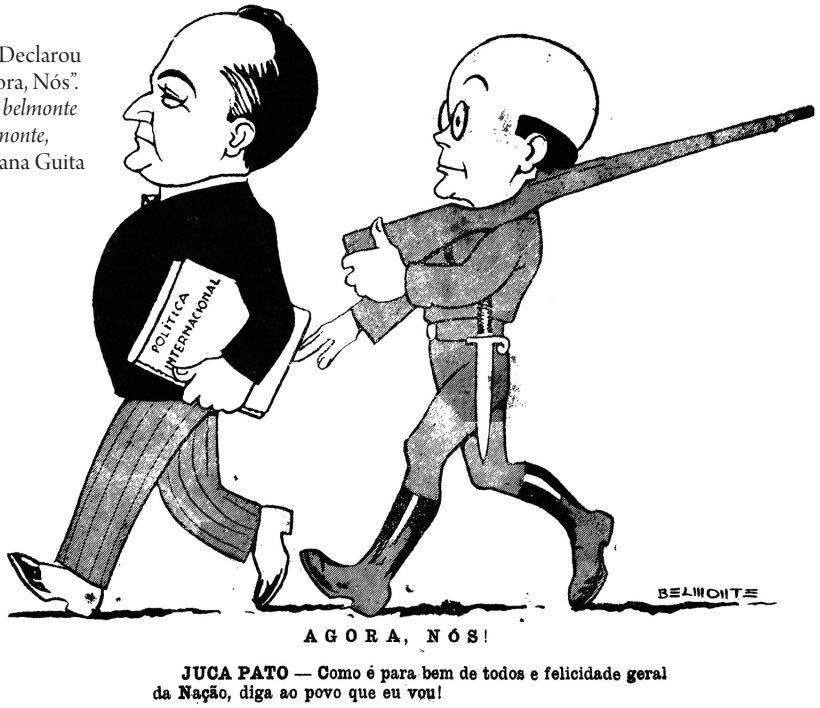


Figura 21. Belmonte. "O Brasil Declarou Guerra à Alemanha e Itália. Agora, Nós". In *Guerra do Juca: caricaturas de belmonte publicadas na folha da noite/Belmonte*, 1940. Acervo Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo

Em 1939, Vargas aliou-se aos Estados Unidos da América. Embora a Alemanha, desde o século XIX, demandasse nosso "ouro verde", além de outros produtos agrícolas, os Estados Unidos eram o principal mercado para o café brasileiro – tanto assim que seria vendido para o consumo das tropas do exército norte-americano durante a guerra. Também em recompensa pelo apoio aos aliados, o Brasil receberia dos Estados Unidos a Companhia Siderúrgica Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quase duas décadas, o projeto *Pioneiros & Empreendedores* contribui para a reunião de memórias de excelência, em tal grau que mantém um acervo iconográfico organizado por personagens retratados no projeto. O acervo, conforme apresentado no site, é "constituído pelo resultado dos esforços de pesquisa, parcerias de conteúdo com centros de memória, acervos institucionais".[9]

Multifacetado e de longo termo, o projeto tornou possível a publicação de livros ilustrados, a confecção de um filme que reúne preciosidades imagéticas depositadas em diferentes coleções da Cinemateca Brasileira, além de edições itinerantes da exposição, que reescreve a história do desenvolvimento no Brasil de modo admirável.

Em algumas das representações visuais encontradas pelas descobertas quase arqueológicas do projeto, a recorrência das chaminés demonstra as atividades produtivas incessantes de fábricas, portos e meios de transporte, evidenciando que aqueles signos do progresso, em toda a sua verticalidade, permaneceram tanto nos panoramas reais quanto nas paisagens imaginárias.

A extensão dos registros coligidos indica que, mesmo dispersos, os legados dos pioneiros foram preservados como parte de nossa herança cultural.

9. Disponível em: https://pioneiros.fea.usp.br/acervo/. Acesso em 17 ago 2020.

BIBLIOGRAFIA

BRUNO, Maria Cristina. "Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios". In: *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins–MAST, 2009 Disponível em http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrimônio%20de%20C&T/3%20Artigo%20Cristina%20Bruno.pdf. Acesso em 27 jul 2020.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Escritório Ramos de Azevedo. Arquitetura e a Cidade*. (Catálogo de exposição). São Paulo, 2015.

FISCHER, Sylvia. *Os Arquitetos da Poli*. Ensino e Profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005, 416 p.

FOSTER, Hal. "The archive without museum". *October,* vol. 77, Summer 1996. Cambridge: The MIT Press. pp. 97-119. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2763430/mod_resource/content/1/The%20Archive%20without%20Museums.pdf. Acesso em 28 jul 2020.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais:* morfologia e história. Federico Carotti (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 281 p.

KOSSOY, Boris. *O Tempo da Fotografia:* o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Atelier Editorial, 2014, 176 p. Disponível em: http://boriskossoy.com/publicacao/os-tempos-da-fotografia-o-efemero-e-o-perpetuo/. Acesso em 28 jul 2020.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores*: a saga do desenvolvimento no Brasil, Vol.1 – 2ª ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Editora Saraiva, 2006, 321 p.

MO, Linn. "An Adventure in Exploratory Research." *Acta Sociologica*, vol. 21, no. 2, 1978, pp. 165-177. JSTOR. Disponível em www.jstor.org/stable/4194230. Acesso em 26 jul 2020.

SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. "Archives, Records, and Power: The Making of Modern Memory". *Archival Science 2:* 1 – 19, 2002. Netherlands: Kluwer Academic Publishers. Disponível em https://journalofburmesescholarship.org/pprs/SchwartzCook-Archives.pdf. Acesso em 17 ago 2020.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, Irvine Libraries. *What Are Primary Sources?* Disponível em https://www.lib.uci.edu/what-are-primary-sources. Acesso em 17 ago 2020.

SOBRE O AUTORA

Mestre em Ciências pelo Departamento de História e Estética de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, historiadora, pesquisadora iconográfica, gestora de projetos culturais. Conservadora do Acervo Histórico do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

A PESQUISA PARA OS DISCURSOS MUSEOLÓGICOS

por Viviane Vitor Longo

INTRODUÇÃO



Os dois livros, com os textos curatoriais, complementam a exposição

A pesquisa realizada para a exposição *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*, que apresentou em 2019 mais uma de suas itinerâncias, desta vez no Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo, teve origem, na realidade, em muitas outras pesquisas, algumas até bem anteriores à primeira edição da exposição, aberta em 2010, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. É o caso da pesquisa feita pelo professor Jacques Marcovitch, que resultou na trilogia *Pioneiros & Empreendedores* (2003, 2005, 2007) – obra que originou todas as cinco exposições que se sucederam a essa publicação, e cujo processo de transição e tradução da linguagem editorial para a museológica já foi relatado nos dois primeiros livros decorrentes da exposição.[1]

Inicialmente, as pesquisadoras Kátia Felipini e Caroline Grassi buscaram os conteúdos, que resultaram em um banco de dados robusto – com imagens, lista de objetos, contextualização histórica, dados técnicos e outras referências –, o que subsidiou as diferentes construções narrativas criadas a partir dos objetos: sua disposição nos módulos expositivos, textos de apoio, folheto de divulgação, site e legendas. Esse conteúdo deu origem à exposição, que totalizou cinco itinerâncias: a já citada no Rio de Janeiro, em 2010; Fortaleza, em 2012 (Espaço Cultural da UNIFOR); Manaus, em 2013 (Centro Cultural do Palácio da Justiça); Recife, em 2013 (Museu do Estado); e esta última, em São Paulo.

O fato de a exposição ter chegado à sua quinta edição em dez anos é algo que, se por um lado deixa visíveis os caminhos das pesquisas feitas anteriormente, por outro abre possibilidades para pesquisas complementares.

Nesse exercício retrospectivo, portanto, é possível notar que a pesquisa para essa série de exposições foi cumulativa: como uma somatória de fontes, saberes, textos, imagens, objetos (peças expostas), diálogos e depoimentos de quem esteve nessa jornada, o que demonstra a riqueza desse processo coletivo.

Neste texto, trazemos reflexões sobre os subsídios para um discurso museológico pré-definido.

1. *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. Os caminhos do processo de musealização. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Expomus, 2012; e *O Brasil reencontra os pioneiros:* textos e contextos regionais. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

O ATO DE PESQUISAR PARA EXPOSIÇÕES

O verbo "pesquisar" está relacionado às ideias de investigação, descoberta e produção de conhecimento, não restrito a apenas uma ou outra.

Como etapa de um processo curatorial, distintos objetivos se entrelaçam nesse percurso, entre eles: investigar e vir a conhecer determinado assunto, cotejando fontes documentais; descobrir uma informação imprevista ou apenas presumida; produzir conhecimento como resultado, com a finalidade de divulgação, compartilhamento e reflexão crítica.

Uma exposição não deve prescindir da pesquisa, e a relação entre ambas pode ocorrer de diversas maneiras:

> exposição como resultado de uma pesquisa;
> análise de uma exposição como objeto de pesquisa;
> pesquisa e produção de conteúdo para uma exposição pré-concebida, em acordo com a curadoria;
> pesquisa como subsídio para a concepção de uma exposição;
> pesquisa do acervo para documentação museológica (no caso de instituições).

Uma definição mais completa quanto ao tema pode ser encontrada na literatura da área de Museologia, como no exemplo a seguir:

No desenvolvimento de uma exposição deve-se levar em consideração as pesquisas relacionadas aos objetos escolhidos, seus contextos e a disseminação do conhecimento. Atentar para a variedade de pontos de vista culturais, por exemplo, de seu público, consultando grupos locais quando for apropriado. Pesquisar, nesse sentido, também é investigar, interpretar, mapear, interrogar (no sentido de arguir, questionar), documentar e preservar o patrimônio em toda sua diversidade cultural, regional, étnica e linguística.[2]

Ainda com relação às possibilidades da pesquisa museológica para exposições, trazemos um trecho de Araujo & Bruno (2019), que auxilia a compreensão desse tema, pensando a exposição como:

Fruto de dois níveis de pesquisa: (LAURENT, 1988)[3]

1. A pesquisa conceitual: enfocando um certo tema, inserido em uma visão histórica e cultural.

2. Uma pesquisa de mídia adequada para experimentar o tema e seus aspectos visuais, sonoros, táteis, sua inserção no espaço, e seus efeitos cênicos.

A transposição dos conteúdos em uma linguagem acessível, instigante e dialógica é um trabalho integrado entre expografia[4] e curadoria. Para tanto, a comunicação intrínseca no ato de expor cria um ambiente (espacial) e uma narrativa (conceitual) que nos contam e nos convidam a conhecer determinado tema – e é desejável que ele esteja bem embasado.

2. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caminhos da memória:* para fazer uma exposição. Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão (pesquisa e elaboração do texto). Brasília, DF: IBRAM, 2017, p. 23.

3. LAURENT, Jean Pierre apud ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "Exposições museológicas: uma linguagem para o futuro". *Teoria museológica latino-americana:* proto-história. Sandra Escudero. (ed.) ICOFOM-LAM, 2019, p. 227, grifo nosso. (Série Teoria museológica latino-americana. Textos fundamentais.)

4. O termo "expografia" é aqui entendido como conjunto de ações voltadas à construção e organização espacial da exposição.



Montagem da vitrine do módulo 2, submódulo 1, "Brasil Monárquico"

Numa exposição, são inúmeras as possibilidades de combinação entre objeto (imagem e/ou conceito – referência patrimonial), indivíduo (visitante) e espaço (museu, sala expositiva e/ou território). Isso significa que são múltiplas as possibilidades narrativas, de acordo com Araujo & Bruno (2019):

[...] Esse diálogo [entre objetos, cores, luz, etiquetas, painéis] que, invariavelmente, leva a delimitações, seleções, exibições; possibilita também gerar, a partir de um conhecimento constituído, a elaboração de (para o público) imagens, novos conhecimentos e valores.

Exposições museológicas ou processos museológicos têm potencial e são especificamente capazes de recontextualizar objetos e outros elementos isolados que, muitas vezes, ao entrarem para coleções de museus foram descontextualizados . (CARRIER, 1987)[5]

Enquanto linguagem, exposições museológicas podem viabilizar que, ainda que em um mundo fechado, finito e saturado por objetos (cenário museal), o espetáculo temporário, efêmero, frágil possa acontecer.

5. CARRIER, Christian apud ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "Exposições museológicas: uma linguagem para o futuro". *Teoria museológica latino-americana:* proto-história. Sandra Escudero. (ed.) ICOFOM-LAM, 2019. p. 227, grifo nosso. (Série Teoria museológica latino-americana. Textos fundamentais.)



Montagem da vitrine do módulo 1,
com alguns objetos pessoais



"Labirinto" do módulo 1,
com totens dos 24 biografados

Tanto a "recontextualização", aqui entendida como modo de problematizar as narrativas, quanto a "pesquisa de mídia adequada para experimentar o tema" foram aplicadas para a exposição em São Paulo, a fim de que os deslocamentos e reposicionamentos (físicos ou conceituais) insinuassem novas interpretações.

De modo mais pragmático, a pesquisa pressupõe ainda uma ordenação de dados e o registro e armazenamento dessas informações, a fim de que sejam mais facilmente recuperáveis no momento de análise e uso. Por isso, a pesquisa não pode abrir mão de um sistema de organização: alguns são mais arrojados, como *softwares* de gerenciamento de dados (bancos de dados), mas uma simples planilha e boa disposição para indexar e tabular os dados já é uma boa solução que auxilia a visualizar o material que se tem em mãos e evitar perder-se em meio à profusão e ao volume de informações.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Quando se trata de pesquisa, é inevitável falar de metodologia. Uma vez que partimos de conceitos preestabelecidos, dizemos que a metodologia adotada para a edição paulista de *Pioneiros & Empreendedores* foi dedutiva.[6] Isso se deu porque a pesquisa para o discurso museológico da exposição inicialmente partiu de um conceito gerador já definido: o empreendedorismo como elemento crucial no desenvolvimento socioeconômico do Brasil, a partir da trajetória pessoal de 24 biografados.[7]

A fim de buscar reciprocidade com o conceito gerador da exposição, o tipo de pesquisa aqui descrita teve como objetivo corroborar a narrativa central. Debruçamo-nos sobre um volume considerável de conteúdos já consolidados sobre os 24 indivíduos selecionados para a narrativa principal,[8] seja nos livros do professor Jacques Marcovitch, nas publicações feitas sobre a exposição, no site e no banco de dados do projeto ou nos levantamentos e listagens de outros colaboradores.

6. Pesquisa "dedutiva" é uma abordagem que parte de uma premissa geral para então analisar e constatar suas particularidades; diferentemente da "indutiva", que parte da observação particular, minuciosa, para extrair conclusões gerais.

7. Conforme relacionados na nota 2, página 50 desta publicação.

8. Denominamos "narrativa" a forma como o conteúdo do discurso é apresentado; e "roteiro", a estrutura do discurso expositivo.

Portanto, não era nosso objetivo analisar os objetos e documentos previamente selecionados para compor as vitrines da exposição, mas correlacioná-los entre si na disposição das peças e em conformidade com os recortes temáticos e cronológicos estabelecidos para cada módulo. Originalmente, a curadoria elaborou os módulos expositivos de maneira temática, sendo que o segundo está organizado cronologicamente, pois tem abordagem histórica. Vale lembrar que o projeto educativo da exposição criou e diversificou percursos de visita a partir de diferentes temáticas e demandas do público, permitindo ampliar as leituras possíveis sobre a exposição.

NOVOS RECORTES TEMÁTICOS

A cada nova edição do projeto são necessárias novas abordagens,[9] com o intuito de atualizar as marcas do empreendedorismo e trazer as paisagens culturais regionais.[10]

O caráter temporário e, portanto, itinerante desta exposição acarretou uma decisão curatorial de contextualizar e valorizar o empreendedorismo local. Essa decisão consiste em adaptar parte do roteiro principal, ou seja, criar uma sala, um módulo com conteúdo específico que relaciona aspectos da cidade e região que está recebendo a exposição, com alguns[11] dos pioneiros e empreendedores de destaque de cada uma dessas localidades.

Na edição de São Paulo foram feitas as seguintes inserções nos recortes temáticos: criação de um módulo Paulista, apresentação do Palácio dos Campos Elíseos e inclusão de mulheres pioneiras. Sobre tais inserções, falaremos brevemente a seguir.

Para o módulo Paulista[12] foram feitos levantamentos que resultaram em conteúdos sobre empreendedorismo regional em diferentes dimensões: local, municipal e estadual. Tais dimensões foram apresentadas em diferentes linguagens: uma linha do tempo específica dos pioneiros em São Paulo; um painel de empreendimentos tanto na cidade quanto no estado; um vídeo sobre a evolução do bairro dos Campos Elíseos e uma ambientação com mobiliário[13] e outros recursos expositivos, para remeter ao extinto uso residencial do palácio.



Vista parcial do módulo Paulista, com totem de Veridiana da Silva Prado (mãe de Anésia Pacheco e Chaves, que viveu no Palácio dos Campos Elíseos, antes conhecido como Palacete Elias Chaves, nome de seu marido, que encomendou sua construção) e ambientação do uso doméstico do palácio, evocado pelo mobiliário Beranger

9. BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "A musealização e a regionalidade". *O Brasil reencontra os pioneiros:* textos e contextos regionais. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 123.

10. Ibidem, p. 174.

11. Os 12 pioneiros e empreendedores que nasceram, trabalharam ou construíram empreendimentos em São Paulo são: Antonio Prado, Luiz de Queiroz, Ramos de Azevedo, Francisco Matarazzo, Nami Jafet, Julio Mesquita, Wolff Klabin, Horácio Lafer, Roberto Simonsen, Leon Feffer, José Ermírio de Moraes e Valentim Diniz.

12. Agradecemos especialmente ao Museu da Casa Brasileira, Museu Paulista, Biblioteca Mário de Andrade, Maria Luiza Dutra, Clara Azevedo e Júlia Picchioni (Tomara! Educação e Cultura).

13. Foram utilizadas peças do Conjunto Beranger, do acervo do Museu da Casa Brasileira: duas cadeiras, um aparador e um canapé.



Palácio dos Campos Elíseos
Foto: Benedito Junqueira Duarte, 1937
Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo

O Palácio dos Campos Elíseos também foi alvo de pesquisa específica, em que se buscou referências imagéticas e informações sobre sua arquitetura (transformações no edifício) e sua ocupação (usos residencial e administrativo).

Ainda no percurso de pré-produção da edição paulista, foi trazida uma novidade para o projeto: a inserção de algumas mulheres brasileiras[14] que tiveram notável pioneirismo em suas trajetórias. Embora não equiparável à pesquisa feita sobre os pioneiros homens, a apresentação das mulheres exigiu a produção de sínteses, com alguns dados biográficos e de contextualização das personagens. Assim, totens em escala humana, com desenhos dos 24 pioneiros, cada um com uma pequena legenda com dados biográficos do indivíduo, ficaram concentrados na primeira sala da exposição, enquanto totens semelhantes, de 8 mulheres pioneiras, acompanhados também de pequenas biografias, foram distribuídos pelas salas dos módulos históricos. Essa foi uma solução expográfica para marcar a presença física dessas mulheres. Também foi elaborado um texto introdutório que anunciava a inserção delas na narrativa expositiva.

A atualização do discurso expositivo pode ser ainda um potente meio para diálogos entre gerações, pois a cada edição são trazidos novos elementos, que permitem abordagens, interpretações e questionamentos que se renovam a cada visita. Crianças, jovens, adultos ou idosos que visitam a exposição terão diferentes entendimentos sobre o empreendedorismo, diferentes percepções sobre os objetos, diferentes dúvidas e inquietações quanto ao tema. As questões atuais, portanto, resultam em um rico processo em que o público também produz camadas de significado para o que está em exposição.

SELEÇÃO E COLETA DE OBJETOS

No processo de criação de uma exposição há múltiplas ações que são ora concomitantes, ora consecutivas, mas sempre dependentes umas das outras para acontecerem. A experiência de pesquisa específica para um discurso museológico já existente demonstra um reforço à necessidade de integração e complementação com a etapa de produção museológica.

Embora os objetos não tenham sido alvo de análises pormenorizadas nesta exposição, cabe-nos uma reflexão importante sobre eles: não houve um acervo institucional como ponto de partida, mas sim uma coleta de objetos que, uma vez reunidos, compõem a narrativa.

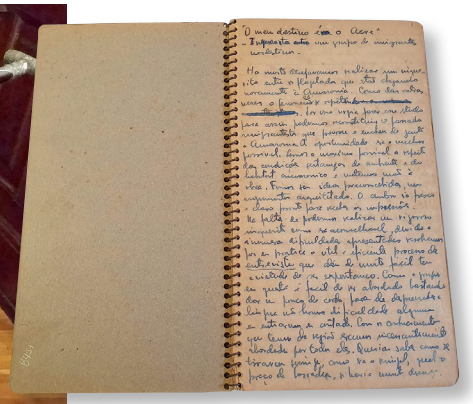


Câmera de filmagem.
Acervo Memória Globo

14. Elas estão relacionadas na nota 4, na página 59 desta publicação.



Carrinho de jacarandá e pá de prata.
Acervo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro



Caderneta de Samuel Benchimol.
Acervo Bemol Matriz

Essa coleta, no entanto, teve um direcionamento pautado nos dois módulos iniciais: o primeiro, mais biográfico, com objetos que pertenceram aos pioneiros, e o segundo, com subdivisões voltadas para os períodos históricos (Brasil Monárquico, Primeira República, Era Vargas, Brasil Contemporâneo), em que despontaram os empreendimentos, com um conjunto de objetos que a eles se referiam especificamente.

Mesmo os objetos que já haviam sido selecionados para outras edições precisaram de revisão, adaptação ao novo espaço que os receberia, verificação de condições de empréstimo, transporte e estado de conservação, que por vezes impediram que algumas peças figurassem nesta exposição. Portanto, a fim de preencher essas lacunas, foram pensadas alternativas, com o objetivo de auxiliar na contextualização e sustentação daquela narrativa principal.



Máquina calculadora.
Acervo Família Diniz



Lanterna a querosene de locomotiva a vapor.
Acervo de Frederico Axel Lundgren

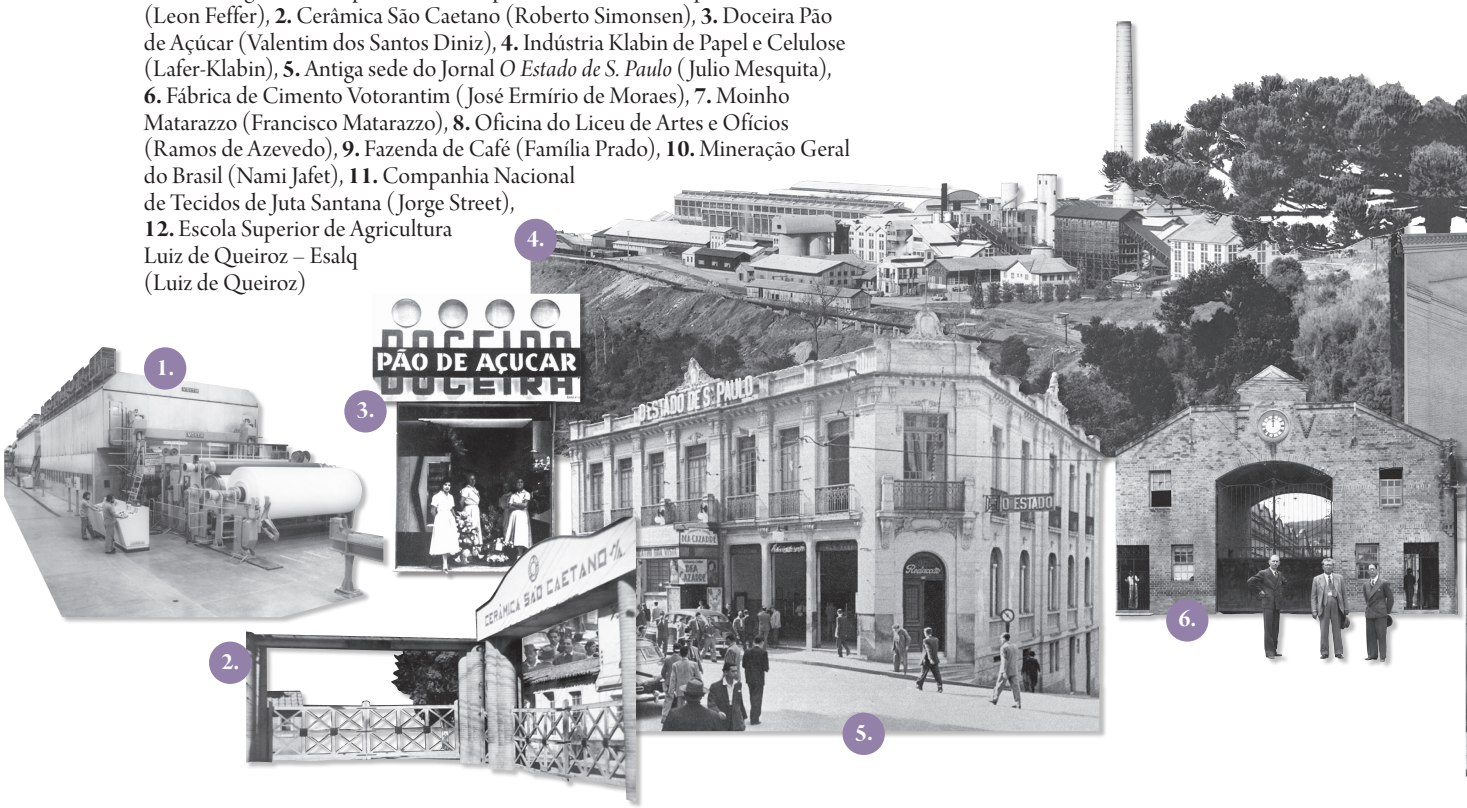
CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exposições, como recursos comunicativos de produção e difusão de conhecimento, são também um meio de preservação: quanto mais se faz conhecida, quanto mais se faz uso dela e quanto mais faz sentido para os visitantes, maior potencial transformador ela terá. Por isso, as instituições de memória, como fruto de sua própria época, têm o papel fundamental de não se furtarem às questões e demandas contemporâneas.

Pioneiros & Empreendedores trata de histórias de indivíduos, portanto parte de memórias de âmbito pessoal, mas de concretude e impacto coletivos. É esse caminho, portanto, que a exposição apresenta: a partir do conceito gerador, a estrutura do roteiro e a construção das narrativas "transformaram" essas memórias individuais em memórias coletivas (empreendimentos) e memória histórica (períodos).

Esse discurso museológico, então, teve como motivação principal a intenção de que a memória desses pioneiros e pioneiras auxiliassem no enfrentamento de questões atuais, servindo como inspiração e reflexão crítica para o momento presente.

Todos os módulos da exposição possuem um texto breve de abertura, cada qual com uma pergunta, um gatilho. Assim como toda curiosidade, toda pesquisa também começa com uma pergunta, da qual derivam outras e assim o conhecimento vai se construindo, ampliando, diversificando e renovando. Dessa forma, toda exposição é passível de atualizações, que devem ter como objetivo ampliar seu potencial e seus sentidos.



Fotomontagem dos empreendimentos paulistas: **1.** Suzano Papel e Celulose (Leon Feffer), **2.** Cerâmica São Caetano (Roberto Simonsen), **3.** Doceira Pão de Açúcar (Valentim dos Santos Diniz), **4.** Indústria Klabin de Papel e Celulose (Lafer-Klabin), **5.** Antiga sede do Jornal *O Estado de S. Paulo* (Julio Mesquita), **6.** Fábrica de Cimento Votorantim (José Ermírio de Moraes), **7.** Moinho Matarazzo (Francisco Matarazzo), **8.** Oficina do Liceu de Artes e Ofícios (Ramos de Azevedo), **9.** Fazenda de Café (Família Prado), **10.** Mineração Geral do Brasil (Nami Jafet), **11.** Companhia Nacional de Tecidos de Juta Santana (Jorge Street), **12.** Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Esalq (Luiz de Queiroz)

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "Exposições museológicas: uma linguagem para o futuro". *Teoria museológica latino-americana:* proto-história. Sandra Escudero (ed.). ICOFOM-LAM, 2019, p. 225-229. (Série Teoria museológica latino-americana. Textos fundamentais.)

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "A musealização e a regionalidade". *O Brasil reencontra os pioneiros:* textos e contextos regionais. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 123-174.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caminhos da memória:* para fazer uma exposição. Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão (pesquisa e elaboração do texto). Brasília, DF: IBRAM, 2017.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores:* a saga do desenvolvimento no Brasil. 3 Vols. São Paulo: Edusp; Editora Saraiva, 2003, 2005, 2007.

O Brasil reencontra os pioneiros: textos e contextos regionais. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil. Os caminhos do processo de musealização. Jacques Marcovitch e Maria Cristina Oliveira Bruno (coord.). São Paulo, Expomus, 2012.

SOBRE O AUTORA

Historiadora formada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e museóloga formada pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, também da USP. Atualmente, cursando especialização em Gestão Cultural, pelo Senac-SP. Trabalha desde 2010 em projetos culturais em arquivos, centros de memória e museus.




AÇUCAR
EIRA



DIÁLOGOS ENTRE OS JOVENS, PIONEIRAS E PIONEIROS

por Marina Sartori de Toledo

Museus são espaços privilegiados de conhecimento, uma vez que permitem a relação direta com produtos da criação humana, como a cultura, o pensamento, a história e a memória. O mesmo podemos dizer de exposições como *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*, ao narrar a trajetória de pioneiros(as) e suas contribuições para o desenvolvimento do país, com o auxílio de objetos indicadores da memória e referências de tempo, espaço e hábitos culturais. O patrimônio cultural como produto da humanidade, ali exposto, possibilita aos indivíduos identificação ou estranhamento, questionamentos, conexões, reflexões e pertencimento. É um espaço para exercitar o olhar, a análise e a imaginação. Partindo da premissa de que o conhecimento se dá em cada pessoa de maneira distinta, a partir das conexões que ela é capaz de criar entre o novo objeto do conhecimento e suas vivências anteriores, e considerando que museus e exposições apresentam uma multiplicidade de linguagens simultâneas que possibilitam uma interação direta do indivíduo com o patrimônio, utilizando diferentes percepções, podemos dizer que esses são espaços singulares de construção do conhecimento.

Na relação direta com o objeto patrimonializado, as áreas do conhecimento se articulam naturalmente, em especial a partir da imaginação e criação de narrativas que favorecem a construção de sentidos. No entanto, a relação direta com o objeto museal por si só não promove uma construção consistente do conhecimento e o desenvolvimento do indivíduo. Para que isso aconteça, o papel da educação museal[1] é fundamental, por criar processos que possibilitem que obras e imagens que se encontram nos museus e exposições repercutam nos visitantes.

Por meio de metodologias próprias, desenvolvidas a partir de conceitos e valores relacionados a processos museais, a educação museal torna vivo o objeto patrimonializado, ao ativá-lo por intermédio de processos educativos que permitem ao indivíduo criar relações entre estes e seu cotidiano, sua vida, seus conhecimentos. A presença de um educador, profissional qualificado, responsável por instigar uma relação dialógica, desafia o visitante, propiciando espaços de reflexão e levando-o a tecer diálogos internos que possam gerar inquietudes, novas visões, novas relações, quebra de estereótipos e preconceitos, ao ter contato com o objeto, a obra, o acervo e as visões de outros participantes do diálogo. Ao promover estímulos, oferecer saberes, conduzir um diálogo, o educador potencializa o espaço da experiência e contribui para trazer à tona outras camadas de significados invisíveis, embora latentes, o que permite que o indivíduo construa novos conhecimentos e novas narrativas, transforme percepções, ressignifique conceitos, produza novos sentidos na relação com os objetos, imagens e saberes (conhecimento e modos de fazer). O diálogo com o educador e outras pessoas que porventura

1. Sobre o movimento de educação museal no Brasil e o processo de desenvolvimento e de construção participativa da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), conferir a bibliografia.

participem da visita permite, ainda, a percepção de diferentes pontos de vista, ampliando visões e a compreensão da diversidade, entre outras habilidades fundamentais para a formação integral do indivíduo. Os espaços de diálogo criados permitem interações e reflexões sobre os mais variados temas do conhecimento, assim como de questões da atualidade, promovendo a aprendizagem crítica e um olhar analítico, criando ainda ambientes propícios para o incremento de ideias e propostas. O diálogo propicia, também, o desenvolvimento de competências de comunicação e escuta, além da compreensão de diferentes pontos de vista; cria também possibilidade de leituras múltiplas do mundo, de forma que a construção do conhecimento ocorra da maneira mais diversa e ampla possível.

A educação museal tem como um dos objetivos a compreensão do que é memória e história – a necessidade de conhecimento, preservação e criação da memória individual e coletiva. A memória, ponto central da dimensão museal, é um elemento importante do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. A visita educativa oferece inúmeras possibilidades de estímulos e interpretação dos signos e símbolos, em especial daqueles que constituem o documento de memória materializado nos acervos. A "memória cultural" é importante subsídio para a construção e reconstrução daquilo que definimos como "identidade cultural". A partir desses conceitos, a educação museal atua na formação crítica, no sentido de criar condições para a emancipação dos indivíduos e para que se tornem agentes de transformação social.

O projeto educativo desta exposição, desenvolvido em sintonia com a coordenação museológica e curadoria, foi orientado a partir de dois enfoques:

1. As referências dos(as) pioneiros(as) e suas trajetórias de vida, a partir dos conceitos:
> Multiplicidade de caminhos e decisões
> Capacidade antecipatória em relação aos empreendimentos
> Mecanismos produzidos para a superação de situações adversas
> Leitura do contexto que orientou as ações pioneiras
> Busca da inovação para ampliação dos negócios

2. A cidade de São Paulo e o bairro dos Campos Elíseos – a formação de ambos, as transformações e o contexto atual – a partir do Palácio dos Campos Elíseos como um lugar de memória.

Os educadores[2] receberam uma formação inicial de 35 horas, que incluiu conversas com o curador Jacques Marcovitch e com a museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno; palestra com a historiadora Caroline Grassi – uma das responsáveis pela pesquisa museológica do projeto; e oficinas sobre acessibilidade, jogos e mediação. Uma formação continuada foi realizada no decorrer da exposição, com leitura e discussão de textos sobre metodologias de visitas e temas correlatos, além de estudos e pesquisas básicas sobre as pioneiras, os pioneiros, suas ações e épocas. A reflexão e avaliação semanais da equipe sobre as visitas permitiu o aprimoramento do trabalho, buscando novas abordagens e metodologias, de acordo com as demandas e especificidades dos grupos.

2. Equipe do Educativo, etapa São Paulo – Coordenação: Marina Toledo; Coordenação local: Jayson Sant'Ana; Agendamento: Mª Regina Santos; Educadores: Clóvis Geron Jr, Edson Ignácio de Oliveira, Heloísa Milena da Silva, Sara Furtado Figueiredo e Thayline Albuquerque da Silva.

A visita, desenvolvida a partir da metodologia de mediação dialogada e reflexiva, foi pensada com a duração de 90 minutos, compreendendo um momento de acolhimento do grupo, em que uma conversa inicial ou uma dinâmica aproximam os visitantes do tema da exposição e do educador; um percurso pela exposição, com um recorte preestabelecido e a partir de uma dinâmica escolhida pelo educador; um fechamento/síntese da visita, momento em que o educador tem a oportunidade de avaliar, pelas colocações dos participantes, o que restou dos conceitos trabalhados e, se necessário, fazer alguma retificação ou complementação; e uma oficina final sobre projetos empreendedores. O tempo da visita foi avaliado como insuficiente por professores e pelos educadores da exposição. Segundo a experiência, ponderou-se que o tempo ideal seria de duas horas. O horário reduzido de abertura do Palácio, bem como a utilização, por todos os grupos, do módulo 5 para a realização da oficina de projetos, não permitiu a ampliação do tempo de visita. Mesmo assim, as práticas adotadas foram bem avaliadas pelos professores e os conteúdos foram trabalhados com êxito.

Os roteiros de visita foram criados pelos próprios educadores, com supervisão da coordenação local e a do projeto. A partir dos dois enfoques estabelecidos pelo programa, cada educador elegeu aspectos que gostaria de abordar com cada faixa etária ou ano escolar. Muito embora o projeto conte desde seu início com materiais educativos de suporte para a visita, como um jogo da memória e um quebra-cabeças, os educadores foram estimulados a criar novos jogos e dinâmicas a partir de sua própria experiência e vivência da exposição. Buscou-se, com isso, uma forma orgânica de trabalho, garantindo ao educador a autoria de suas visitas, ao mesmo tempo que a avaliação e troca constante com a equipe de coordenação assegurou a unidade em torno das linhas curatoriais e da proposta da exposição, bem como da metodologia das visitas.



Educador e grupo de jovens em frente à vitrine do módulo 1

As oficinas de criação de um projeto empreendedor foram um espaço rico para debates e reflexões sobre a escola, questões sociais e também sobre sustentabilidade. Trouxeram à tona, muitas vezes, até mesmo os problemas de depressão e *bullying* tão presentes hoje na vida dos jovens. Os educadores avaliaram que a dificuldade na escrita, a carência de repertório que possibilitasse criar/imaginar situações novas, e a falta de conhecimento básico dos conteúdos apresentados na exposição, inclusive de História do Brasil, foram obstáculos enfrentados para a construção dos projetos.

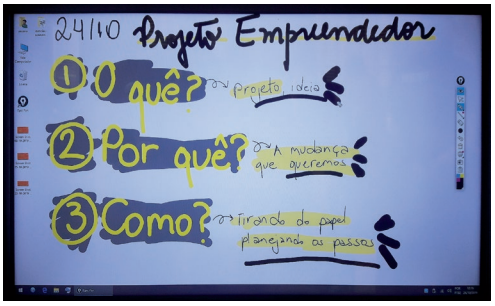
Mesmo assim, o relato de uma das visitas feito pela educadora Thayline mostra a importância dessa iniciativa:

À tarde foi a vez da EMEF Profª Thereza Maciel de Paula e a visita foi incrível. A escola já ganhou várias premiações em concursos de poesia, slams *e em diversos eventos culturais com alunos que são verdadeiros artistas em construção. No meu grupo havia duas, Ana e Letícia, que já foram premiadas em* slams *escolares com a escrita de poesias que falam sobre feminicídio, machismo nas favelas, empoderamento feminino, relacionamento abusivo. No acolhimento fiz a dinâmica do labirinto e sonhos e elas anotavam tudo que mais chamava atenção à cada parte da visita. Eu propus que elas fizessem uma rima como uma síntese da visita e, ao terminarmos, elas compartilharam com a sala. Fiquei muito emocionada com o resultado. Na rima foi citado tudo que foi discutido na visita, vários detalhes que passaram despercebidos por mim na minha fala espontânea a partir do que eles trazem. Colocaram desde o que sentiram ao entrar no "palácio da elite" e como se apropriaram do espaço depois de saberem sobre as histórias que lá ocorreram, o que reafirma o lugar de onde eles vêm, porém hoje o espaço também é deles... Voltei para casa pensando nessas ações que são transformadoras, pensando em como eu me sentia quando conseguia acessar espaços culturais, lugares eruditos a que não me sentia pertencer, e no quanto a História me fez ressignificar e me apropriar desses lugares.*

Em outro relato, da educadora Heloísa, é possível perceber o envolvimento de alguns grupos com o projeto:

Um dos projetos foi fazer uma empresa de salada no copinho para incentivar a alimentação saudável. O grupo pensou em fazer parcerias com centros agrícolas, associar a alimentação com projetos sociais, investir em materiais reutilizáveis para a embalagem, gerando custos menores e menos impacto ambiental. Mas o mais interessante para mim é que pensaram em toda a estrutura da embalagem: na parte de cima viria o molho de tempero, na segunda parte proteína, na terceira parte viria a salada e no último um compartimento para sementes que, depois, a pessoa poderia plantar em algum lugar.

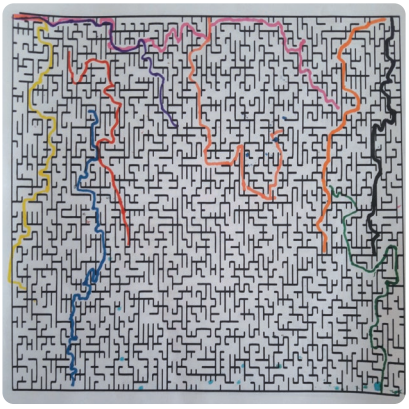




Oficina de projetos empreendedores

O objetivo do trabalho dos educadores é sempre o de provocar nos visitantes, em especial nos jovens estudantes, reflexões e conexões entre o que é retratado na exposição, o contemporâneo e suas próprias vidas. A reflexão está no cerne do projeto expositivo. Cada módulo da exposição se inicia e termina com uma pergunta como: *Qual o perfil necessário para atravessar o labirinto? Como o desenvolvimento da industrialização e da urbanização contribuiu para a capacidade de inovação e a visão de futuro dos pioneiros? Qual a juventude mais desafiada: a do século anterior ou a que hoje se empenha na construção do futuro?*

Jogos e dinâmicas que tornem o clima da visita mais lúdico e desafiador e facilitem a relação com o conteúdo expositivo são uma marca da metodologia escolhida para o programa educativo desta exposição. Como exemplo, para trabalhar o conceito de labirinto proposto pela curadoria, ilustrando a multiplicidade de caminhos e decisões pelas quais precisaram passar os pioneiros e também os próprios visitantes em suas vidas, os grupos recebiam um labirinto impresso e deveriam traçar o caminho da entrada até a saída do mesmo. Vários alunos traçavam suas tentativas em cores distintas e o resultado era o ponto de partida para o educador propor ao grupo a reflexão sobre a multiplicidade de caminhos e decisões com que cada um se depara ao longo da vida e com isso introduzir a exposição e seus protagonistas.



Dinâmica do labirinto

O jogo da memória, com a imagem de cada pioneiro fazendo dupla com fotos de seu empreendimento, produto ou objeto pessoal, foi originalmente pensado para trabalhar com famílias e crianças, associado à contação das histórias desses empresários, contudo os educadores criaram outras opções de uso das cartas em suas visitas. Entre elas uma dinâmica que instigava a curiosidade dos jovens ao receberem uma carta apenas, como a foto de um pioneiro, sem seu nome, ou de um objeto, e a partir dela, duplas ou trios tinham que buscá-la na exposição e trazer para o grupo ao final da exploração quem era a pessoa retratada e o porquê de ela fazer parte da exposição, ou, no caso do objeto, em que contexto ele estava inserido, a qual pioneiro estava relacionado e por quê.



Dinâmica das cartas, para exploração da exposição

A avaliação é parte fundamental do trabalho e deve ser realizada durante todo o processo para corrigir rotas e, ao final, como forma de verificar se os objetivos foram alcançados e qualificar o processo. No projeto da exposição *Pioneiros & Empreendedores*, além da avaliação semanal feita entre os educadores e a coordenação, cada visita realizada com um grupo escolar era avaliada pelo professor e pelo educador. O formulário do professor abrangia questões sobre a metodologia da visita e estratégias adotadas pelo educador, sobre a oficina de projeto empreendedor e ainda sobre a exposição. Já o formulário respondido pelo educador tratava das características do grupo e das estratégias escolhidas para o trabalho, a divisão do tempo e a relação de ambos com os resultados obtidos. Assim como na avaliação do professor, os educadores também analisavam a relação dos grupos com o projeto expositivo, observando a reação das diferentes faixas etárias ao conteúdo de cada módulo e aos recursos expositivos.

A análise dos formulários de avaliação aponta que os professores consideraram excelentes as abordagens dos conteúdos. Em relação às estratégias adotadas pelos educadores, a utilização de jogos e dinâmicas durante a visita e a exploração do espaço expositivo a partir de desafios propostos foram as estratégias apontadas como as que mais envolveram os alunos. A roda de conversa e as perguntas que provocavam reflexões, realizadas durante a visita, também aparecem nas avaliações como recursos que estimularam a participação dos alunos. Talvez um dos pontos mais relevantes da avaliação tenha sido a afirmação de 94,4% dos professores de que a visita mediada pelos educadores, os conteúdos expositivos e a oficina aguçaram o pensamento dos alunos em relação ao futuro, corroborando o êxito do trabalho.

De fato, foi possível constatar, tanto na etapa de São Paulo quanto nas outras cidades em que a exposição esteve, que a trajetória das pioneiras e dos pioneiros retratados e sua postura diante das adversidades impacta de forma positiva os jovens, estimulando-os a pensar em projetos para a escola, a comunidade e, muitas vezes, para sua própria vida.

BIBLIOGRAFIA

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal.* Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf. Acesso em 15 set 2020.

NSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Política Nacional de Educação Museal (PNEM).* Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em: https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal.pdf. Acesso em 15 set 2020.

MACEDO, L. *Jogos, Psicologia e Educação.* Teoria e pesquisas. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2009.

SOBRE O AUTORA

Mestre em Artes/Teatro (ECA/USP) e licenciada em Artes (FAAP). Atua na área de exposições e museus desde 2004, coordenando projetos educativos e formação de mediadores e professores em exposições temporárias e itinerantes. Desde 2007 é responsável pelo Núcleo Educativo do Museu da Língua Portuguesa e a partir de 2017 passou a atuar simultaneamente como Assistente Técnica da Diretoria do IDBrasil (Organização Social de Cultura). Na área da Educação, foi professora de Artes, Teatro e História da Arte em diversos colégios de São Paulo.

PIONEIROS & EMPREENDEDORES
: a saga do desenvolvimento no Brasil




PIONEIROS & EMPREENDEDORES
A saga do desenvolvimento no Brasil


BALDOINO


PIONEIROS & EMPREENDEDORES
: a saga do desenvolvimento no Brasil


M2








5
REDE GLOBO
marcelo













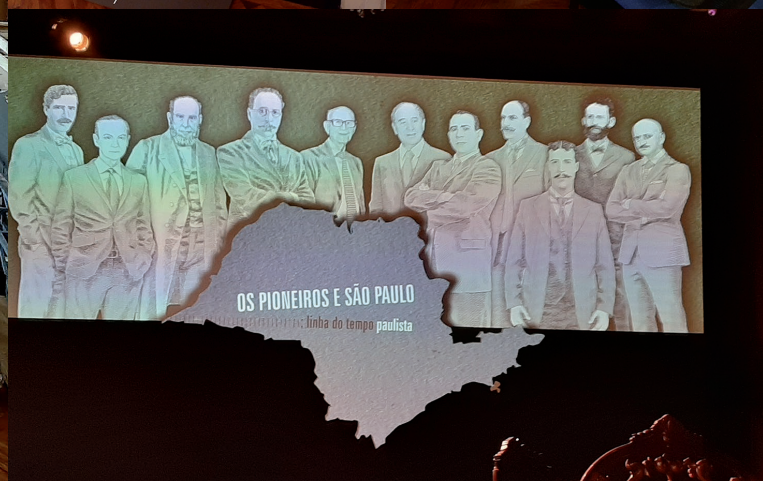

187






ROSE DA SILVEIRA


Durante os quinze anos em que Getúlio Vargas permaneceu no poder,
seu governo se destacou pela criação de um projeto de Estado nacional,
pela promoção efetiva da industria, pela consolidação de leis trabalhistas
e pela repressão às vozes contrárias ao regime político.
A trajetória empresarial de vários pioneiros possibilitou a realização de projetos
conjuntos com o governo federal, principalmente em relação à aderência e ao permeio
De que forma é possível identificar a presença
nas trajetórias empresariais
manus

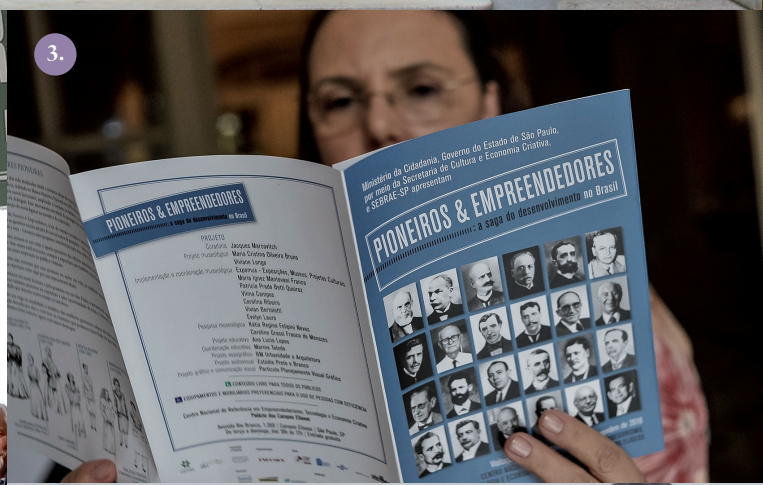

OS PIONEIROS E SÃO PAULO
linha do tempo paulista


PIONEIROS & EMPREE
: a saga do desenv

1.


PIONEIROS & EMPREENDEDOR
: a saga do desenvolvimento no
WRITTEN AND DIRECTED BY
QUENTIN

2.


PIONEIROS & EMPREENDEDORES
Ministério da Cidadania, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e SEBRAE-SP apresentam
PIONEIROS & EMPREENDEDORES
: a saga do desenvolvimento no Brasil

3.



4.



5.

1. Curso de atualização em Educação Empreendedora: participantes, com Alexandre Macchione Saes, Marly Perecin, Marina Toledo e Jacques Marcovitch

2. Equipe de montagem da exposição

3. Momento de leitura do programa da exposição

4. Yoná Santos, do Liceu de Artes e Ofícios, recebe seu certificado do Curso de Atualização em Educação Empreendedora, com Wilson Poit, Mara Sampaio e Maria Lucia Baltieri

5. Marly Perecin, autora de O*s Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*, com Jacques Marcovitch, junto à silhueta do pioneiro Luiz de Souza Queiroz

6. Maria Cristina de Oliveira Bruno e Patrícia Queiroz, com educadores na entrada da exposição



6.



PROJETO

Curadoria Jacques Marcovitch

Projeto museológico Maria Cristina Oliveira Bruno
Viviane Longo

Implementação
e coordenação museológica Expomus - Exposições, Museus, Projetos Culturais
Maria Ignez Mantovani Franco
Patrícia Prado Betti Queiroz
Ana Maria Barcellos de Lima
Vilma Campos
Carolina Ribeiro
Vivian Bortolotti
Evelyn Lauro

Pesquisa museológica Kátia Regina Felipini Neves
Caroline Grassi Franco de Menezes

Projeto educativo Ana Lucia Lopes

Coordenação educativa Marina Toledo

Projeto expográfico BM Urbanidade e Arquitetura

Projeto audiovisual Estúdio Preto e Branco

Projeto gráfico
e comunicação visual Partícula Planejamento Visual Gráfico

LIVRO

Coordenação editorial Jacques Marcovitch
Maria Cristina Oliveira Bruno

Coordenação executiva Patrícia Prado Betti Queiroz

Gestão financeira e administrativa Ana Maria Barcellos de Lima

Textos Francisco Vidal Luna
Herbert S. Klein
Alexandre Macchione Saes
Jacques Marcovitch
Maria Cristina Oliveira Bruno
Fernanda Carvalho
Viviane Vitor Longo
Marina Toledo

Projeto gráfico Partícula Planejamento Visual Gráfico

Fotos Arquivo do Projeto

Revisão Lia Ana Trzmielina

Agradecimentos a Emprestadores

APAAAB FUNCAEMI
Associação Cultural Vila Maria Zelia
Bemol - Benchimol, Irmão e Cia Ltda.
Centro Cultural Liceu de Artes e Ofícios
Centro de Documentação e Memória Klabin
Centro de Documentação Memória Suzano – CDM
Divisão de Biblioteca da Escola Politécnica da USP
Espaço Horizontes
Frederico Axel Lundgren
Fundação Edson Queiroz - UNIFOR
Fundação Joaquim Nabuco
Fundação Pró Memória de São Caetano do Sul -
Museu Histórico Municipal
Gerdau Aços Longos S/A
Grupo Estado
Instituto de Estudos Brasileiros – IEB USP
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Itaú Cultural
José Antonio Penteado Vignoli
José de Paula Machado
Memória Globo
Memória Votorantim
Museu da Casa Brasileira
Museu e Centro de Ciências, Educação e
Artes Luiz de Queiroz
Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes
Museu Paulista
Museu Têxtil Décio Mascarenhas
Pinacoteca do Estado de São Paulo
Ruy Mesquita Filho
Secretaria de Cultura e Economia Criativa -
Governo do Estado de São Paulo
Zelia Monteiro

Agradecimentos

Alexandre Macchione Saes
Angélica Fabbri
Anna Laura Canuto
Antonio Carlos Godoy
Bianca Costa
Boris Fausto
Clara Azevedo
Cléia Campos
Danieli Giovanini
Denis Benchimol Minev
Denise Almeida
Diana Vidal
Dorinho Bastos
Edmundo Leite
Elisabete Ribas
Ernandes Evaristo Lopes
Eurípedes Junior
Fundação Arymax
Ilana Benchimol Minev
Jaime Benchimol
Joana Moreno de Andrade
João Paulo Teixeira
Julia Maria Matera
Julia Picchioni
Luiz Mello
Mara Sampaio
Marcelo Araujo
Márcia Hentschel
Maria Augusta Barradas Barata
Maria Dora Mourão
Maria José da Silva Fernandes
Maria Lúcia Baltieri
Marília Bonas
Marina Franciulli
Maurício Rafael Erriefe
Osvaldo Gouveia
Patrícia Loureiro Marques Macedo
Pedro Belasco
Plinio Martins
Ricardo Bogus
Sandra Boccia
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)
Silvério Crestana
Sílvia Shimada Borges
Tamimi David Rayes Borsatto
Vera Lúcia Bottrel Tostes
Vera Lucia Monteiro de Melo
Viviane Sarraf
Washington Kuiz Aissa
Wilson Poit
Wilton Guerra

Formato 20 X 25 cm
Tipologia Arno Pro - 11,7/14 (texto principal) e Berthold Akzidenz Grotesk
Papel Cartão DuoDesign 300 g/m² (capa)
Couchè Fosco 115 g/m² (miolo)
Número de páginas 112
Tiragem 500 exemplares
CTP, impressão e acabamento Lis Gráfica e Editora Ltda.

RETIRO
Canindé
Luz
Pary
EPHIGENIA
Marco
BELEMZINHO
BRAZ
Hyppodromo
MOOCA
Alto da M
LIBERDADE
CAMBUCY
Acclimação
Villa Deodoro

9 786587 936079

Este terceiro volume de *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* resulta da apresentação da exposição *São Paulo e os pioneiros*, no Palácio dos Campos Elíseos. Nesse lugar de memória é desvelado o cenário político e econômico em que pioneiros paulistas e pioneiras brasileiras enfrentaram crises e adversidades. Os valores que guiaram suas vidas, suas experiências e trajetórias tornam esses personagens fontes inspiradoras para a construção de uma nova era.

publicações BBM

1822·1922·2022